

MÁRCIO ROBERTO VOIGT

IMIGRAÇÃO E CULTURA ALEMÃ NO VALE DO ITAJAÍ.

EDUCAÇÃO, RELIGIÃO E SOCIEDADES

NA HISTÓRIA DE TIMBÓ (SC). 1869-1939.

**Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção do grau de Mestre. Curso de Pós-
Graduação em História, Centro de Filosofia e
Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa
Catarina. Orientador: Prof. Dr. Valberto Dirksen.**

FLORIANÓPOLIS

1996

**IMIGRAÇÃO E CULTURA ALEMÃ NO VALE DO ITAJAÍ.
EDUCAÇÃO, RELIGIÃO E SOCIEDADES
NA HISTÓRIA DE TIMBÓ. (SC) 1869-1939.**

Dissertação Apresentada por

Márcio Roberto Voigt

**Esta dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final
pelo Orientador e Membros da Banca Examinadora,
composta pelos professores:**

Prof. Dr. Valberto Dirksen - Orientador. (UFSC)

Prof. Dr. Jorge Luiz da Cunha. (UFSM)

Prof(a). Dr(a). Marly F. Bustamante Mira (UFSC)

A meus pais, Rolf e Crista Voigt, pelo apoio e incentivo recebidos durante estes anos de trabalho. À Daniela, pela compreensão e companheirismo sempre presentes.

Agradecimentos

Ao orientador, Prof. Dr. Valberto Dirksen.

Ao Prof. João Klug pelas contribuições sempre esclarecedoras, e por ter permitido acesso à importante documentação do Arquivo Evangélico Central de Berlim.

À Prof(a) Msc. Suely Maria Vanzuita Petry, Diretora do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, pela ajuda e empenho durante as pesquisas em Blumenau. À colega Cristina Ferreira, e à Kátia, Maria e Mirele, funcionárias, pela atenção recebida no referido arquivo.

À Neusa, bibliotecária do Arquivo Público pelo atendimento sempre presente.

A Horst e Lúcia Evers e a Sidney e família, pelo apoio durante minhas pesquisas em Blumenau.

À Lonny Voigt (In Memoriam), Dorit, Eliane, Marlom e Wolny pela ajuda em minhas pesquisas em Timbó.

A todos que contribuíram de uma forma ou de outra, para a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

Lista de quadros.....	VIII
Lista de figuras.....	IX
Resumo.....	X
Zusammenfassung.....	XI
Introdução.....	1
Um enfoque regional.....	1
Igreja, escolas e sociedades.....	3
Cultura alemã.....	4
O problemas das fontes.....	6
A historiografia timboense.....	7
O referencial teórico.....	11
Capítulo 1. A Fundação de Timbó no Contexto da Colonização do Vale-do-Itajaí.....	16
1.1. O contexto migratório no século XIX; os imigrantes alemães e o Brasil.....	16
1.2. As colônias alemãs em Santa Catarina.....	21
1.3. O povoamento e reconhecimento do Vale do Itajaí antes da fundação de Blumenau.....	24
1.4. Fundação de Blumenau e expansão da colonização rio acima.....	28
1.5. Balanço populacional em 1869.....	36
1.6. As origens do povoamento e da fundação de Timbó (c. 1864-1869).....	45
1.7. As origens institucionais e a evolução política (1869-1934).....	48
Capítulo 2. O Caráter Germânico Luterano do Povoamento de Timbó.....	54
2.1. Germanismo e religiosidade.....	54
2.2. O serviço religioso em Timbó antes da criação da Comunidade Luterana.....	59

2.3. A estruturação da Comunidade Luterana.....	62
2.4. A construção do primeiro templo e a fundação da Paróquia Unida com Indaial.....	65
2.5. Separação de Indaial e fundação da Paróquia Evangélica de Timbó.....	70
2.6. Evolução institucional da Paróquia Evangélica de Timbó até o final da década de 20.....	71
2.7. As comunidades luteranas do interior de Timbó (1890-1930).....	77
2.8. Os Anos 30. Filiação a “Deutsche Reichskirche” e criação da “Lehrer Präparande”.....	79
Capítulo 3. O Ensino Básico e a Transmissão da Germanidade Luterana.....	82
3.1 A escola germânica luterana como núcleo étnico-cultural.....	82
3.2. O vazio do poder público e a falta de escolas.....	87
3.3. O meio rural e as dificuldades educacionais.....	89
3.4. As escolas coloniais em Timbó.....	90
3.5. O caso da “Deutsche Lehrer Präparande”.....	100
3.6. As escolas públicas em Timbó e a ofensiva nacionalizadora.....	101
Capítulo 4. Sociabilidade Germânica e Instituições Culturais.....	109
4.1. Tradição e vínculos culturais.....	109
4.2. Algumas referências às primeiras associações e festas típicas germânicas.....	112
4.3. Timbó e a imprensa do Vale do Itajaí.....	125
Conclusão.....	131
Anexos.....	134
Fontes e Referências Bibliográficas.....	145

LISTAS**Lista de Quadros.**

Quadro 1. Imigração na Colônia Particular Blumenau (1850-1860).....	29
Quadro 2. Imigração na Colônia Imperial Blumenau (1860-1882).....	33
Quadro 3. Moradores da Região de Timbó/1869. Sexo, Religião e nº de Lotes Distribuídos..	38
Quadro 4. Habitantes da Região de Timbó / nº de Lotes e Estado Civil / nº Absolutos e Relativos.....	40
Quadro 5. Habitantes da Região de Timbó por nº de Lotes Ocupados e Faixa Etária / nº Absolutos e Relativos.....	41
Quadro 6. Habitantes da Região de Timbó por nº de Lotes Ocupados. Habitantes por Lote/ nº Absolutos e Relativos.....	41
Quadro 7. Habitantes da Região de Timbó e de Blumenau em 1869 por Sexo, Estado Civil e Religião. Números Absolutos e Relativos.....	44

Lista de Figuras.

Figura 1. Mapa da Colonização Alemã em Santa Catarina.....	22
Figura 2. Mapa da Bacia do Rio Itajaí-Açu.....	30
Figura 3. Mapa da Colonização do Vale do Itajaí (1864).....	32
Figura 4. Mapa do Município de Timbó (1950).....	37
Figura 5. Mapa do Município de Timbó (1969).....	52
Figura 6. Foto do Jubileu da Igreja Evangélica de Timbó. (1915).....	75
Figura 7. Foto da Residência e Escola de Julius Scheidemantel (1912).....	93
Figura 8. Foto da Escola da Comunidade da Mulde Baixa.....	95
Figura 9. Inauguração do Grupo Escolar “Polidoro Santiago”. Timbó (07/09/1935).....	104
Figura 10. Foto de Sociedade de Ginástica em Timbó (1916).....	117
Figura 11. Sociedade Alegria. Foto Recente.....	118

Resumo

Este trabalho tem como objetivo, o estudo de alguns aspectos da História da imigração alemã em Timbó, Santa Catarina, no período de 1869-1939.

Optou-se, portanto, pela análise da atuação e desenvolvimento de três tipos de instituições: A igreja, a escola e as sociedades desportivas, recreativas e culturais.

Este enfoque de natureza sócio-cultural, permitiu uma reflexão sobre a manutenção ou não por parte destas instituições, de aspectos da cultura alemã originária dos antepassados. Possibilitou também, observar até que ponto ocorreram mudanças e rupturas culturais na História de Timbó.

Dentro deste contexto, este estudo pode ser classificado como de História regional e de micro-História.

Zusammenfassung

Diese Arbeit geschah mit der Absicht, die Geschichte der Immigration der Deutschen in Timbó, Santa Catarina, in der Zeit von 1869-1939, von einigen Gesichtspunkten aus zu studieren.

Dafür wurden drei Institutionstypen wie: Kirche, Schule und Gesellschaft - letztere in Sport, Unterhaltung und Kultur gegliedert - gewählt.

Diese Heraushebung, naturgemäss gesellschaftlich - kulturell, erlaubte eine Reflexion über die Institutionen, ob sie in der Lage waren, die Aspekte der originellen deutschen Kultur ihrer Vorfahren aufrecht zu erhalten.

Ermöglichte auch zu beobachten, in wieweit es zu Veränderungen und Rupturen der Kultur in der Geschichte Timbó's kam.

In diesem Zusammenhang kann man dieses Studium als Regiongeschichte und als Mikrogeschichte klassifizieren.

Introdução

O presente trabalho pretende ser uma contribuição à História da imigração e colonização alemã de Santa Catarina. Apesar desta temática já ter sido amplamente abordada por diversos autores, parece ser importante ampliar e aprofundar questões ainda não contempladas, e desenvolver abordagens que apontem para novos enfoques. Este estudo, portanto, procura ater-se a um contexto regional e pode ser entendido como uma tentativa de trabalho de micro-História.

Um enfoque regional

A História da colonização alemã de Santa Catarina, até a atualidade, ateu-se basicamente aos principais núcleos criados no século passado. Assim, tem-se concentrado o esforço de pesquisa principalmente em Blumenau, Joinville e Brusque. Existem, no entanto, outras pequenas localidades, próximas ou não as anteriormente citadas, merecedoras de registro e estudo. Nos últimos anos tem se multiplicado os estudos micro regionais focalizando uma pequena localidade ou algum aspecto específico de alguma comunidade. Em termos teóricos, diversos historiadores tem apontado para a importância de se privilegiar objetos específicos, que podem, por um lado conduzir à uma melhor caracterização de uma realidade

mais ampla, ou então, contribuir para que modelos explicativos de caráter geral sejam aplicados a situações particulares afim de serem confirmados ou não.¹

De qualquer forma, o historiador deve estar ciente de que não há temas que devam ser menosprezados, e, felizmente vai prevalecendo a necessidade de evitar generalizações que pudessem incluir em um mesmo quadro, comunidades com populações, tradições, instituições ou atitudes distintas em relação ao processo colonizador. É bem verdade, também, que muitos aspectos acabam pôr se repetir: a Igreja, as escolas, as sociedades, a relação com outras etnias, guardam semelhanças, mas “a priori”, isso não autoriza obras que se supõe conclusivas. Cada comunidade merece ter sua memória preservada e uma atenção particularizada. Este é um dos objetivos deste trabalho; perceber como ocorreu a colonização alemã em uma comunidade pequena, aparentemente isolada, pouco pesquisada até o momento. Neste intuito, ainda que Timbó não tenha tornado-se uma das maiores cidades de Santa Catarina, não possua um território, população ou economia de grandes proporções, que estejam entre as maiores do Estado, sua trajetória merece uma cuidadosa investigação, pois, foi uma das comunidades em que a cultura alemã foi preservada pôr mais tempo. Ainda hoje, destaca-se pôr seu perfil germânico, que transparece em suas festas, sua arquitetura e na “fisionomia” de seu povo. Neste contexto, fez-se uma opção pelo estudo das principais instituições sociais e de seu relacionamento com a cultura.

¹ GINZBURG, Carlo. *A Micro-História e Outros Ensaio*. Lisboa: DIFEL, 1989. Essa coletânea de ensaios procura tratar do estudo de temas de micro-História. A despeito dos temas e do contexto de Ginzburg serem completamente distintos do presente trabalho, não há como negar que a atitude do autor em privilegiar análises micro regionais ou então estudos de caso, foi ilustrativa e inspiradora na realização deste estudo.

Igreja, escola e sociedades

O objeto central deste trabalho repousa, portanto, no estudo da cultura germânica em Timbó através das principais instituições estabelecidas pelos imigrantes, e que os congregaram no novo país: a Igreja, a escola e as sociedades culturais, recreativas e desportivas. A partir deste tripé institucional, os colonizadores e seus descendentes organizaram sua vida, cultivaram e mantiveram a memória de seus antepassados. Da segunda metade do século passado até o final da década de 30 do século XX, limite cronológico deste trabalho, não aparecem outras iniciativas institucionais relevantes que não se enquadrem em uma das três categorias anteriormente citadas. Corresponde assinalar, porém, que a preservação de valores culturais e tradições não deve ser entendida como função exclusiva das instituições. Observa-se que a língua, principal fator mantenedor da herança cultural, apreendida e sustentada no âmbito da família, assim como outros diversos aspectos das relações cotidianas com seus vínculos e contatos entre as pessoas de uma comunidade, propiciam trocas de experiências que permitem manter e repassar, ou mesmo, descaracterizar aspectos da cultura originária. A opção pelas instituições passa, portanto, pôr uma questão metodológica, pois foram estas associações que tornaram possível as considerações aqui abordadas. Conscientes ou não do caráter cultural de suas instituições, os imigrantes fundaram as mesmas agindo como seus antepassados fizeram na pátria de origem. Através dos registros deixados pôr estas instituições, tornou-se possível perceber em que medida as tradições foram mantidas ou então inovadas no novo contexto em que os colonos se instalaram. Portanto, a própria disposição do trabalho reflete esta opção de análise. O primeiro capítulo trata de uma breve perspectiva histórica da colonização alemã de Santa Catarina, contextualizando Timbó no referido quadro imigratório. Os três capítulos seguintes tratam da evolução institucional da Comunidade Evangélica, das escolas privadas

alemãs e escolas públicas brasileiras e pôr fim, de algumas das diversas sociedades que foram criadas na região de Timbó. O corte temporal (1869-1939) baseia-se em duas datas básicas: a fundação de Timbó (1869), e o início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) durante cujo processo, as instituições sofreram violenta intervenção do Estado e um abrupto corte em suas atividades. É bem verdade, que este corte temporal no ano de 1939, é apenas um ponto de referência marcante dentro de um processo de progressivo cerceamento das atividades associativas que vinha ocorrendo há mais tempo, pôr causa do projeto nacionalizador empreendido pelo governo.

Cultura alemã

Pode-se contra argumentar evidentemente, que a História de Timbó não implica só a de etnia germânica, já que contribuíram no processo outras etnias para a formação e desenvolvimento da cidade. Os italianos, poloneses, luso-brasileiros e seus descendentes, estiveram presentes em diversos aspectos e momentos do período colonizador a partir dos seus inícios. A limitação pelo presente enfoque, não implica em qualquer discriminação etno-histórica, mas uma opção prática de pesquisa desta dissertação. Timbó nasceu como um núcleo etnicamente alemão e assim permaneceu pôr bastante tempo, até a chegada de contingentes italianos (1875). Ainda assim, nota-se claramente uma divisão do espaço em que os italianos, a despeito de sua vizinhança, mantiveram-se a parte das linhas coloniais onde viviam os alemães e seus descendentes. A atual distribuição dos municípios da região do Médio Vale do Itajaí, atesta bem essa divisão. Enquanto municípios como Rodeio, Apiúna ou Rio dos Cedros identificaram-se preponderantemente com a imigração e tradição italiana, Timbó e Pomerode - apenas para citar dois exemplos - oferecem ao investigador, a imagem de uma cidade

germânica. Dentro deste contexto, até a festa celebrada atualmente na cidade e que integra-se ao conjunto de festividades que são realizadas em todo o Estado no mês de outubro, mantém esta conotação, pois, Timbó festeja principalmente a colonização alemã e sua cultura.

O termo cultura, utilizado no âmbito deste trabalho, possui um sentido restrito e designa as representações vivenciadas nas instituições associativas teuto-brasileiras; os hábitos e costumes herdados dos ancestrais, e as alterações dos mesmos no novo contexto no qual se fixaram os imigrantes. Segundo Willems, este componente cultural contribui para a socialização dos indivíduos em suas respectivas comunidades.²

Outro ponto que reforça esta identidade germânica de Timbó, é sua própria história religiosa. A Igreja Católica, que prevalece claramente entre os italianos, poloneses e luso-brasileiros, só chegou a se instalar na cidade na década de trinta, mais de 60 anos após sua fundação. Timbó permaneceu luterana durante mais de meio século, identificando sua germanidade com a fé evangélica.

Por fim, cabe referir que o presente trabalho tem um interesse específico em verificar como os alemães e seus descendentes preservaram sua cultura em uma realidade concreta que parece ser distinta das colônias de maior envergadura. Em Blumenau, Joinville, ou mesmo Brusque, fatores como a industrialização,³ o próprio crescimento populacional e a decorrente

² WILLEMS, Emílio. *A Aculturação dos Alemães no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980. p. 3. "O ajustamento social do indivíduo, a sua socialização, dependeria, portanto, da incorporação de certos valores culturais na personalidade. Ou, em outras palavras, a própria personalidade seria uma 'estrutura' de valores culturais, adquiridos e articulados entre si em forma de hábitos".

³ HERING, Maria Luiza Renaux. *Colonização e Indústria no Vale do Itajaí*. O modelo catarinense de desenvolvimento. Blumenau: FURB, 1987. Para uma melhor compreensão da influência da industrialização na realidade do Vale do Itajaí.

importância que estes centros adquiriram na realidade catarinense, levaram estas cidades a superar seu isolamento inicial. Em Timbó, a comunidade parece ter-se mantido mais isolada, não por uma intencional atitude de segregação, mas em função da sua condição de pequena cidade. Pretende-se portanto verificar se tal proposição é correta ou não, e no que isto implicou na formação social timboense.

O problema das fontes

O estudo da História de Timbó, bem como de outras cidades congêneres apresenta, no entanto, algumas dificuldades. Em primeiro lugar, a inexistência de instituições que tenham preservado a memória da cidade trouxe problemas para a compilação e análise dos documentos. As fontes disponíveis estavam muito dispersas e foram “garimpadas” em terreno árido. Em função disso, há em alguns períodos mais lacunas que trechos documentados. Muitos aspectos da história timboense permaneceram obscuros, já que a cidade quase sempre aparece como pano de fundo da documentação consultada, o que, evidentemente, dificultou esta pesquisa.

Por outra parte, os fundos documentais das instituições escolhidas para o presente trabalho sofreram substancial prejuízo pôr ocasião da campanha de nacionalização que, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial, confiscou e destruiu a maior parte dos documentos relativos às sociedades, escolas e sociedades. Em vista disso, e procurando ultrapassar estas dificuldades, o trabalho foi realizado principalmente com a consulta dos fundos à disposição no Arquivo José Ferreira da Silva da Fundação Casa Dr. Blumenau. Administrativamente, Timbó foi um distrito de Blumenau até 1934, o que permitiu resgatar,

mesmo com um caráter lacunar, o material existente. Também foram importantes as informações obtidas no Arquivo Público de Santa Catarina bem como na coleção de jornais da Biblioteca Pública do Estado. Os documentos do primeiro permitiram uma melhor visão de algumas escolas timboenses e, principalmente, dos aspectos concernentes a ofensiva nacionalizadora do Estado brasileiro durante a década de 30. Os jornais do segundo, contribuíram com informações esparsas sobre as três instituições aqui abordadas e permitiram uma melhor compreensão dos momentos festivos e cívicos, privilegiados na cobertura da imprensa nas primeiras décadas deste século. Os jornais de Blumenau, e principalmente os de Rodeio e Indaial, propiciaram também um melhor entendimento do processo de desmembramento de Timbó (1936) e dos conflitos políticos locais latentes.

A historiografia timboense

Os trabalhos realizados até a atualidade sobre Timbó, com apenas uma exceção, não são de caráter acadêmico, mas nem pôr isso menos importantes. Aliás, este parece ser um aspecto que merece uma reflexão mais profunda. Os trabalhos de natureza acadêmica dentre outras coisas, possuem ou pelo menos deveriam, o mérito da organização, do cuidado com as fontes, da redação clara e objetiva, da análise com base em construções teóricas melhor elaboradas, enfim, a produção do conhecimento, em tese, deveria ser mais aprofundada, detalhada. No entanto, muitas destas qualidades, as vezes, acabam superadas pela vivência que um escritor não especializado, mas nem pôr isso menos abalizado, tem acerca da realidade a ser analisada e que pôr vezes transmite mais direta e eficazmente. Assim, a experiência de um pastor que acompanhou sua comunidade pôr décadas e que tomou contato com seus problemas, virtudes e limitações; ou de um professor que dirigiu um estabelecimento de ensino ou que nele

foi formado em sua infância; ou ainda, de um administrador ou homem público da cidade constituem as vezes, testemunho mais eloquente do que construções teóricas elaboradas na fria distância de um banco de universidade. Em função disso, a atitude do presente trabalho face à historiografia timboense é de total respeito.

A História de Timbó foi basicamente escrita nas últimas três décadas, ligando-se o início do resgate da memória do município, à comemoração do centenário da fundação no ano de 1969. Este contexto norteou a pesquisa, a organização e a produção de uma obra que de uma maneira bastante eclética procurou abordar a História das principais instituições timboenses. O trabalho foi organizado pelo professor Gelindo Sebastião Buzzi, que coordenou trabalhos de diversos colaboradores, que escreveram artigos acerca da educação, das comunidades evangélica e católica, da política municipal, sociedades, biografias, curiosidades, além da transcrição de trechos de documentos que tratavam de aspectos variados da História timboense.⁴ O meritório propósito comemorativo da obra não a invalida, pelo contrário, oferece um exemplo digno de ser seguido; pois se fosse mais comum, muitas cidades e localidades não estariam tão alheias ao seu passado. A comemoração de um passado distante contribui para a preservação da memória e é sobre este prisma que tal trabalho deve ser compreendido e analisado, relevando outros aspectos que do ponto de vista histórico não seriam tão destacados.⁵

⁴ BUZZI, Gelindo S. (org). *Álbum do Centenário de Timbó*. Timbó: [s.n.], 1969.

⁵ O tom laudatório e quase heróico do prefácio de Buzzi faz lembrar uma epopéia. É bem verdade que as dificuldades gigantescas do processo colonizador não devem ser minimizadas, mas deve-se evitar também a glorificação exagerada deste processo histórico. Poucos historiadores concordariam hoje, por exemplo, com o tom épico que o autor confere a narrativa.

No mesmo ano era também lançada a “Crônica da Comunidade Evangélica de Timbó”,⁶ na qual o Pastor da Paróquia, Nelso Weingärtner, de acordo com o espírito da passagem do centenário e com base em uma parte da documentação eclesiástica, salva da destruição, produziu um trabalho muito importante sobre o desenvolvimento da Igreja Luterana em Timbó e arredores. Ao transcrever e interpretar os documentos disponíveis, manifesta sua intenção de preocupar-se preferencialmente com a prática da fé evangélica, o que é perfeitamente natural em se tratando de um ministro ocupado com sua função eclesiástica. Weingärtner não é historiador profissional, mas nem pôr isso sua obra deixa de ter o mérito da clareza de argumentação, cuidado com as fontes e espírito investigador.

Anos após, e também com caráter comemorativo, foram lançados em série, três pequenos trabalhos intitulados “Timbó em Cadernos, sua História e sua Gente”, sob o patrocínio da Prefeitura que comemorando o cinquentenário de emancipação política (1934-1984), procurou criar um veículo para registrar a História da cidade. A longa série planejada infelizmente não teve seqüência, porém, trouxe importantes esclarecimentos acerca da História política do município,⁷ das escolas públicas e privadas, da Sociedade de Caça e Tiro Cedro, e até dos hábitos, tradições e das dificuldades enfrentadas pelos primeiros colonizadores.

A História das comunidades interioranas de Timbó, e suas respectivas sociedades, bem como, da extensão rural na cidade foi o principal objetivo das duas obras do engenheiro

⁶ WEINGÄRTNER, Nelso. *Crônica da Comunidade Evangélica de Timbó*. Blumenau: Gráfica 43, 1969.

⁷ Relacionado a este tema está o artigo de Horácio Cristofolini, que preocupou-se em detalhar as diversas fases da institucionalização timboense. CRISTOFOLINI, Horácio. *Timbó e sua História Política. Timbó em Cadernos*. Timbó: Prefeitura Municipal, V. 1, p. 6-16, 1984.

agrônomo Sérgio Roberto Maestrelli.⁸ Este, na qualidade de funcionário da Secretaria de Agricultura do governo estadual, preocupou-se detidamente em resgatar a memória oral de diversas pequenas localidades do interior timboense, através de entrevistas que permitiram o conhecimento do passado das mesmas. Maestrelli, evidentemente, deu maior ênfase aos aspectos agrícolas e pastoris na região, relatando como, pouco a pouco, os extensionistas da ACARESC (Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina) conseguiram vencer a resistência dos agricultores em recebê-los e aceitar seus ensinamentos. O trabalho de Maestrelli é um excelente exemplo do que pode proporcionar o contato direto e contínuo com as comunidades rurais. Além de prestar a estas um serviço de grande importância em suas atividades diárias, aproveitou sua condição para o resgate da História. Bastante bem ilustradas, as duas obras são além de tudo fontes de consulta para o conhecimento do passado da cidade, especialmente das comunidades mais distantes e isoladas, em oposição às obras citadas anteriormente que detiveram-se à sede do município, ou então, às suas instituições mais conhecidas.

A despeito da Paróquia Católica de Timbó ter sido fundada num período que se encontra fora dos limites cronológicos deste estudo, não se pode omitir o importante trabalho sobre ela publicado por Horácio Cristofolini,⁹ por ocasião da comemoração dos 25 anos de criação da primeira paróquia católica na cidade (1963-1988). Pesquisando nos livros de tombo de localidades próximas acerca dos inícios do catolicismo em Timbó, o autor procura

⁸ MAESTRELLI, Sérgio Roberto. *Fatos e Imagens do Meio Rural de Timbó*. Timbó: Tipotil, 1992; e MAESTRELLI, Sérgio R., BECKER, Celina M. e HOLDERBAUM, Virson. *A Extensão Rural na História de Timbó*. Florianópolis: ACARESC, 1988.

⁹ CRISTOFOLINI, Horácio. *História da Igreja Católica em Timbó*. [S.l. : s.n.], 1988.

traçar um quadro das primeiras ações missionárias, que levaram a criação da instituição, descrevendo, ademais, a vida dos três primeiros padres que estruturaram a comunidade.

O único trabalho de caráter acadêmico conhecido é a dissertação de mestrado em Sociologia de Ana Angélica Dantas Alves Mayr, acerca da preservação da arquitetura teuto-brasileira em Timbó,¹⁰ na qual se procura esclarecer as diversas iniciativas políticas assumidas pelo poder público e pela comunidade para a preservação deste patrimônio teuto-brasileiro da cidade.

A historiografia de Timbó tem estabelecido até o momento importantes bases para o conhecimento do passado da cidade. Os objetivos, as fontes ou mesmo as idéias acerca da História timboense são bastante heterogêneas, mas isso não significa necessariamente conflito, pelo contrário, o presente trabalho pretende continuar este esforço, com o intuito de trazer à tona aspectos desconhecidos da História municipal, ou, reinterpretar os já conhecidos.

O referencial teórico

O historiador profissional não pode e não deve ignorar o que outros estudiosos vem desenvolvendo em termos de pesquisa. O presente trabalho, tem a aspiração a ser uma contribuição à História regional do Vale do Itajaí, e mais especificamente, um estudo das

¹⁰ MAYR, Ana Angélica Dantas Alves. *Condições Sócio-Culturais da Preservação da Arquitetura Teuto-Brasileira em Timbó (S.C.)*. Florianópolis, 1993. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.

instituições: igreja, escola e sociedades na cidade de Timbó; um enfoque portanto, de natureza institucional e sócio-cultural.

A referida abordagem sócio-cultural não exclui, evidentemente, os aspectos econômicos e políticos, já que não parece ser possível dissociar estes últimos do primeiro, mas, metodologicamente pode-se privilegiar uma destas áreas, tendo consciência que os demais aspectos devem ser integrados ao texto, mesmo que com importância secundária. O enfoque cultural portanto, torna necessária a citação das obras pelas quais se fez opção, pois de uma maneira ou outra, estas contribuíram para a fundamentação de um capítulo, ou então de um aspecto abordado.

Emílio Willems,¹¹ conhecido sociólogo alemão que na década de 30 do século XX, dedicou-se ao estudo da aculturação dos alemães no Brasil, foi de imensa valia pela abrangência de seu trabalho e pôr tratar detidamente de cada uma das instituições aqui abordadas em capítulos específicos, procurando comparar as diversas situações existentes no processo colonizador alemão no Brasil, e criando modelos de análise das mesmas. Apesar do tempo decorrido desde a publicação de seus trabalhos, continua sendo válida a sua abordagem geral dos motivos do processo imigratório, do contexto colonizador no Brasil e as causas e implicações da aculturação entre os teuto-brasileiros. Obra sociológica generalizadora, inspirou e alicerçou muitas considerações, principalmente sobre aspectos aculturativos das sociedades desportivas e recreativas. Suas impressões ajudaram a traçar um quadro comparativo e referencial com a realidade das instituições timboenses.

¹¹ WILLEMS, Emílio. op. cit.

Para o capítulo acerca da religiosidade evangélica luterana, foi de fundamental importância o trabalho de Martin Norberto Dreher, que analisa como tema central de sua obra a identificação entre Igreja e Germanidade, confessionalidade e identidade étnica.¹² Obra de rigorosa análise e densa em suas considerações, a caracterização que Dreher faz dos momentos diversos da atuação da Igreja Luterana, permitiu teórica e comparativamente, estabelecer pontos de apoio para melhor interpretar a História da Igreja Luterana em Timbó. Apesar do trabalho de Dreher ater-se fundamentalmente a realidade rio grandense, não pode-se negar o valor de sua discussão teórica acerca da relação entre fé luterana e germanidade. Merece destaque também a detalhada exposição que o autor faz da relação das instituições religiosas alemãs com suas congêneres no Brasil, e a influência que isso trouxe à caracterização teológica dos Sínodos daqui, e da formação dos pastores. Timbó integrou-se regionalmente a este contexto mais amplo, o que justifica pôr si só referência aos escritos do autor supracitado.

A educação em Timbó, em especial nas escolas privadas alemãs ficou mais clara principalmente através da obra de Lúcio Kreutz.¹³ Apesar do contexto e tema da referida obra serem distintos da realidade timboense, já que o autor ocupa-se das escolas alemãs católicas no Rio Grande do Sul e da atuação do professor paroquial católico, a exposição que o autor faz da estruturação das escolas comunitárias na Alemanha, foi extremamente importante para a fundamentação teórica do capítulo. Se o contexto geral e a discussão central da obra fogem aos interesses do presente trabalho, as observações acerca da educação no contexto alemão foram bastante úteis e importantes. Em relação às escolas públicas e ao processo de

¹² DREHER, Martin. *Igreja e Germanidade*. Estudo crítico da História da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo: Sinodal, 1984.

¹³ KREUTZ, Lúcio. *O Professor Paroquial*. Magistério e Imigração Alemã. Porto Alegre: UFRS, 1991.

nacionalização do ensino, corresponde referir o trabalho de Neide Almeida Fiori.¹⁴ A autora, que analisou a estruturação do ensino público desde o Império até 1970, contribuiu para a compreensão da educação pública local, especialmente quanto ao processo de criação do sistema de grupos escolares, e à reforma da educação implantada a partir do início da primeira década do século XX, durante o governo Vidal Ramos Jr. (1910-1914); a denominada reforma “Orestes Guimarães”, em alusão ao seu principal idealizador e concretizador.

Willems, mais uma vez, e também Sueli Maria V. Petry,¹⁵ que em sua dissertação de mestrado estudou a criação, desenvolvimento e caracterização dos clubes de caça e tiro na região de Blumenau, contribuíram à elaboração do último capítulo. A distinção que Petry faz entre os clubes elitistas da área urbana e os clubes interioranos, forneceu elementos de comparação para a realidade timboense, que seguramente enquadrou-se no segundo caso.

Enfim, todas estas obras permitiram que o presente trabalho tivesse uma certa orientação em suas observações e análises.¹⁶ O interesse fundamental, como já foi referido, está centrado na temática da manutenção e preservação da cultura alemã e importa portanto responder alguns questionamentos fundamentais. Quais as permanências e as rupturas culturais que Timbó vivenciou? Como suas principais instituições se comportaram? Como a população

¹⁴ FIORI, Neide Almeida. *Aspectos da Evolução do Ensino Público*. Ensino Público e Política de Assimilação Cultural no Estado de Santa Catarina nos Períodos Imperial e Republicano. 2 ed., Florianópolis; UFSC, 1991.

¹⁵ PETRY, Sueli Maria Vanzuita. *Os Clubes de Caça e Tiro na Região de Blumenau. 1859-1981*. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1982.

¹⁶ Além das obras citadas, que serviram mais diretamente como fonte de inspiração, não se deve omitir outros trabalhos que tratam da colonização e cultura alemã no Brasil. ROCHE, Jean. *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. 2 V. OBERACKER Jr., Carlos. *A Contribuição Teuta à Formação da Nação Brasileira*. 4 ed., Rio de Janeiro: Presença, 1985. 2 V. e SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e Identidade Étnica*. A ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

timboense procurou manter sua identidade cultural ? Foi este processo intencional e direcionado ou não ? Espera-se que estas perguntas sejam convenientemente respondidas nas páginas que se seguem. Sem mais delongas é hora de passar adiante e verificar se os objetivos assinalados nesta introdução são convincentemente atingidos no decorrer do trabalho.

Capítulo 1

A Fundação de Timbó no Contexto da Colonização do Vale-do-Itajaí.

A atual cidade de Timbó, localizada no Médio Vale do Rio Itajaí-Açu, insere-se numa das várias áreas de Santa Catarina que recebeu imigrantes europeus a partir do século XIX. Esse contingente foi formado fundamentalmente por alemães, ao qual vieram depois se agregar italianos, poloneses e elementos de outras etnias. Timbó, portanto, foi criada como uma típica cidade de imigrantes europeus, em especial alemães, encravada em um vale onde esse processo imigratório foi de suma importância na caracterização política, econômica e sócio-cultural da região.

1.1. O contexto migratório no século XIX; os imigrantes alemães e o Brasil

Não há como dissociar a realidade de Timbó de um contexto mais amplo: o do gigantesco movimento migratório que teve lugar na Europa no século XIX. Partir, emigrar, não era uma agradável escolha cuidadosamente planejada, mas, uma opção quase desesperada em função de imperiosas necessidades materiais¹⁷. Essencialmente, os imigrantes eram camponeses, embora muitos fossem artesãos, e o Novo Mundo significou a oportunidade de realização de um grande sonho: a propriedade da terra; aspiração, que, na velha Europa havia se tornado um pesadelo. A divisão das glebas agricultáveis por sucessivas gerações, levou

¹⁷ WILLEMS, Ernfilio. op. cit. p 32-37. Para uma discussão mais completa das causas da imigração e do panorama europeu no século XIX.

muitas famílias a deixarem para alguns de seus filhos ínfimas porções de terras, que no melhor dos casos, só permitiam tirar delas um mínimo sustento para si e seus herdeiros. Em contrapartida, a América era descrita, nos relatos como continente de terras abundantes, férteis, onde o enriquecimento rápido era quase uma certeza. A imagem do Novo Mundo construída pelos agentes aliciadores de imigrantes, certamente excitou a ambição e aplacou o desespero dos que pouco possuíam. Seduzidos por esta construção de uma realidade tão distinta da que viviam, muitos lançaram-se com os mais diversos riscos na travessia do oceano.

O crescimento demográfico associado ao processo de industrialização também foi responsável pelo êxodo que fez de muitos países europeus, potenciais exportadores de pessoas. Durante o século XIX, a Europa mudou muito mais rapidamente do que nos três séculos anteriores. As antigas monarquias, mesmo após a vitória sobre a República francesa, já não possuíam mais a força política e militar, nem o respeito irrestrito da população; acossadas por movimentos contestadores da velha ordem que pouco a pouco agravavam a crise e faziam prever mais conflitos e transformações. Economicamente, o processo de industrialização, antes praticamente restrito às Ilhas Britânicas, expandia-se agora por boa parte da Europa, e cobrava seu espaço em uma sociedade cada vez menos parecida com a da tradicional divisão social do Antigo Regime. O enorme crescimento dos grandes centros urbanos e a evasão do campo faziam parte de um fenômeno que, além de criar uma nova ordem social, agravava o conflito entre as novas classes sociais emergentes no novo contexto industrial. A falta de espaço físico, as guerras, a fome, todos esses aspectos individualmente considerados ou conjugados, contribuíram para um quadro de péssimas condições de vida. Tudo apontava para a crise e o conflito ou então, para o outro lado do Atlântico. A segunda opção foi a saída para muitos que, sem certeza do sucesso ou fracasso, lançaram-se armados apenas pela esperança.

É bem verdade, que muitos imigrantes chegaram aqui por outros motivos. Muitos fugiram em virtude de perseguição política ou religiosa. Outros, pertenciam às classes médias e altas da sociedade europeia, que para cá vieram com intenções diversas. Alguns intentavam a realização de um empreendimento colonizador. Exemplo disso é o caso do Dr. Blumenau, que emigrou em condições completamente distintas da maioria de seus compatriotas, após ter concluído seus estudos básicos e ter defendido sua tese de doutoramento. Ao que tudo indica, sua iniciativa vinha ao encontro do espírito empreendedor típico de um homem movido pela nova realidade. Emigrar significava colocar em prática as expectativas de uma nova existência em um mundo novo que devia ser conhecido.

Enfim, seja qual fosse o motivo, deve-se abordar o impacto da imigração não só como válvula de escape para os agudos problemas no Velho Mundo, mas também como alavanca para uma considerável alteração da vida econômica e social nas novas nações americanas, que, paulatinamente desvencilhavam-se da antiga ordem colonial. O início do século XIX, presenciou as independências da maioria das ex-colônias, e os governos de alguns destes novos Estados, viam com muito bons olhos a chegada de contingentes que permitissem a melhor exploração econômica dos recursos de seus países, bem como da “modernização”, tão em voga neste século de tantas transformações.

A Alemanha ainda não existia como Estado constituído quando para cá vieram as primeiras levas de imigrantes germânicos. Os diversos Estados alemães eram bastante diferentes no que se refere a religião, educação, instituições políticas, e até mesmo em aspectos linguísticos e dialetais. Isso fazia com que os imigrantes não se identificassem como alemães, mas sim, como naturais das várias regiões da Alemanha. O Estado alemão apenas surgiu com a forçada unificação imposta após a Guerra Franco-Prussiana (1870), pela Prússia (1871). Os

imigrantes dirigiram-se para diversos lugares do Novo Mundo, em especial, para os Estados Unidos da América¹⁸. Essa tendência de imigração em direção a América do Norte já era clara na própria época em que ela ocorreu. O historiador alemão Heinrich Handelmann, contemporâneo desses acontecimentos, com muita perspicácia já percebia os problemas relativos à imigração para a América do Sul.¹⁹ A saída da Europa dava-se dos portos do norte da Alemanha, especialmente de Bremen e Hamburgo, de onde os agenciadores despacharam o grosso dos contingentes. O papel destes foi bastante importante do ponto de vista prático, porém, por outra parte extremamente prejudicial à maioria dos imigrantes que eram obrigados a aceitar as exigências dos mesmos, sem a garantia de que as promessas feitas no porto de origem ou no Novo Mundo fossem cumpridas.²⁰

O Brasil foi apenas uma das diversas nações americanas que recebeu estes grupos. Até o século XIX, mantivera-se como colônia portuguesa e nenhum tipo de imigração europeia não lusa de grande porte foi autorizada pelo governo português. Com a independência política em 1822, passou por anos de profunda instabilidade política, econômica e social. Durante o

¹⁸ SEIFERTH, Giralda. Imigração e Colonização Alemã no Brasil: Uma Revisão da Bibliografia. **BIB.** Rio de Janeiro: n. 25, p. 3, Jan./Jun. 1988. Calcula-se em torno de 5% o número de alemães, que saídos do continente europeu, imigraram para o Brasil; número efetivamente pequeno se comparado a grande massa que se dirigiu aos EUA.

¹⁹ HANDELMANN, Heinrich. **História do Brasil**. 4 ed., São Paulo: EDUSP, 1982. V. 2, p. 344. A obra de Handelmann foi publicada em 1860 na Europa e faz parte de um projeto mais ambicioso de estudar a História das Américas. Handelmann nunca veio ao Brasil, apenas consultou todas as fontes que pôde a respeito, e, em suas últimas linhas, já antevia com indiscutível clarividência o problema da falta de um projeto imigratório adequado para o Brasil. "Que resta, então, como único recurso recomendável para o Brasil? A imigração europeia livre e voluntária (espontânea), um ininterrupto afluxo de lavradores, como o que agora, ano após ano, vai rolando para a América do Norte. Tal imigração, ainda não a obteve o Brasil; somente a entrada de negociantes, artistas e operários estrangeiros, assim como de capitais estrangeiros, pode ser considerada espontânea, e tem sido da máxima importância para o desenvolvimento do império; porém, quanto a lavradores estrangeiros, a imigração sempre tem sido artificialmente obtida e sempre deu pouco resultado e pouco sucesso".

²⁰ RICHTER, Klaus. **A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a Colonização do Interior de Joinville e Blumenau**. 2 ed., Blumenau: FURB, 1992

Primeiro Reinado (1822-1831) e as Regências (1831-1840), os conflitos internos e externos foram uma constante.²¹ A imigração estrangeira, evidentemente, sofreu com essa situação.²² O grande impulso que a imigração recebeu, começou no Segundo Reinado, em função da maior estabilidade política a partir de 1840. Nos dez primeiros anos, a Coroa iniciou um longo processo de concessão de terras e financiamento de colônias²³. Esse processo se acentuou na segunda metade do século XIX, e a aceleração da imigração configurou-se a partir daí. Os imigrantes instalaram-se principalmente na região sul do país, talvez por ser o clima desta mais próximo de sua terra natal. Além do mais, o próprio governo via os imigrantes como uma boa maneira de colonizar muitas áreas da região sul não exploradas, e fracamente povoadas pelos europeus, habitadas por indígenas e próximas às fronteiras ainda incertas das Repúblicas platinas. Desde o período colonial, o sul do Brasil era região de conflitos de fronteiras e agora deveria ser melhor integrado ao Estado brasileiro recém constituído. Os imigrantes foram assentados em regiões interioranas, em áreas onde quase sempre algum curso de água facilitava a penetração. Esta via de entrada fluvial proporcionava água potável, irrigação para a lavoura e transporte de gêneros de todo tipo para a colônia, e desta para os portos no litoral. Entre os

²¹ Ligada a esses conflitos há uma importante leva de teutos que é contratada na condição de soldados mercenários. O Brasil fez uso de tropas e oficiais de origem germânica não só na Guerra de Independência, mas também na Guerra da Cisplatina e nos conflitos internos. Muitos desses militares vieram se estabelecer após o final dos seus serviços, em colônias alemãs na Província de Santa Catarina. Esse foi o caso da colônia São Pedro de Alcântara (1829), onde alguns destes integraram-se ao núcleo colonizador inicial. Para maiores detalhes sobre os batalhões de mercenários alemães, consultar PAULA, Eurípides Simões de. *A Organização do Exército Brasileiro*. HOLANDA, S. B. de. *História Geral da Civilização Brasileira*. 6 ed., São Paulo: DIFEL, 1985. T. 2, V. 1, Livro 3, Cap. 1, p. 272; e para maiores detalhes sobre a instalação dos ex-mercenários como colonos em São Pedro de Alcântara, consultar também MATTOS, Jacintho Antonio de. *Colonização do Estado de Santa Catharina*. Dados Históricos e Estatísticos. (1640-1916). Florianópolis: Typ. D' O Dia, 1917. p. 41.

²² Em relação a esse aspecto cabe lembrar uma lei orçamentária do Império de 15/12/1830, que abolia em todas as províncias do Império, os gastos com colonização estrangeira. Tal tipo de atitude atingiu os imigrantes que aqui já tinham chegado. No caso de Santa Catarina, isso foi extremamente prejudicial à Colônia São Pedro de Alcântara, fundada um ano antes. PIAZZA, Walter F. *A Colonização de Santa Catarina*. 2 ed., Florianópolis: Lunardelli, 1988. p. 94.

²³ PIAZZA, Walter F. op. cit., p. 113. A Lei de terras devolutas de 1848 foi um bom exemplo, pois permitia que cada Província destinasse pelo menos 6 léguas de terras para colonização.

muitos núcleos criados podem-se referir, por exemplo, os do Rio Grande do Sul, a partir de São Leopoldo (1824), e no Paraná em Rio Negro (1829).²⁴ Mas o interesse principal desse trabalho está na Província de Santa Catarina, e concentra-se na região do Vale do Itajaí, na qual se insere a localidade que motivou a pesquisa.

1.2. As colônias alemãs em Santa Catarina.

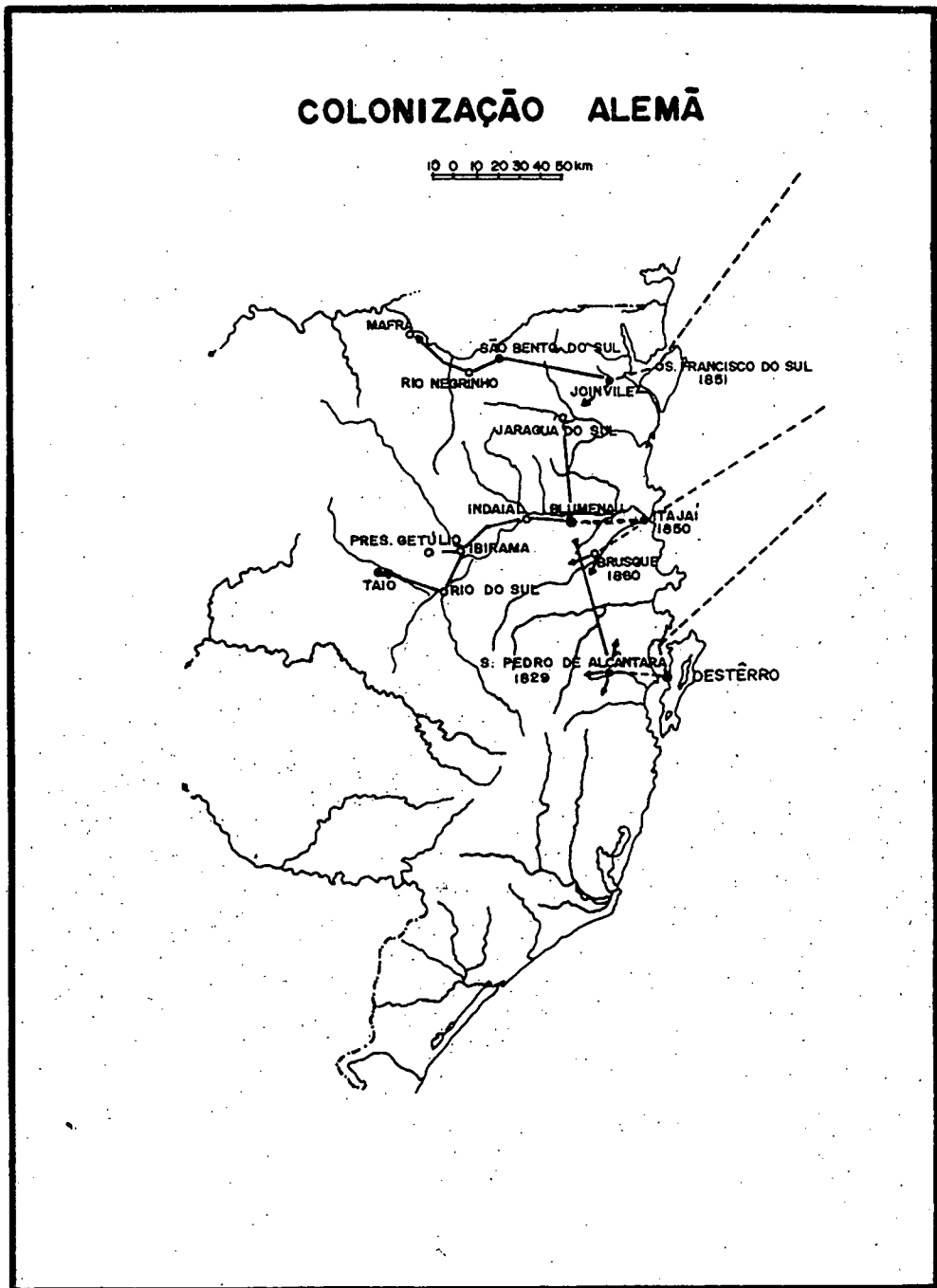
Em Santa Catarina, a primeira colônia a ser fundada foi a de São Pedro de Alcântara, em 1829. Seguiram-se após isso, para citar apenas algumas, Santa Isabel (1847), Blumenau (1850), Dona Francisca (1851), Itajaí-Brusque (1860), (Figura 1, p.22). Todas essas colônias, apesar de suas peculiaridades regionais, assinalaram a ocupação de grandes áreas territoriais,²⁵ que daí por diante ficaram marcadas pela presença dos teutos. A fisionomia econômica, política e social dessas regiões e dos núcleos de origem luso-brasileira mais próximos foi sensivelmente alterada. A foz do Itajaí, por exemplo, que já estava ocupada por luso-brasileiros, sofreu a influência teuta em seu constante ir e vir pelo rio. Mercadorias, levas de imigrantes, passageiros; a colônia interiorana seguramente influenciou na evolução da cidade litorânea. Observa-se que, neste século, algumas das principais lideranças itajaienses procediam de famílias de origem alemã; os Konder por exemplo.

²⁴ WILLEMS, E. op. cit., p. 42-45.

²⁵ Pelo menos uma colônia fugiu a este modelo; foi a Colônia Piedade, que fundada no litoral em região homônima, não conseguiu frutificar, acabando por fracassar completamente.

ANEXO II

Mapa da Colonização Alemã em Santa Catarina.



Fonte: PLAZZA, W. F. A Colonização de Santa Catarina. 2 ed., Florianópolis: Lunardelli, 1988. p. 135

Novas formas de ocupação da terra, instituições trazidas do país de origem, a religião, e costumes dos mais variados tipos, começaram a diversificar sócio-culturalmente a vida das regiões atingidas pela imigração, caracterizando com rasgos peculiares o Vale do Itajaí. Geralmente, tais núcleos coloniais, por estarem situados no interior da província, alteraram a forma básica da ocupação do território catarinense, que até então centrava suas atividades no assentamento litorâneo. São Pedro de Alcântara constitui uma exceção. Fundada no caminho entre o litoral e a região do planalto, onde se localizava Lages, foi apenas em 1820, que esta dita região, havia sido incorporada ao território da Província de Santa Catarina. Lages, fundada por paulistas (1771), representava até então, o prolongamento de São Paulo. Os alemães destinados àquela nova colônia vieram a sofrer diretamente o impacto de uma resolução que desaprovava a aplicação de recursos com imigração estrangeira²⁶. De início chegaram 635 imigrantes; destes, aproximadamente 500 embarcaram no porto de Bremen²⁷ e pouco mais de uma centena eram ex-soldados da Legião Alemã que havia servido ao Exército brasileiro na Guerra Cisplatina e que já estavam no país. São Pedro padeceu as consequências decorrentes da má qualidade das terras, e sofreu prolongada desorganização, má administração, bem como divergências internas que contrapuseram os colonos entre si, ou os confrontaram com os administradores designados pelo Governo provincial. A evasão derivada destas dificuldades, comprometeu decisivamente o futuro da colônia impedindo-a de alcançar o crescimento observado em outras.

Os maiores e mais característicos núcleos de imigração alemã em Santa Catarina ficaram, no entanto, localizados mais ao norte; Blumenau, no Vale do Rio Itajaí e mais ao

²⁶ Ver nota 22, deste mesmo capítulo.

²⁷ PIAZZA, W. F. op. cit., p. 93.

norte, Dona Francisca, depois Joinville. Fazia esta última parte de uma concessão de terras dadas à princesa Dona Francisca, irmã de D. Pedro II, por ocasião de seu casamento com o príncipe francês François Ferdinand Phillippe d' Orléans, que recebeu o título de príncipe de Joinville. Parte dessas terras foi negociada com uma companhia de imigração, a Companhia Hamburguesa que se responsabilizou pela vinda e ulterior desenvolvimento de uma comunidade de alemães, noruegueses, austríacos, suíços e dinamarqueses. A maior parte dos seus primeiros imigrantes não era formada por camponeses, mas por artesãos, que contribuíram com seus diferentes ofícios para o desenvolvimento da colônia.²⁸ Esta colônia portanto, diferenciou-se neste aspecto das demais constituídas principalmente por agricultores. De Dona Francisca partiram por sua vez, posteriormente, contingentes de imigrantes que ocuparam entre outras áreas, Rio Negrinho, Jaraguá do Sul e Campo Alegre no norte de Santa Catarina. Até mesmo Curitiba recebeu imigrantes provenientes da colônia Dona Francisca.

1.3. O povoamento e reconhecimento do Vale do Itajaí antes da fundação de Blumenau.

Antes da chegada dos europeus, o Vale do Itajaí já era habitado pelos indígenas Xóklengs e Kaigangs, conhecidos pelos brancos como "bugres". Eram semi-nômades e viviam de uma agricultura simples, coleta, caça e pesca. Os encontros travados por ocasião da colonização destruíram grande parte desses grupos autóctones, e os que não foram destruídos foram empurrados para as regiões mais inóspitas do vale. Por fim, já no século XX, quando os

²⁸ FICKER, Carlos. *História de Joinville: Subsídios para a Crônica da Colônia Dona Francisca*. 2 ed., Joinville: Imp. Ipiranga, 1965. TERNES, Apolinário. *História Econômica de Joinville*. Joinville: Meyer, 1986. TERNES, Apolinário. *História de Joinville; uma abordagem crítica*. Joinville: Meyer, 1984. Obras que abordam detidamente o desenvolvimento de Joinville.

espaços para a fuga já não mais existiam, acuados pelo derradeiro avanço dos brancos, foram recolhidos às recém criadas reservas onde ainda se encontram até hoje os poucos remanescentes dessas culturas autóctones.²⁹ A atitude hostil por parte dos colonizadores manifestou-se na formação de grupos de caça, que, encarregados da tarefa de perseguir e "pacificar" os indígenas, quase sempre conseguiram êxito em suas incursões. Estes grupos de "bugreiros", deixaram relatos bastante detalhados e trágicos sobre suas atividades.³⁰

Os brancos fizeram sentir sua presença no Vale bastante antes da colonização alemã em 1850. Quando o Dr. Blumenau chegou, encontrou já grupos esparsos, que auxiliaram em muito os primeiros colonos na familiarização com a nova realidade a ser enfrentada: derrubar a mata, guiar os europeus pelos rios e picadas da região, prestar enfim as informações que tão necessárias eram aos que iam chegando sem conhecimento da terra. Não se tem informações precisas de seu número e origem, nem sobre sua chegada a região. Sabe-se da concessão de sesmarias naquelas terras a partir do século XVII, e que, no início do XIX, a foz do Itajaí estava já ocupada.³¹ Deve-se lembrar que os núcleos portugueses litorâneos de Santa Catarina, pouco a pouco foram se expandindo por toda a costa. Na foz do Itajaí, viviam alguns desses

²⁹ O estudo das comunidades autóctones em Santa Catarina foi o objetivo principal dos trabalhos do antropólogo Sílvio Coelho dos Santos. SANTOS, Sílvio Coelho dos. *Índios e Brancos no Sul do Brasil: A Dramática Experiência dos Xokleng*. Florianópolis: EDEME, 1973.

³⁰ DEEKE, Frederico. Os Índios da Bacia do Itajaí. "Transcrição do relatório de Frederico Deeke. Chefe dos batedores do mato em 1887 à direção da colônia". *Blumenau em Cadernos*. Blumenau: T 3 n. 3, p. 48-49, Mar. 1960. Além desse aqui especificado, outros relatórios acerca dos grupos de batedores do mato foram traduzidos integralmente na revista *Blumenau em Cadernos*. Além destes relatórios, e para melhor esclarecer a questão dos "bugreiros", convém consultar o trabalho de KIESER, Daércio. *Um Discurso para Justificar a Ação Bugreira*. Florianópolis: 1994. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. O autor não se limita apenas a discussão da problemática da caça ao índio, mas procura analisar as justificativas e a imagem que a sociedade branca criou para legitimar sua atitude de ataque aos indígenas.

³¹ D'ÁVILLA, Edison. *Pequena História de Itajaí*. Itajaí: Dehon, 1982. p. 17-19.

primeiros habitantes, constituindo um ponto intermediário entre Desterro, a capital, e São Francisco, mais ao norte.

Alguns projetos de colonização foram tentados antes da chegada do Dr. Blumenau. Nenhum deles conseguiu a prosperidade que Blumenau adquiriu nas décadas seguintes, mas, merecem destaque por fazerem parte do processo colonizador do vale. No ano de 1835, tem-se notícia de um empreendimento colonizador por iniciativa do deputado provincial Agostinho Alves Ramos. Integrado pôr colonizadores de origem portuguesa realizou a fundação das localidades de Belchior e Pocinho³². Juntaram-se a estes colonos nacionais, alguns imigrantes alemães advindos da fracassada colônia São Pedro de Alcântara. Ramos tornou-se o inspetor das colônias, e sabe-se que Belchior foi a que mais se desenvolveu. Muitos desses alemães também auxiliaram os colonos do Dr. Blumenau por ocasião de sua chegada em 1850. Em 1845, o belga Charles Van Lede, com 90 compatriotas, iniciou uma pequena colonização, fixando-se na localidade hoje denominada Ilhota. O plano de realização da colônia foi iniciado em 1842, mas foi apenas concretizado dois anos após, quando se assinou um contrato entre a Companhia Belgo Brasileira de Colonização, presidida pelo mesmo e o Governo brasileiro. Essa colônia tampouco obteve o sucesso desejado, apesar de mais colonos terem chegado em 1846. Após a morte de Van Lede, em 1875, novos problemas surgiram quando os seus herdeiros tentaram tomar posse das terras que por direito lhes pertenciam. A maioria dos colonos já havia deixado o lugar e revendido as terras a terceiros o que provocou ainda maiores dificuldades³³.

³² PIAZZA, Walter F. op. cit., p 107-109.

³³ Ibidem, p. 118-122.

Paralelamente a estas tentativas de colonização deve-se fazer referência as chamadas expedições de reconhecimento e exploração que antecederam muitos dos projetos de colonização. Van Lede, por exemplo, percorreu a região três anos antes de sua tentativa de colonização; deixou um mapa da região e contribuiu para o reconhecimento da área.³⁴ O Dr. Blumenau também explorou previamente a região na qual intentava instalar uma colônia. Dois anos antes da fundação da mesma, junto com seu sócio, o comerciante de Desterro Fernando Hackradt, e guiados pelo caboclo Ângelo Dias, subiram o Itajai-Açu e embrenharam-se pelos seus afluentes.³⁵ Nessa oportunidade, adentraram o rio Benedito, chegando até o rio dos Cedros, seu principal afluente, em cuja confluência haveria de surgir em pouco mais de 20 anos, o núcleo inicial de Timbó. Mas, analisando as possibilidades de colonização, os dois sócios optaram pela área próxima a confluência do ribeirão Velha com o Itajai-Açu. O Dr. Blumenau procurava uma região que oferecesse as melhores condições possíveis para a empresa colonial, conseqüentemente, vinculada à questão hidrográfica. O rio Itajai-Açu, facilmente navegável em grande parte de sua extensão, possui nas corredeiras do "Salto", seu primeiro acidente geográfico um pouco acima da atual cidade de Blumenau. Daí que se fixasse sua escolha alguns quilômetros antes desse acidente concretizando seu projeto.

Outra expedição foi a empreendida pelo engenheiro August Wunderwald, (1863), do corpo administrativo da colônia Dona Francisca, que procurava uma ligação viável entre esta e Blumenau. Suas anotações sobre a confluência dos rios Benedito e seu afluente, o Cedros, são

³⁴ Van Lede escreveu um livro intitulado "De la colonisation au Brésil", que foi publicado em Bruxelas no ano de 1845.

³⁵ KORMANN, Edith. Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985). Florianópolis: Paralelo 27, 1994. V. 1, p. 14-15.

importantes registros pioneiros da região³⁶. A pretendida ligação entre as duas áreas coloniais não chegou no entanto, a efetivar-se e durante muitos anos apenas precariamente era possível chegar a Blumenau rompendo o interior da região.

1.4. Fundação de Blumenau e expansão da colonização rio acima.

Após todos os preparativos em Santa Catarina e a contratação dos imigrantes na Alemanha, deu-se, finalmente, a viagem para o Brasil e a fundação da colônia no ano de 1850. Foram apenas dezessete os primeiros imigrantes que ali chegaram, e este início tão tímido nem de longe anunciava a intensa imigração que faria de Blumenau uma das colônias mais populosas de Santa Catarina. Ao chegarem, encontraram já habitando as margens do Itajaí, alguns dos colonos evadidos de São Pedro de Alcântara.³⁷ O contrato assinado com o governo imperial pelo Dr. Blumenau, fez dele o proprietário das terras, que foram demarcadas e revendidas aos colonos. De 1850 a 1860, Blumenau permaneceu colônia particular, ou seja, um empreendimento privado sob a responsabilidade de seu idealizador e iniciador. A vida era bastante difícil, e, pouco a pouco, se foi consolidando o núcleo central com as sucessivas levas de imigrantes que chegavam todos os anos. A população nos primeiros dez anos elevou-se a 1038 colonos, muitos dos quais não permaneceram. Resulta ilustrativo visualizar num quadro os habitantes, discriminando suas características principais:

³⁶ BUZZI, Gelindo S. op. cit., p. 20.

³⁷ SILVA, José Ferreira da. *História de Blumenau*. 2 ed., Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988. p. 34-35. Este autor afirma que alguns dos alemães de São Pedro de Alcântara habitavam os arraiais de Belchior e Pocinho, outros estavam dispersos pelas margens do rio, de maneira semelhante aos colonos nacionais e alguns belgas. Quanto a estes últimos é provável que fossem remanescentes do empreendimento colonizador de Van Lede.

Quadro 1. Imigração na Colônia Particular Blumenau (1850-1860).

Anos	Nacionalidade				Sexo		Religião		Total
	Belgas	Dinamar.	Alemães	Austriac.	Mascul	Femin.	Católic	Evangé.	
1850			17		11	6		17	17
1851			8		8			8	8
1852			110		59	51		110	110
1853			28		18	10		28	28
1854			139	7	83	63	7	139	146
1855			34		21	13	8	26	34
1856	5		289		164	130	25	269	294
1857			198	1	120	79	10	189	199
1858		1	77	4	54	28	2	80	82
1859			29		17	12	5	24	29
1860			91		59	39	19	72	91

Fonte: GENSCH, Hugo. Quadro estatístico da Colônia Blumenau. SILVA, José Ferreira

da. **História de Blumenau**. 2 ed., Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988. s. / p.

As cifras indicam tratar-se de uma comunidade numericamente pequena, com predominância da etnia alemã, e da confissão evangélica luterana, observando-se porém uma minoria católica. Nesse momento, o povoado permaneceu restrito à área de fundação, sem maiores avanços. O período da colônia particular pode ser caracterizado, portanto, como uma década de consolidação do processo colonizador. O Dr. Blumenau, apenas com seus esforços, dificilmente teria sido capaz de implementar a partir do núcleo inicial, um fluxo de imigrantes que expandisse a colonização pelo interior da região. A colônia permaneceria pequena e sem possibilidades de abranger rapidamente todo o interior do vale. A colonização do interior só tomaria impulso com a transferência da jurisdição ao Governo imperial.

O próximo passo foi o avanço da imigração rio acima, adentrando os afluentes. Mas, qual foi a dinâmica do processo de colonização? Lógicamente, os critérios para a progressiva ocupação da região não podem ser dissociados das condições geográficas, tanto hidrográficas, quanto orográficas e de seus aspectos geo-viários. Tudo partia de alguma via fluvial, ou, pelo menos, de um pequeno ribeirão que viesse a facilitar comércio, comunicação e transporte para vincular as áreas de colonização. Muitos dos atuais municípios da região tiveram origem na confluência de dois afluentes do Itajaí-Açu, ou de algum curso tributário menor com o próprio Itajaí-Açu. Constituem casos ilustrativos disto Indaial, Rio do Sul, e Timbó (Figura 2, p. 30).

Mas da confluência do rio dos Cedros com o Benedito, em que virá assentar-se ulteriormente Timbó, a distância é considerável. Os 169 lotes que o Dr. Blumenau havia vendido aos colonos até 1860³⁸, ficaram inseridos num espaço compreendido entre Blumenau e a barreira do "Salto", atingindo as margens do rio Garcia, do próprio Itajaí-Açu e do ribeirão Itoupava. (Figura 3, p. 32).

Após uma década a frente da colônia, o Dr. Blumenau havia contraído dívidas e, além disso, tinha dificuldades para desenvolver sozinho seu empreendimento como colônia privada. Resolveu, portanto, vender a mesma ao Governo imperial, que tinha melhores condições para patrocinar um maior afluxo de imigrantes para a região. Permaneceu porém, o fundador na colônia, agora como diretor e não mais como seu proprietário. E, realmente de 1860, data da venda, até 1882, momento em que Blumenau tornou-se município, o crescimento da área

³⁸ Inventário da Colônia Blumenau. Transcrito em *Blumenau em Cadernos*. Blumenau: T 3, n. 1, p. 12-14, Jan. 1960.

0-315-207-7

povoada foi de grande monta. Neste período realizou-se o que pode-se chamar de “colonização rio acima”. Subindo o Itajaí-Açu e seus afluentes, a região desenvolveu-se de uma forma que lhe será característica, a de uma imensa área que de Blumenau até os contrafortes da serra foi ocupada por imigrantes que fundaram pequenas localidades, embriões de futuros municípios.

Quadro 2. Imigração na Colônia Imperial de Blumenau. (1860-1882).

Ano	Nacionalidade					Sexo		Religião		Total
	Alemães	Italianos	Tirolezes	Austríac.	Outros	Masc.	Femi.	Catól.	Evang	
1860	91		14			52	39	19	72	91
1861	520		3		14	312	236	148	400	548
1862	570			11	29	326	281	145	462	607
1863	168		11			86	82	39	129	168
1864	95				19	79	48	58	69	127
1865	180			7	11	108	91	78	121	199
1866	158				4	84	78	4	158	162
1867	186		1		30	129	94	33	190	223
1868	1370	1		5	13	747	660	67	1339	1407
1869	980				1	512	470	13	969	982
1870	32				1	20	13	8	25	33
1871	23					11	12		23	23
1872	185				15	116	91	14	193	207
1873	412				2	213	213	29	397	426
1874	328				1	182	180	92	270	362
1875	315	27	768		13	638	491	858	271	1129
1876	277	240	540		5	594	484	817	261	1078
1877	180	68	62		15	205	165	208	162	370
1878	335	438	68		19	476	417	540	353	893
1879	319	106	18		5	252	208	198	262	460
1880	387	42	14		6	240	217	105	352	457
1881	147	1			3	89	62	12	139	151

Fonte: GENSCI, Hugo. Quadro estatístico da Colônia Blumenau. IN: SILVA, José Ferreira da. *História de Blumenau*. 2 ed., Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988. s. / p.

O exame do quadro permite as seguintes inferências:

a. Em comparação com o período anterior se observa um considerável crescimento populacional da região. O Governo imperial não se manteve apenas no discurso de apoio à imigração; mas incentivou diretamente o aliciamento, transporte e fixação dos novos contingentes.

b. Quanto a nacionalidade e religião, há dois momentos distintos. Num primeiro, mantém-se o predomínio de alemães de confissão evangélica luterana (1860-1874). De 1875 até 1882, o número de italianos e tirolezes, na maioria católicos, supera, algumas vezes, o contingente de alemães.³⁹ Estes italianos serão localizados em comunidades próximas aos núcleos alemães já instalados. A presença de italianos visava, entre outras coisas, evitar o “enquistamento” étnico teuto; que parece ter constituído já desde a época preocupação pronunciada de algumas autoridades brasileiras. Por vezes, a integração será grande, em outras, não podendo-se observar em Timbó por exemplo, que a influência italiana demorará muito para se fazer sentir.

c. A distribuição por sexo mantém a tendência do quadro da colônia particular, bastante equitativa. Isto significa que há uma tendência para a imigração de famílias e não de indivíduos isolados. Mesmo que no momento da imigração apareçam indivíduos isolados, estes tiveram amplas possibilidades de constituir família na colônia Blumenau.

³⁹ Isto ocorre em função do início da imigração em larga escala, que vai tomar lugar a partir do referido ano. O Governo imperial incentivou amplamente esta imigração, inclusive através de contratos para a introdução dos mesmos.

d. Na categoria de outras nacionalidades, incluem-se ademais em número bem menor, brasileiros natos (1), poloneses (8), húngaros (7), suecos (18) e espanhóis (6).⁴⁰

Esta população avançou vale adentro, através de várias etapas. Já por volta de 1861, a demarcação de novos lotes passara pelo “Salto” e atingira a foz do rio do Testo, para em seguida embrenhar-se pelas duas margens desse último. Na confluência do rio do Testo com o Itajaí-Açu, foi fundada, no ano seguinte, a localidade de Badenfurt (1862). Em 1864, a colônia Blumenau estendeu-se adiante, chegando até a confluência do rio Benedito com o Itajaí-Açu, e alcançou também a foz do ribeirão Encano. Nessa área surgiu a localidade de Encano (1864), atualmente Indaial (Figura 3, p. 32).

Timbó surgiu portanto, no curso desse processo que pode ser denominado como a “colonização rio acima”. Era mais uma dentre as muitas novas áreas abertas a colonização estrangeira. Seu aparecimento como linha colonial traz, no entanto, alguns aspectos que devem ser mais detidamente abordados como por exemplo, aspectos de sua demografia afim de caracterizar melhor a população fundadora; a questão da data de fundação e sua relação com o cerimonial festivo da cidade; e por fim, interessa relevar as origens institucionais e evolução política de Timbó.

⁴⁰ A despeito destas nacionalidades não estarem devidamente especificadas no quadro apresentado, fazem parte do quadro original elaborado por GENSCH, Hugo. Quadro estatístico da Colônia Blumenau. SILVA, José Ferreira da. op. cit. s./p.

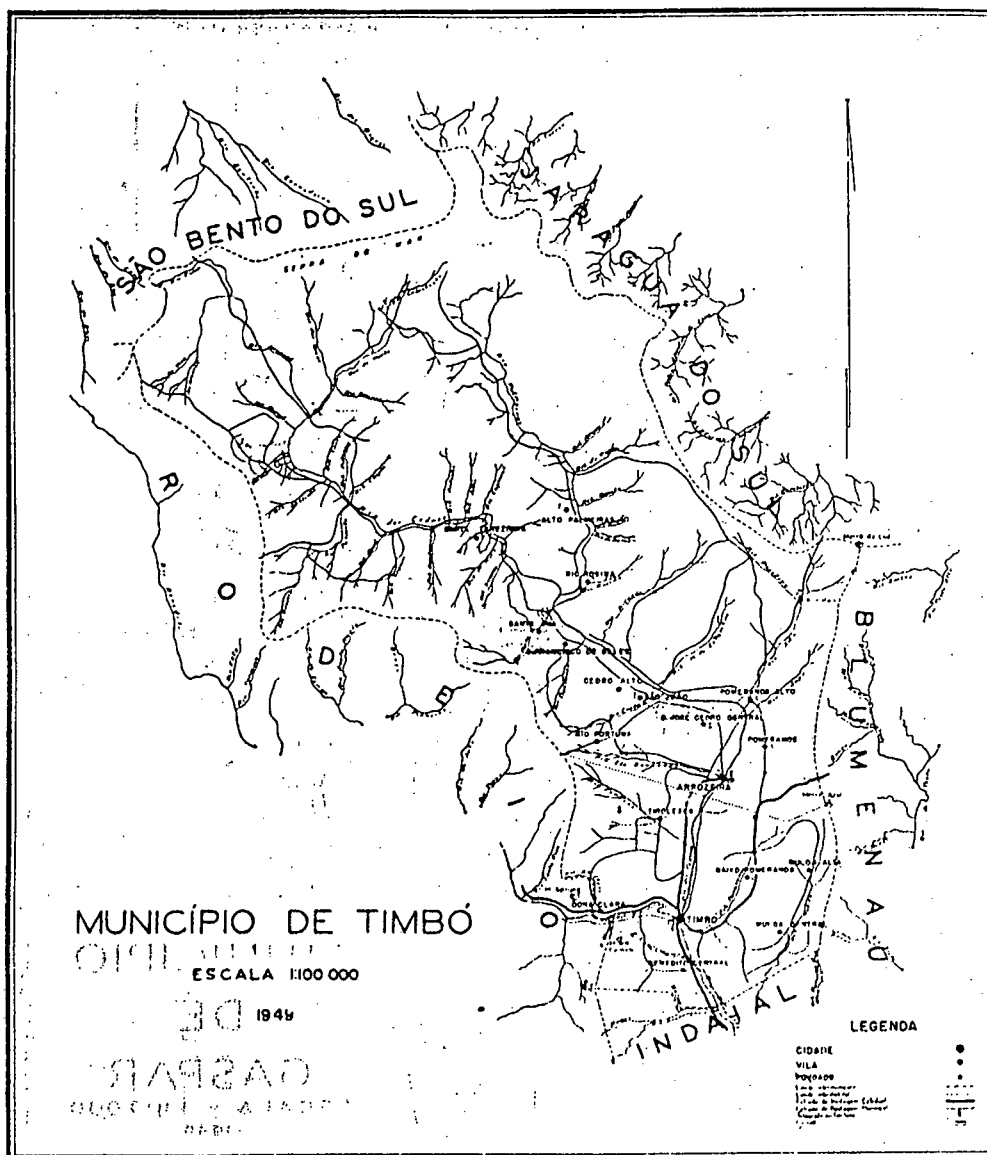
1.5. Balanço populacional em 1869.

Esse ponto é fundamental para melhor compreender-se a dinâmica do crescimento demográfico, institucional e da vida em geral na cidade. Uma análise populacional acurada poderá contribuir para esclarecer os mais diversos aspectos como por exemplo da ocupação do espaço territorial, tamanho das famílias, da religiosidade, da origem das unidades educacionais, entre outros. Deve-se frisar no entanto, que as fontes populacionais aqui usadas não contemplam todos os dados disponíveis, como por exemplo os registros paroquiais. Essa opção foi feita por dois motivos: em primeiro lugar, porque os registros paroquiais só são disponíveis a partir da última década do século XIX, e em segundo lugar, porque o principal objetivo dessa sessão é visualizar através do censo à disposição, o perfil da população fundadora de Timbó.

Mas qual era o perfil de Timbó, qual seu território, quais eram as linhas coloniais?⁴¹ A questão é prévia à análise populacional em si. O povoamento do Vale do Itajaí, após a década de 60 do século XIX, avançou pelas margens do rio Itajaí-Açu e de seus principais afluentes; o Garcia, o Testo, o Benedito e o Encano, entre outros. Timbó surgiu na confluência do rio dos Cedros com o rio Benedito, e pode-se considerar, portanto, sua população, aquela que se estabeleceu nas duas margens desse rio. Além disso, deve-se ainda considerar algumas outras

⁴¹ A expressão "linha colonial", encontrada em muitos documentos, é uma das diversas designações referentes a qualquer área geralmente próxima a uma curso de água, e que foi alvo da demarcação e posterior distribuição dos lotes. Esses últimos eram medidos com a frente para um rio, estendendo-se os fundos por larga área. Legalmente, os lotes deveriam possuir medidas pré-estabelecidas. A lei 49 de 15 de junho de 1836 estipulava que um lote destinado a um colono solteiro deveria ter 200 braças de frente; um casal sem filhos 250; um casal com até 3 filhos, 300; e casais com mais de 3 filhos 450. Todos os lotes possuíam 1000 braças de fundo. Na prática porém, nem sempre a metragem dos lotes correspondeu ao que foi anteriormente colocado, realizando-se a demarcação em função da área a ser colonizada. Uma braça corresponde a 4,84 metros.

Figura 4. Mapa do Município de Timbó (1950).



Fonte: Centenário De Blumenau (1850-1950). Edição da comissão de festejos. Blumenau: s/ ed., 1950.

linhas coloniais menores como as do ribeirão Mulde já no início da colonização e posteriormente, ribeirão Dona Clara, caminho dos Tirolezes, ribeirão dos Russos, entre outras.

(Figura 4, p. 37). Estas últimas não aparecem no censo de 1869

As estatísticas de 1869 trazem informações preciosas sobre Timbó⁴². Com base nelas podem definir-se seis linhas coloniais: duas localizadas nas margens do rio Benedito, duas nas do rio dos Cedros, uma no ribeirão da Mulde e outra na povoação denominada Benedito. Com esses dados pode-se já tentar um primeiro registro populacional de Timbó.

Quadro 3. Moradores da Região de Timbó/1869. Sexo, Religião e nº de Lotes Distribuídos.

Localidade	Sexo		Total	Religião		Nº de Lotes
	Masculino	Feminino		Católicos	Luteranos	
Rio Benedito (Marg. esq.)	075	071	146	-----	146	47
Rio Benedito (Marg. Dir.)	098	098	196	008	188	37
Povoação do Benedito	015	014	29	-----	029	9
Rio dos Cedros (Marg. Esq.)	045	037	82	-----	082	11
Rio dos Cedros (marg. Dir.)	021	018	39	-----	039	20
Ribeirão da Mulde	137	127	264	-----	264	66
Total	391	365	756	8	748	190

Fonte: BLUMENAU, H. B. O. *Estatística nominal dos habitantes existentes no fim de 1869*. Blumenau: 14 Dez. 1870. Arquivo José Ferreira da Silva. Coleção Colonização, Pasta 02.34, Doc. 341.

⁴² Os números que constam da presente análise, são resultado de um recenseamento geral da Colônia Blumenau empreendido pela direção da mesma no referido ano, e tem números para todas as áreas de Blumenau. Esta documentação foi traduzida e transcrita por Cristina Ferreira. BLUMENAU, Hermann Bruno Otto. *Estatística nominal dos habitantes existentes no fim de 1869*. Blumenau: 14 Dez. 1870. Arquivo José Ferreira da Silva. Coleção Colonização, Pasta 02.34, Doc. 341.

Estes dados permitem derivar algumas observações bastante ilustrativas da situação. Existe uma patente homogeneidade étnica, já que num grupo de 190 proprietários de lotes⁴³ apenas se identificam cinco sobre-nomes de procedência não germânica⁴⁴ Nas restantes linhas coloniais recenseadas em toda a colônia Blumenau, observa-se a mesma tendência, a presença esmagadora da etnia alemã, com apenas duas exceções: O “distrito”⁴⁵ do rio Itajaí, margem esquerda e o do ribeirão Gaspar. Possivelmente estas duas últimas faziam parte de propriedades antigas, que já estavam ocupadas por luso-brasileiros antes do início da colonização. Timbó, portanto neste aspecto, não fugia à regra do contexto colonizador blumenauense.

A população manifesta-se bastante homogênea na distribuição por sexo, verificando-se um equilíbrio relativo do número de homens e mulheres.

Confirma-se como característica fundamental timboense o predomínio absoluto do luteranismo, registrando-se apenas oito católicos⁴⁶, ao contrário de Gaspar, Blumenau e as posteriores regiões de colonização italiana.

⁴³ A relação completa dos nomes dos donos de lotes de cada uma das seis linhas coloniais encontra-se nos anexos.

⁴⁴ Constantino dos Santos, João Raguse, Carlos Abel, João Severino e Theophilo Lange, sendo este último de origem que não foi possível identificar; talvez, um abraileiramento de nome estrangeiro.

⁴⁵ A denominação “distrito”, não possui, neste caso, a conotação de divisão administrativa municipal que geralmente se lhe atribui. Blumenau não era um município, mas uma colônia imperial e a terminologia foi utilizada pelo Dr. Blumenau provavelmente para melhor referir cada uma das linhas coloniais.

⁴⁶ Ver Anexos. Os 8 católicos que aparecem na linha colonial Benedito (margem direita), pertencem a uma única família, a de Constantino dos Santos. Com as informações sobre a faixa etária é razoável supor tratar-se de pai, mãe e 6 filhos, já que no respectivo lote há apenas um casal acima de 20 anos e os outros 6 indivíduos possuem idade oscilando entre 1 e 10 a 20 anos.

Percebe-se também a disparidade do volume populacional das diversas linhas coloniais. O caso da linha colonial do ribeirão da Mulde parece ser indicativo da possibilidade da maior antiguidade do referido assentamento.

Pelo menos duas linhas coloniais denotam a presença de alguns proprietários de lotes com o mesmo sobrenome. Uma pesquisa dos outros dados disponíveis, inclina a pensar que algumas famílias imigraram com parentes próximos, que individualmente, ou com sua família, procuraram instalar-se em lotes vizinhos ao do respectivo parente.⁴⁷

Os quadros seguintes permitem conhecer o estado civil, faixa etária, número e tamanho das famílias, possibilitando uma análise pormenorizada do perfil dos primeiros moradores de Timbó. Extrairdo os dados de cada uma das seis linhas coloniais tem-se a seguinte distribuição em relação ao estado civil:

Quadro 4

Habitantes da Região de Timbó / nº de Lotes e Estado Civil / nºs Absolutos e Relativos.

Linha Colonial	Nº de lotes ocupados	Casados	%	Sol. + Viú.	%
Benedito (Mar. Dir.)	47	92	46,9	104	53,1
Benedito (Mar. Esq.)	37	68	46,5	78	53,5
Povoação Benedito	9	16	55,1	13	44,9
Cedros (Mar. Dir)	11	22	56,4	17	43,6
Cedros (Mar. Esq.)	20	36	43,9	46	56,1
Rib. Da Mulde	66	110	41,6	154	58,4
Total	190	344	45,5	412	54,5

Fonte: BLUMENAU, H. B. O. Estatística nominal dos habitantes existentes no fim de 1869. Blumenau: 14 Dez. 1870. Arquivo José Ferreira da Silva. Coleção Colonização, Pasta 02.34, Doc. 341.

⁴⁷ Estes são os casos das famílias Klug (Rio dos Cedros, margem esquerda) e Krambeck (Rio Benedito, margem direita), apenas para citar os exemplos mais claros. Lista completa nos anexos.

Quadro 5

Habitantes da Região de Timbó por nº de Lotes Ocupados e Faixa Etária

n^{os} Absolutos e Relativos.

Linha Colonial	Lot. ocup.	Faixa Etária							
		+ de 20	%	10 a 20 a.	%	1 a 10 a.	%	- de 1 a.	%
Benedito (Mar. Dir.)	47	96	48,9	20	10,2	67	34,1	13	6,6
Benedito (Mar. Esq.)	37	84	57,5	11	7,5	45	30,8	6	4,1
Povoação Benedito	9	19	65,5	2	6,8	7	24,1	1	3,4
Cedros (Mar. Dir.)	11	24	61,5	1	2,5	13	33,3	1	2,5
Cedros (Mar. Esq.)	20	44	53,6	19	23,1	18	21,9	1	1,2
Rib. da Mulde	66	134	50,7	53	20	71	26,8	6	2,2
Total	190	401	53	106	14	221	29,2	28	3,7

Fonte: BLUMENAU, H. B. O. [...] Cit., Pasta 02.34, Doc. 341.

Quadro 6

Habitantes da região de Timbó por nº de Lotes Ocupados. Habitantes por Lote

N^{os} Absolutos e Relativos.

Linha Colonial	Lot. Ocup.	Distribuição Demográfica dos Lotes							
		Individ.	%	2 a 4 Hab.	%	5 a 7 Hab.	%	+ 7 Hab	%
Benedito (Mar. Dir.)	47	1	2,1	28	59,5	17	36,1	1	2,1
Benedito (Mar. Esq.)	37	2	5,4	23	62,1	11	29,7	1	2,7
Povoação Benedito	9	0	0	8	88,8	1	11,1	0	0
Cedros (Mar. Dir.)	11	0	0	9	81,8	2	18,1	0	0
Cedros (Mar. Esq.)	20	3	15	8	40	7	35	2	10
Rib. da Mulde	66	11	16,6	28	42,4	24	36,3	3	4,5
Total	190	17	8,9	104	54,7	62	32,6	7	3,68

Fonte: BLUMENAU, H. B. O. [...] Cit., Pasta 02.34, Doc. 341.

Quanto ao estado civil, a população de Timbó possui uma leve predominância de solteiros.⁴⁸ A despeito disso, o índice relativo aponta para algo em torno de 45 % de casados, o que supõe a existência de um razoável número de famílias; mais do que isso, famílias com pouca prole ou com poucos dependentes ou agregados solteiros, já que se cada família possuísse muito mais de 2 filhos, este índice quase paritário não seria encontrado. A única exceção parece ser a linha colonial do ribeirão da Mulde, onde o número de solteiros e viúvos chega a quase 60 %.

Os primeiros timboenses eram em sua maioria (53 %), pessoas com mais de 20 anos. Em apenas uma linha colonial (Benedito, margem direita) o índice não alcança 50 %, mas fica muito próximo. O número de crianças de menos de 1 ano é bastante pequeno (3,7 %) e pode-se especular sobre a incidência de uma alta mortalidade infantil; de uma natalidade baixa no momento do censo, ou do fato de muitas das famílias estarem a pouco tempo no local. Estas últimas duas hipóteses parecem ser as mais prováveis, já que outras fontes documentais revelam ser a colônia Blumenau possuidora de baixa taxas de óbitos infantis.⁴⁹ Outra explicação cabível poderia consistir na orientação religiosa sobre a natalidade. Sabe-se ser tendência geral os protestantes possuírem, em geral, muito menos filhos do que os católicos. E não havia muitos em Timbó. Esta situação, aparentemente, não decorre de um controle populacional deliberado por parte dos protestantes, mas sim, na ausência de medidas contraceptivas nos meios católicos, onde o controle da natalidade era, e ainda é visto como uma contradição dos mandamentos de Deus.

⁴⁸ Infelizmente o documento consultado não diferencia solteiros de viúvos. Em função disso, estas duas situações estão aglutinadas no mesmo grupo.

⁴⁹ As informações referentes à mortalidade infantil podem ser conseguidas nos Mapas estatísticos que a Diretoria da Colônia Blumenau construiu nos anos de 1868 a 1874. Arquivo José Ferreira da Silva, Blumenau. *Mapas Estatísticos da Colônia Blumenau*. Coleção Colonização.

Nas duas outras categorias apresentadas, outro aspecto da faixa etária salta a vista. As crianças de 1 a 10 anos (29,2%) constituem mais que o dobro dos indivíduos entre 10 e 20 anos (14 %). Isso pode apontar para a possibilidade de tratar-se de famílias mais jovens ou recém constituídas, já que crianças pequenas em grande número não são comuns a pais de avançada idade. A maior disparidade entre diferentes faixas etárias encontra-se na linha Cedros (margem direita), onde a população de mais de 20 anos ultrapassa os 60 %, e a população entre 10-20 anos chega a poucos 2,5 %, igualando o de recém nascidos reconhecidamente baixo em todas as linhas. Nesta mesma linha colonial, o número de crianças entre 1 e 10 anos atinge 33 %. Esta observação parece corroborar as considerações feitas anteriormente.

As famílias que se constituíram na região de Timbó não eram seguramente muito grandes, ou, não tinham tido o tempo suficiente para tal. Em 54,7 % dos lotes viviam apenas de duas a quatro pessoas. Esta constatação é um pouco curiosa, pois, em geral se pensa nas famílias de imigrantes como constituídas por grande número de pessoas, pela própria necessidade de braços para a difícil lida dos trabalhos no campo. No momento deste censo não ocorria assim. Outro exemplo que ilustra ainda melhor esta tendência é o fato de que de acordo com os números gerais há muito mais propriedades ocupadas por um único indivíduo (8,9 %), do que as de mais de sete pessoas (3,68 %). Causa espécie este fato, pois é muito difícil imaginar que um único indivíduo fosse capaz de realizar todas as atividades necessárias ao desenvolvimento de um lote colonial. Por outra parte, o índice de habitantes por lote é o que mais varia nas diversas linhas coloniais. O número de lotes ocupados por apenas 1 indivíduo é grande no ribeirão da Mulde, mas quase insignificante na linha colonial Benedito (margem direita). O número de propriedades ocupadas por duas a quatro pessoas atinge o ápice na linha colonial

da Povoação Benedito (88,8 %), mas declina para apenas 40 % na linha Cedros (margem esquerda). Isso pode ser indicação de que a despeito do quadro geral manter-se conforme as explicações inicialmente dadas, podem-se identificar sinais de mudanças nos números ulteriores.

Por fim, cabe ainda uma análise do perfil do contingente fundador de Timbó relacionando-o à sua realidade maior; a colônia Blumenau.⁵⁰

Quadro 7

Habitantes da Região de Timbó e de Blumenau em 1869 por Sexo, Estado Civil e Religião. Números Absolutos e Relativos.

Localidade	Sexo				Religião				Estado Civil				Total
	Mas.	%	Fem.	%	Cat.	%	Evan.	%	Cas.	%	Sol/Viú	%	
Timbó	391	51,7	365	48,3	8	1,1	748	98,9	344	45,5	412	54,5	756
Blumenau	3049	50,9	2936	49,1	1053	17,5	4936	82,5	2296	38,3	3689	61,7	5985

Fonte: BLUMENAU, H. B. O. [...] Cit, Pasta 02.34, Doc. 341.

Timbó e Blumenau apresentam praticamente o mesmo perfil no que se refere a distribuição por sexo. Em relação ao estado civil há uma diferença razoável entre os índices, mas ela não compromete a idéia de que a população timboense e a blumenauense, como um todo, estavam constituídas mais por famílias do que por imigrantes individuais. A maior dificuldade de interpretação surge, sem dúvida da confrontação com o dado religioso. Blumenau, mesmo antes do início da imigração italiana em larga escala (1875), possui uma

⁵⁰ Para esta comparação foram utilizados os dados referentes à colônia Blumenau na sua totalidade, e não apenas números da povoação Blumenau, que era apenas uma das 29 áreas que constam no recenseamento.

população católica minoritária, mas presente, o que não ocorre em Timbó. Esta última nasceu e permaneceu área de esmagadora maioria evangélica. Comparativamente, pode-se concluir que o perfil da população inicial de Timbó - excetuando o aspecto religioso - mantém-se bastante próximo ao do restante da colônia Blumenau.

1.6. As origens do povoamento e da fundação de Timbó (c. 1864-1869)

Outro problema que se oferece à análise é o da data de fundação da colônia; da chegada dos primeiros imigrantes e sua conseqüente instalação na região. Existe uma tradição oral e escrita, extremamente valiosa, que sustenta todo o cerimonial institucional e festivo da comunidade, desde tempos já bastante antigos. Maestrelli e Weingärtner⁵¹, que se preocupam com o assunto, assinalam o ano de 1869, no qual Frederico Donner, considerado posteriormente o fundador da colônia, instalou-se na região.⁵² Em função deste marco, o município tem oficializado suas celebrações. O 12 de outubro é a data festejada todos os anos. A guisa de exemplo, pode-se colocar que o mesmo aconteceu com a data da fundação de Blumenau, que também foi objeto de polêmica. Alguns estudiosos afirmavam que a data correta seria 1852, ocasião da entrega dos lotes coloniais; outros, sustentavam o momento da chegada dos primeiros imigrantes (1850). Prevaleceu essa última, e, desde 1900, comemora-se o dois de setembro como marco cronológico inicial.

⁵¹ MAESTRELLI, Sérgio Roberto. op. cit., p. 19. WEINGÄRTNER, Nélso. op. cit., p. 3.

⁵² No recenseamento de 1869, Donner aparece como um dos moradores, com sua primeira esposa Ernestine, no Distrito de Rio dos Cedros (margem esquerda).

Ao historiador interessa a determinação precisa da cronologia, mesmo sabendo que dificilmente poderá traçar esse quadro de forma definitiva e perfeita. Mas, por outro lado, não se pode menosprezar o significado da comemoração de datas festivas, que tem uma função social e cultural muito importante na preservação da memória, e, portanto, da própria identidade da comunidade. De qualquer maneira, parece bastante provável que, antes de 1869, a região de Timbó já tivesse esparsos povoadores, antecedendo o processo de sólida ocupação da área, que se registrou em 1869. Diversas fontes apontam para isso, apesar de não precisarem o marco cronológico inicial. O mapa da região de Blumenau de 1864⁵³ (Figura 3, p. 32), relaciona todos os lotes até então ocupados. Nele percebe-se que o povoamento já havia atingido a foz do rio Benedito, que deságua no Itajaí-Açu na altura do povoado de Encano (atualmente Indaial). Portanto, é pouco provável que a colonização das margens do Benedito e Cedros demorasse ainda 5 anos para ser efetivada, já que a chegada de contínuas levas de imigrantes teriam tido uma boa opção para iniciar uma nova linha colonial, na subida dos dois rios.

Alguns trechos do Diário da Colônia⁵⁴ permitem também interessantes considerações. No período de 1864 a 1866, há registros sobre a realização de obras públicas autorizadas pela direção colonial na região. Nessa época respondia pela mesma, o guarda-livros Hermann Wendenburg, em função da ausência temporária do Dr. Blumenau, que estava em viagem pela

⁵³ SILVA, Zedar Perfeito da. *O Vale do Itajaí*. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola / Ministério da Agricultura, 1954. O mapa não possui assinatura, nem indicação do motivo pelo qual foi precisamente feito. Está intitulado "Karte des bewohnten Theils der Colonie Blumenau, Süd-Brasilien, ende 1864" ou Carta dos lotes ocupados da Colônia Blumenau, sul do Brasil no final de 1864.

⁵⁴ No *Diário da Colônia* eram registrados acontecimentos considerados importantes. Apesar do diário não mais existir, alguns desses registros permaneceram através de cópias parciais dos originais, com alguns registros esparsos, de maneira que é possível ter acesso à algumas dessas informações. Arquivo José Ferreira da Silva. Blumenau, *Diário da Colônia Blumenau*. Coleção Colonização.

Alemanha. Em abril de 1864 é autorizada a realização de "pontes, boeiros e aterros e concerto do caminho no Encano e Benedito".⁵⁵ As obras ficaram a cargo do Sr. Engicht, elevando-se ao montante de 98\$160 réis. No ano seguinte, em março, determinou-se a construção de "10 grandes canaes e aterros no caminho do Benedito"⁵⁶, que dessa vez ficaram ao encargo do Sr. Jansen pela quantia de 275\$500 réis. Finalmente, em janeiro de 1866, foram anunciados o preço dos "jornaes no caminho do Benedito, margem esquerda do rio - 88\$500".⁵⁷ Deve-se observar que nenhum dos citados trechos fala da ocupação da região, mas, pelo volume e natureza das obras, custa acreditar que semelhante gasto se fizesse numa área despovoada, que apenas cinco anos após seria colonizada.

Por fim, estudando simultaneamente o Recenseamento de 1869⁵⁸ e o mapa estatístico de entrada de imigrantes na Colônia Blumenau⁵⁹, do mesmo ano, e, cruzando com cautela suas referências, percebe-se conforme o primeiro documento, que a região de Timbó tinha já 756 habitantes distribuídos em 190 lotes. No entanto, o mapa estatístico de entrada dos imigrantes do mesmo ano, ao tratar dos colonos que teriam sido assentados na região, apresenta um número diferente.⁶⁰ Parece pouco provável, portanto, que os 756 habitantes fossem deslocados

⁵⁵ *Diário da Colônia*. Arquivo José Ferreira da Silva. Blumenau: 1864. Coleção Colonização. Pasta 2.25. Doc 251 (manuscrito / cópia).

⁵⁶ *Diário da Colônia*. Arquivo José Ferreira da Silva. Blumenau: 1865. Coleção Colonização. Pasta 2.26, Doc. 269. (Manuscrito / cópia).

⁵⁷ *Diário da Colônia*. Arquivo José Ferreira da Silva. Blumenau: 1866. Coleção Colonização. Pasta 2.28, Doc. 282. (Manuscrito / cópia).

⁵⁸ BLUMENAU, H. B. O. *Estatística nominal dos habitantes existentes no fim de 1869*. Blumenau: 14 Dez. 1870. Arquivo José Ferreira da Silva. Coleção Colonização, Pasta 02.34, Doc. 341.

⁵⁹ *Estatística Geral dos Imigrantes que entraram na colônia Blumenau no ano de 1869*. Arquivo José Ferreira da Silva. Blumenau: 1870. Pasta 2.33, Doc 339.

⁶⁰ *Ibidem*.

massivamente para a região de Timbó nesse momento, sem que seja demais arriscado pensar que seu estabelecimento remontasse a um período anterior.

De qualquer forma, o critério para atribuir a fundação de uma localidade está muito mais alicerçado na tradição do que numa hipotética primeira instalação de um colono, já que, junto com este último, outros também se fizeram presentes. A figura de Donner destacou-se e adquiriu esta proeminência pela liderança que desempenhou em Timbó. Comerciante, estabeleceu-se anos antes no vale do rio Morto, Indaial, e só se deslocou para Timbó em 1869, descontente com o lote que ocupava até então.⁶¹ Além de vender produtos para os colonos que chegavam, construiu uma atafona, onde estes últimos podiam processar o que cultivavam. Tornou-se bem conhecido em toda a região, chegando já no século XX, a ser eleito conselheiro municipal de Blumenau.⁶²

1.7. As origens institucionais e a evolução política (1869-1934).

O estudo das origens do povoamento, fundação e evolução urbana de Timbó, deve também ser relacionado a seu posterior desenvolvimento, desde o regime de colônia germânica até a sua formalização dentro do Direito público brasileiro com sua elevação à município (1934). Observa-se nesse itinerário que a própria localização, traçado e limites

⁶¹ BUZZI, G. op. cit., p. 41-42.

⁶² O cargo exercido por Donner era semelhante ao de um vereador. De tempos em tempos, deslocava-se a Blumenau para participar das reuniões da Câmara.

experimentaram uma transformação que não permite identificar plenamente a área da fundação inicial com a consagrada por ocasião da municipalização.

A colonização da região de Timbó deu origem a um pequeno povoado, que já constava em diversos relatórios da década de 70 do século XIX. Pode-se afirmar com segurança, portanto, que todas as linhas coloniais vizinhas que foram se desenvolvendo não estiveram sob a jurisdição do povoado de Timbó, já que nenhum tipo de organização administrativa se fazia presente. Tudo centrava-se em Blumenau; desde o ribeirão Gaspar, abaixo de Blumenau, até os contrafortes da serra, em direção ao planalto central da Província.

Em 1880, Blumenau iniciou o processo de transição de colônia à município. Devido a problemas ligados à uma terrível cheia ocorrida nesse ano, sua instalação ocorreu apenas em 1883, modificando o estatuto da colônia. Devido as necessidades da administração, em breve o município começaria a dividir-se em distritos. Porém, Timbó ficou informalmente ligado a esse conjunto maior, Blumenau, sem que se encontre documentação que justifique a existência de um regime diferenciado.

A primeira alteração substancial verificou-se com o estabelecimento do distrito de Indaial, o primeiro a ser criado (1886). Sua área englobava o espaço dos atuais municípios de Timbó, Benedito Novo, Rodeio, Rio dos Cedros e Ascurra. Em 1893 ocorreu um efêmero desmembramento do distrito de Indaial, que não chegou a se consolidar por ocasião dos acontecimentos que envolveram a Revolução Federalista em Santa Catarina. Com essa tentativa, o Governo pretendia diminuir a extensão da jurisdição de Blumenau, por motivos

políticos.⁶³ Essa atitude levantou resistência por parte dos habitantes da região, que não desejavam a criação do município, e, o mesmo, a despeito da lei, não chegou a ser instalado. Em 1897, a lei foi revogada, e a região passou novamente a fazer parte de Blumenau. Foi apenas em 1922, que Timbó e Benedito conquistaram o estatuto de décimo distrito do município de Blumenau, o último a ser criado antes do desmembramento do mesmo.

Um novo marco institucional será dado por ocasião da elevação de Timbó à município autônomo (1934). O desmembramento de Timbó pode ser melhor compreendido dentro do contexto da política estadual como uma atitude do governo de Aristiliano Ramos, interventor do Estado, para enfraquecer política e eleitoralmente Blumenau, que era região de tradicional resistência ao grupo dos Ramos, provenientes do planalto catarinense. Blumenau foi desmembrada em diversos municípios, e manteve parcela muito pequena de seu território anterior.⁶⁴ O Governo do Estado nomeou os primeiros administradores de Timbó, que só começaram a ser eleitos pela população a partir de 1936. Justamente em função do resultado deste pleito, e de forma semelhante ao que havia ocorrido em Blumenau anos antes, ocorreu o desmembramento do município de Timbó.⁶⁵

⁶³ SILVA, José Ferreira da. op. cit., p. 137-139. A motivação dessa punição à Blumenau deveu-se à participação de um efetivo de Blumenau nos atos de destituição do governo do Tenente Machado em Desterro. Os blumenauenses, após terem êxito na revolta, acabaram tendo que se retirar em função de ordens vindas da Capital federal para que o tenente tivesse seu cargo restituído. Tempos após, apareceu a questão do desmembramento.

⁶⁴ GERTZ, René. O Integralismo em Santa Catarina. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. Florianópolis. 3^a fase, V. 5, p. 16-28, 1984. Gertz procura explicar o sucesso do Integralismo nas áreas de colonização alemã no Estado de Santa Catarina analisando também a política estadual e seus desdobramentos.

⁶⁵ CRISTOFOLINI, Horácio. Timbó e sua História Política. *Timbó em Cadernos*. Timbó: Prefeitura Municipal, V. 1, p. 6-16, 1984. Além disso os jornais "O Correio de Timbó" e "O Semeador", ambos de Rodeio documentam claramente o ocorrido.

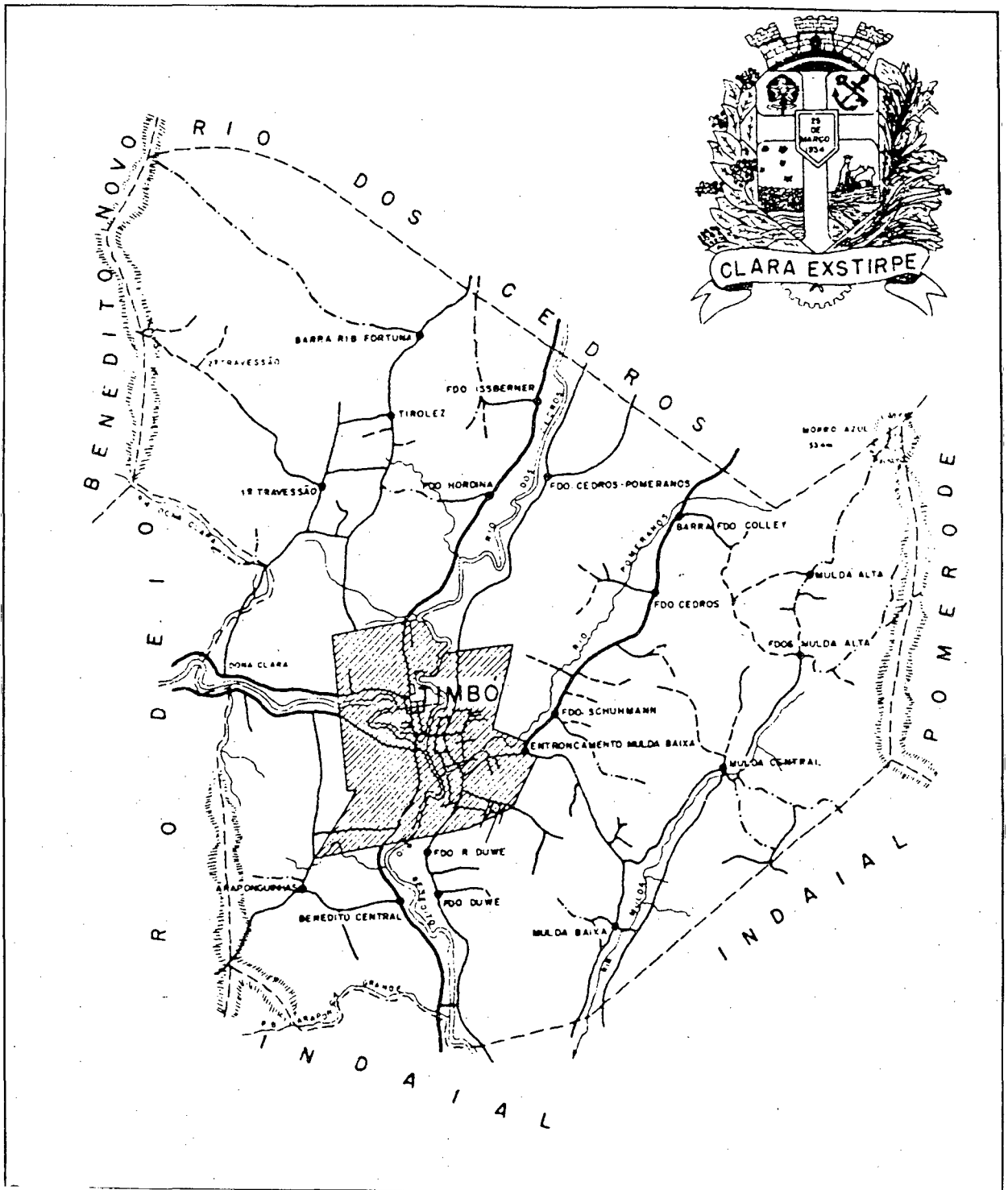
Quando Timbó tornou-se município, sua jurisdição administrativa abrangeu outros quatro distritos: o da própria sede, e os de Encruzilhada, Rodeio e Benedito Novo. O prefeito nomeado de Timbó às vésperas das eleições de 1936 era o Sr. Sylvio Scoz, ligado estreitamente ao novo governador do Estado, Nereu Ramos, que o havia nomeado um ano antes (27/05/1935). O Partido Liberal Catarinense, partido do governador, pretendia fazer valer sua força na região e organizou-se para isto em vista do pleito municipal que se aproximava (01/03/1936). A campanha dos liberais foi assumida claramente pelo jornal “O Correio de Timbó” editado em Rodeio, que nos meses que antecederam as eleições deu ampla cobertura a atuação do partido na região, atacando os adversários políticos do Partido Integralista. Assim, por exemplo, quando os diretórios municipais do partido foram organizados em janeiro de 1936, o periódico cobriu o encontro.⁶⁶ Quando o próprio Nereu Ramos esteve visitando a cidade poucos dias antes das eleições, o jornal transcreveu discursos, enalteceu atitudes do governador na condução dos negócios públicos e listou todos os participantes do banquete oferecido pelos liberais timboenses ao governador.⁶⁷

Toda esta campanha, no entanto, não atingiu seu objetivo principal: a eleição de Scoz como prefeito. Derrotado por uma apertada margem de votos, apesar de seu partido obter maioria na câmara municipal, o candidato liberal, após o fracasso, iniciou sistemática oposição ao candidato vencedor, Carlos Brandes, do Partido Integralista. O jornal “O Correio de Timbó” deixou de ser publicado tempos após, mas seu sucessor, “O Semeador”, também de Rodeio, iniciou sua publicação já com a aberta intenção de fazer oposição ao executivo

⁶⁶ Foram reorganizados os diretórios do Partido Liberal nos municípios de Timbó e Indaial O *Correio de Timbó*. Rodeio, 18 jan 1936. Biblioteca Pública de Santa Catarina. Diversos nº 28.

⁶⁷ Visita Governamental. O *Correio de Timbó*. Rodeio, 22 fev 1936. Biblioteca Pública de Santa Catarina. Diversos nº 28.

Figura 5. Mapa do Município de Timbó (1969)



Fonte: BUZZI, G. S. (Org). Álbum do Centenário de Timbó (1869-1969). Timbó: [s.n.], 1969.

municipal timboense. Na condição de oposição em relação ao Governo do Estado, e com uma representação minoritária na câmara de sua própria cidade, Timbó não resistiu a intenção secessionista dos liberais que derrotados no voto, utilizaram do desmembramento do município para poderem exercer seu poder. Em 22 de outubro, Timbó perdia grande parte de seu território, sendo criado o município de Rodeio que levou consigo ainda o distrito de Benedito Novo, antes pertencente a Timbó. As atitudes de Scoz, prefeito agora de Rodeio, foram norteadas pela política estadual de apoio às decisões do governador Nereu Ramos e, portanto, de endosso a política nacionalizadora que em alguns anos tornar-se-ia bastante marcante.

Em 1961, Timbó sofreu nova divisão quando de seu território foi desmembrado o novo município de Rio dos Cedros. A área municipal foi diminuída em mais da metade da que havia sido configurada em 1934. Timbó, portanto, deu origem a dois outros municípios que se caracterizaram principalmente pela colonização italiana.

Em vista dessas etapas da vida institucional timboense, deve-se distinguir cuidadosamente os diferentes momentos da vida da comunidade, para não incorrer em anacronismos. Caso contrário, resultaria por demais confusa e alterada a compreensão da sequência cronológica real das diversas instituições religiosas, educacionais e recreativas-culturais, impedindo a colocação de cada acontecimento dentro de seu contexto cronológico.

Capítulo 2

O Caráter Germânico Luterano do Povoamento de Timbó.

2.1. Germanismo e religiosidade.

Uma das características marcantes da religiosidade evangélica luterana foi a sua associação à manutenção e cultivo das tradições culturais herdadas dos antepassados. Em grande parte dos núcleos coloniais de origem alemã no Brasil, a Igreja foi, portanto, um dos principais instrumentos para que a herança cultural dos imigrantes não fosse perdida. Em suma, para os luteranos identidade étnica e fé estavam estreitamente vinculadas.

Este esquema explicativo parece óbvio e simples, e, a princípio adapta-se a realidade das colônias alemãs em Santa Catarina, incluindo Timbó. É necessário, no entanto, questionar se tal afirmação não peca pela simplificação do objeto estudado. Alguns autores já se preocuparam detidamente com este assunto em termos teóricos, e definiram muito bem alguns dos aspectos centrais da relação entre a confissão religiosa luterana e a manutenção de traços da cultura e da etnia. Cabe, portanto, fazer referência aos mesmos para esclarecer a orientação teórica dada ao tema.

O credo religioso foi um dos principais aspectos da progressiva integração da germanidade em um Estado nacional luterano mais de três séculos após a Reforma. Lutero era muito mais do que um reformador da cristandade, foi ele que traduziu as Escrituras para o alemão associando dessa forma a confissão religiosa luterana com a tradição linguística⁶⁸.

No século XIX, o Estado prussiano ao promover a unificação alemã, mantinha ligado a ele a instituição religiosa. Estado alemão e Igreja Luterana mantinham uma estreita solidariedade, em detrimento da independência eclesiástica, que ficava subordinada e integrada à estrutura estatal.

Willems assinalou que a religiosidade dos imigrantes deve ser relacionada ao local de origem dos mesmos. Áreas diferentes da Alemanha apresentaram comportamentos distintos acerca deste tema, e isto deve ser levado em conta quando se estuda as colônias alemãs no Brasil.⁶⁹

⁶⁸ WILLEMS, Emílio. op. cit., p. 350. "O Protestantismo germânico caracteriza-se pela fusão de elementos religiosos com outros os quais, devido à atuação de uma série de fatos históricos, foram adquirindo, aos poucos, um significado sagrado. Entre esses valores deve ser citado em primeiro lugar a língua alemã. É a língua usada por Lutero e foi nela que o reformador tornou acessível, ao povo alemão, a Sagrada Escritura. Ao mesmo tempo, Lutero lançou os alicerces do *Neuhochdeutsch*, do alemão moderno. A gênese da nova religião e da nova língua foi uma coisa só. A perda da língua possui sempre, para o protestante alemão ortodoxo, um significado religioso, além das outras conotações que usualmente se ligam ao processo de aculturação linguística".

⁶⁹ WILLEMS, E. op. cit., p. 38-40 e p. 350-358. O autor trata com bastante cuidado essa questão. O sul da Alemanha de origem católica pouco tinha a ver com o norte luterano, e além disso existiam ainda as diferenças regionais, consequência de séculos de existência de pequenos Estados autônomos.

O autor que mais se preocupou com este tema no âmbito da Igreja Luterana no Brasil foi Martin Dreher,⁷⁰ ao estudar a atuação da instituição eclesiástica, referindo-se principalmente aos dois primeiros sínodos luteranos criados no país: o Riograndense e o Luterano.⁷¹

Para Dreher a associação entre fé e germanidade só pode ser compreendida dentro do contexto das idéias do romantismo alemão⁷² do século XIX e os efeitos mais significativos desta relação fizeram se sentir no final deste século e na primeira metade do século XX. É apenas neste período que pode-se perceber iniciativas do Governo alemão e de entidades privadas alemãs na execução de um projeto de auxílio às comunidades alemãs no exterior⁷³. Estas iniciativas tem como um de seus objetivos proritários a manutenção e cultivo da germanidade.

O citado autor também procura deixar bem claro que, antes da fundação dos sínodos, antes portanto, de uma organização eclesiástica bem definida, é temerário afirmar que a germanidade fosse um dos objetivos centrais dos pastores, já que entre os mesmos havia um

⁷⁰ DREHER, Martin. op. cit.

⁷¹ O Sínodo Riograndense, criado em 1886 congregou apenas comunidades do Rio Grande do Sul, enquanto o sínodo Luterano abrangia geograficamente Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo e foi criado em 1905. Outros dois sínodos foram criados; a Associação de Comunidades Evangélicas de Santa Catarina e Paraná e o Sínodo do Brasil Central, respectivamente em 1911 e 1912. Estas quatro instituições acabaram por se reunir na atual Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), que recebeu esta denominação a partir de 1962. DREHER, Martin. Op. Cit., p.16.

⁷² *Ibidem*, p. 14.

⁷³ É bastante importante frisar que a preocupação com os alemães no exterior, só adquirirá importância a partir da existência de um Império alemão unificado, o que só ocorrerá após a guerra franco-prussiana de 1870-71, quando, efetivamente, os diversos Estados alemães passam a ter, mesmo que em alguns casos a contragosto, um referencial nacional. Quanto ao chanceler Bismarck, arquiteto do Reich, deve-se dizer que não era favorável a uma política de assistência aos alemães no exterior. Sua posição era de que um alemão que deixa sua pátria deixa de ser alemão. Com a queda do chanceler em 1890, a posição dos que queriam implementar uma contínua integração com os alemães no exterior recebeu um maior impulso. DREHER, M. op. cit., p. 14 e 43.

grande número de indivíduos sem formação teológica e, também, sem uma consciência clara dos aspectos culturais que envolviam a fé luterana. Muitos dos pastores que foram responsáveis pelos cultos nas primeiras comunidades, não possuíam ligações com instituições alemãs e muitas vezes exerciam a função pastoral por mera incapacidade de assumir outra profissão.⁷⁴

Outra problema fundamental é o do contexto em que se instalaram as colônias alemãs no Brasil. Muitas foram rapidamente assimiladas, por terem sido fundadas em áreas urbanas, nas quais a influência da cultura luso-brasileira logo se fez presente.⁷⁵ Muitas comunidades luteranas, antes mesmo da criação dos Sínodos, pouco mantinham dos traços originais da cultura alemã. Em muitas comunidades a língua havia sido perdida por muitos dos membros. Em contrapartida, na maioria das áreas interioranas, onde os imigrantes ou constituíam maioria ou estavam isolados, sem contato com populações luso-brasileiras, verificou-se uma melhor preservação da língua e tradições germânicas. Este fenômeno não supõe uma atitude conservadora premeditada e intencional de manutenção da germanidade, podendo depender das circunstâncias do empreendimento colonizador.

Outro fator que merece destaque é o da falta de uniformidade de interesses entre os diversos sínodos, pastores e associações germânicas. Ao lado da Igreja Evangélica Luterana de origem alemã, existia a Igreja Evangélica Luterana "Missouri", assim denominada por sua origem norte-americana. Esta última, além de não incentivar qualquer atitude que associasse

⁷⁴ Em diversos casos o pastorado era exercido por colonos que não possuíam uma formação teológica acadêmica e que portanto não tinham idéia da relação entre fé e germanidade.

⁷⁵ Isso ocorreu com as colônias do Rio de Janeiro (Petrópolis) e Minas Gerais (Teófilo Otoni e Juiz de Fora). DREHER, Martin. op. cit., p. 60-61.

evangelho à identidade étnica, era muitas vezes responsável pelo combate à germanidade.⁷⁶ Entre os pastores também haviam divergências dos mais variados tipos. Muitos faziam do púlpito uma oportunidade para relacionar a fé com a afirmação da etnia, outros, no entanto priorizavam a promoção da fé sobre a germanidade. Dreher procura distinguir claramente os pastores com formação teológica acadêmica dos obreiros das diversas missões alemãs que trabalhavam no Brasil. “Enquanto o pastor com formação acadêmica via sua função muito mais na pregação e na transmissão e preservação de valores culturais, diga: germanidade, o missionário preocupava-se exclusivamente com a pregação do Evangelho”.⁷⁷

As mesmas tensões observaram-se em geral nas diversas instituições que auxiliaram as colônias alemãs no Brasil. Muitas punham a confissão em primeiro lugar, outras subordinavam esta a objetivos distintos que envolviam a germanidade.⁷⁸

Tais problemas e conflitos de idéias e interesses tornavam a realidade das comunidades alemãs bem mais complexa e tensa, do que se pode imaginar numa consideração inicial. Parece interessante estudar e acompanhar o comportamento da comunidade de Timbó em relação aos diversos aspectos levantados.

⁷⁶ Dreher afirma que, especialmente no transcurso do século XIX, os representantes da referida instituição procuraram se opor a conotação sensivelmente étnica de muitos pastores dos Sínodos Riograndense e Luterano.

⁷⁷ DREHER, M. op. cit., p. 101.

⁷⁸ Até 1864, praticamente não foram enviados muitos pastores e missionários alemães para o Brasil. Deste momento em diante várias instituições se preocuparam em enviar pastores, missionários e recursos materiais para as escolas, igrejas e outras associações alemãs. Entre estas sociedades destacaram-se o Conselho Superior Eclesiástico de Berlim, a Obra Gustavo Adolfo (OGA), a Missão da Basiléia, a Associação das Caixas de Deus e a Sociedade Evangélica para os Alemães Protestantes na América do Norte e do Sul. Destas, a última caracterizou-se por uma declarada posição germanista, ao contrário da Obra Gustavo Adolfo e da Missão da Basiléia.

2.2. O serviço religioso em Timbó antes da criação da Comunidade Luterana.

As informações existentes acerca da vida religiosa timboense antes da fundação da comunidade evangélica em 1885 são bastante escassas. Nestas primeiras décadas de existência, Timbó era uma colônia bastante isolada, sendo quase inexistente o contato com as áreas luso-brasileiras e bastante difícil a comunicação com Blumenau.⁷⁹ Desde 1875, colônias italianas haviam sido criadas próximas ao povoado, mas não há informações de que isso tivesse levado a fundação de igrejas católicas em Timbó. Sabe-se que as primeiras manifestações religiosas católicas regulares só tiveram lugar em 1935. Naquela época, um pequeno núcleo de famílias católicas recebia assistência religiosa de freis franciscanos e da Ordem dos Frades Menores, que vinham da localidade próxima de Rodeio, contando com a ajuda das próprias famílias timboenses. As missas eram rezadas na escola anexa à casa do professor José Luecken, que também havia sido durante muitos anos professor de primeiras letras na região de Timbó.⁸⁰

Dentro deste contexto, pode-se considerar a colônia como um típico exemplo de uma comunidade pequena e fechada, na qual a conservação da cultura germânica pareceria dever-se mais à realidade do isolamento, do que a um projeto intencional de manutenção da germanidade. As informações da documentação à disposição permitem traçar uma visão superficial dos primeiros tempos do luteranismo em Timbó.

⁷⁹ WEINGARTNER, Nelso. op. cit., p. 13. O autor afirma que uma viagem de Timbó a Blumenau levava 12 horas.

⁸⁰ CRISTOFOLINI, Horácio. op. cit., p. 1-5.

Os ofícios religiosos eram realizados em Blumenau, Badenfurt e, depois, em Indaial. As pessoas deslocavam-se para estas localidades por ocasião de casamentos, batismos e confirmações.⁸¹ O relato deixado pelo imigrante Wilhelm Butzke é sumamente ilustrativo⁸². Butzke, pomerano de nascimento, chegou a Timbó em 1869 e instalou-se num lote situado no Rio dos Cedros. Quando sua primeira esposa faleceu, em 1875, o enterro foi realizado no cemitério de Timbó, sem fazer referência a quem oficiou o sepultamento. Meses após, o mesmo colono contraiu segundas núpcias, mas, para consagrar o matrimônio, teve que se deslocar até Badenfurt, onde o primeiro pastor de Blumenau, Pastor Osvaldo Hesse, celebrou a cerimônia. Cabe destacar que os registros paroquiais contemporâneos da Comunidade Evangélica de Blumenau reiteram este tipo de serviços religiosos.⁸³ Desde 1873 Timbó já possuía uma escola colonial e foi também Butzke um dos diretores. Neste mesmo prédio foram realizados alguns cultos, com a presença do referido Pastor Hesse.⁸⁴ Este último cumpria um papel bastante comum aos eclesiásticos da época - o pastorado itinerante - a forma mais simples dos colonos suprirem suas necessidades religiosas mais prementes, sem terem que optar por sustentar uma comunidade. Ao que tudo indica, Timbó ainda não possuía condições para tal empreendimento.

⁸¹ A confirmação é uma cerimônia que se assemelha a primeira comunhão da Igreja Católica. O confirmando, após um bom período de aulas regulares de iniciação religiosa, passava por uma série de testes e era confirmado, confessando sua fé perante a comunidade. A faixa etária deste rito diferia da que usualmente faz uso a Igreja Católica. A confirmação geralmente ocorria entre os 12 e 14 anos de idade. Até hoje tal prática é tradicional nos meios evangélicos.

⁸² WEINGARTNER, Nelso. op. cit., p. 5, 7 e 9.

⁸³ *Registros de Casamento, Batismo, Óbito e Confirmação da Comunidade Evangélica de Blumenau*. Blumenau. Arquivo José Ferreira da Silva.

⁸⁴ WEINGARTNER, Nelso. op. cit., p. 13. Ainda sobre o Pastor Hesse há uma importante caracterização do mesmo na obra de DREHER, Martin. op. cit., p. 70, na qual Hesse é apresentado como um clérigo sem maiores preocupações com a questão da germanidade, já que segundo o autor, o isolamento da região de Blumenau teria evitado a destruição da identidade étnica na colônia.

Mesmo após a criação da comunidade, o pastorado mantinha seu caráter itinerante os cultos eram comunicados com antecedência e os pastores se deslocavam por diversas regiões. Os anúncios dos jornais de Blumenau demonstram que os pastores atendiam simultaneamente diversas comunidades.⁸⁵ Quando os habitantes de Timbó resolveram, em uma reunião em 1885, estruturar sua própria comunidade, a assembléia foi presidida pelo Pastor Sandreczki, que foi inicialmente clérigo em Brusque.

Aparentemente, estas primeiras duas décadas de luteranismo timboense permaneceram dentro do modelo de não institucionalização da confissão luterana, levantado por Dreher. Os luteranos da cidade preferiram dirigir-se à outras comunidades já existentes para oficializar casamentos e batismos, ou aguardavam a presença de um ministro que desde um centro maior atendia toda a região. Por outra parte, não se tem notícia em Timbó da presença de ministros sem a devida qualificação teológica e pastoral. Tanto Hesse, quanto Sandreczki e seus sucessores, possuíam formação no estrangeiro. A não institucionalização da confissão através de uma comunidade própria durante tantos anos, também não deve ser interpretada como falta de interesse ou indiferença. Esta prática foi comum a grande maioria das linhas coloniais da região de Blumenau, pois a organização de uma comunidade, com templo, pastor e demais atividades, era bastante dispendiosa para uma época em que as áreas coloniais efetivamente ocupadas ainda eram pequenas se comparadas às do século XX, e o auxílio do exterior pequeno ou inexistente.

⁸⁵ Os jornais de Blumenau, "Blumenauer Zeitung" e "Der Urwaldsbote", forneciam os dias e horários dos cultos que eram realizados em Indaial, Timbó, Warnow, Badenfurt e outras localidades, variando de lugar conforme o pastor e a época do ano. Mesmo após a construção do templo em Timbó (1890), os ofícios religiosos não eram realizados dominicalmente.

2.3. A estruturação da Comunidade Luterana.

A fundação e estruturação da Comunidade Evangélica de Timbó ocorreu oficialmente apenas nos últimos anos da década de oitenta do século XIX. Segundo Kormann, no entanto, Timbó já possuía uma igreja desde 1878, que foi demolida apesar de sua “conotação histórica” por ocasião da construção do templo novo.⁸⁶

Portanto, após um período aproximado de quase duas décadas sem instituição religiosa constituída, os timboenses resolveram convocar uma assembléia para deliberar sobre o assunto. A primeira reunião foi realizada em fevereiro de 1885, com a presença de um número desconhecido de pessoas que decidiram, entre outras coisas, fazer uma consulta aos moradores de toda a região para verificar sua disposição em associar-se numa comunidade luterana estabelecida.⁸⁷ Nessa mesma ocasião, 18 pessoas dispuseram-se a contribuir com a quantia de R\$ 2\$000 como primeira prestação da filiação à comunidade⁸⁸. Deve-se lembrar, também, que até aquele momento não existia qualquer organização eclesiástica que fomentasse a integração das diversas comunidades luteranas de Santa Catarina. O Sínodo Luterano só seria criado em 1905. Decorre desta situação que uma das características marcantes destas primeiras comunidades era o seu caráter independente. Os fundadores da comunidade possuíam

⁸⁶ KORMANN, Edith. op. cit., p. 230. A autora não faz referência a fonte que sustenta tal afirmação. Em outras obras sobre Timbó, não há qualquer referência a construção de uma igreja em Timbó nessa época.

⁸⁷ As regiões consultadas foram: Benedito, Cedro e Estrada dos Pomeranos. Esta última localidade estava no caminho entre Timbó e as colônias italianas fundadas a partir de 1875, que deram origem posteriormente a localidade de Rio dos Cedros. Os italianos eram distribuídos nos lotes coloniais dispostos além das povoações de origem germânica. VICENZI, Victor. *História de Rio dos Cedros*. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1975. p. 26 e ss.

⁸⁸ WEINGÄRTNER, Nelso. op. cit., p. 13. A lista dos que contribuíram encontra-se nos anexos. O valor da primeira prestação era considerável, tendo em vista que o ordenado diário de um trabalhador na época estava em torno de R\$ 1\$300.

autonomia para decidir seus destinos sem qualquer atrelamento à instituições regionais ou estrangeiras. Dreher afirma que tal caráter “independente” das comunidades levou a uma forma própria de se compreender a função pastoral e influenciou na futura integração e organização dos sínodos.

Uma característica toda especial do período pré-sinodal é o independentismo das comunidades. Esta característica permaneceu constante nos sínodos que mais tarde se formariam e também na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Até hoje ela é uma igreja comunitária, isto é, a instituição IECLB surgiu a partir das comunidades e só pode existir, como instituição, porque as comunidades delegaram parte de suas atribuições à Igreja. A nova situação no Brasil, país em que não existia uma igreja evangélica e no qual o catolicismo romano era igreja estatal, fez com que não houvesse uma instância frente à qual as comunidades tivessem que se responsabilizar. Dessa maneira, as comunidades que iam surgindo dependiam delas mesmas.⁸⁹

Sobre os pastores:

O pastor se encontrava só, em seu relacionamento com a comunidade, pois não havia uma instância que eventualmente, lhe pudesse dar apoio. [...] Para a comunidade que pagava seu salário, ele era seu empregado; [...] Dessa maneira, praticamente até 1900, era muito difícil para o pastor exercer influência sobre a comunidade.⁹⁰

Mais de dois anos se passaram entre a primeira reunião deliberativa e a estruturação da comunidade. É possível que outras reuniões tenham ocorrido neste interím, mas não há documentos disponíveis para sustentar qualquer afirmação. O fato é que, em setembro de 1887, a comunidade já constituída reuniu-se para definir os estatutos e eleger e empossar a primeira diretoria. A comunidade havia crescido durante este período. A lista de membros iniciada com 18 contribuintes em 1885, contava já com 69.⁹¹ Muitos eram habitantes das áreas em que se

⁸⁹ DREHER, Martin. op. cit., p. 55.

⁹⁰ Ibidem., p. 55 e 57.

⁹¹ A lista completa encontra-se nos anexos. Ata da Comunidade Evangélica de Timbó de 25/09/1887, transcrita em WEINGARTNER, Nelso. op. cit., p. 15, 17, 19 e 21. Chama atenção também o fato de que alguns membros tem seus nomes repetidos duas ou três vezes na lista. Não há explicação oficial, mas aparentemente isto indicava pagamento de duas ou três mensalidades.

havia promovido uma consulta por ocasião da primeira reunião. Butzke, morador de Cedros, estava presente, e, além da diretoria eleita, cada linha colonial teve direito a escolher um “presidente regional” que a representasse. Portanto, pode-se entender este demorado processo de institucionalização como fruto da persistência de um grupo considerável de membros e não como iniciativa de um punhado de líderes que tomaram a frente o empreendimento sem consultar os outros habitantes da região. A decisão só foi tomada em função da presença e consentimento de representantes da maioria das linhas coloniais presentes no momento da fundação da igreja.

A reunião foi iniciada pelo Pastor Heinrich Sandreczki, na ocasião, pastor da comunidade de Blumenau. Este propôs que se utilizasse dos estatutos da comunidade de Brusque como modelo para os de Timbó,⁹² sendo os mesmos aprovados sem maiores problemas. Weingartner procurou refletir sobre este momento da institucionalização da comunidade referindo-se ao mesmo de forma crítica. Para ele os estatutos mais pareciam próprios de um clube do que de uma instituição religiosa e constituíam uma inversão das prioridades de uma instituição religiosa,⁹³ onde a fé era relegada a segundo plano com relação aos excessivos interesses associativos. Os estatutos definiam claramente quem poderia ser membro da comunidade e o que deveria fazer para ser aceito. Estipulavam também valores que deveriam ser pagos mensalmente e as punições pela inadimplência. Os direitos e deveres dos “sócios” estavam delimitados e deveriam ser respeitados. Não parece válido dissociar os dois aspectos básicos da igreja que não só era uma das instituições necessárias ao convívio dos

⁹² Sandreczki já havia sido pastor em Brusque. SILVA, Zedair Perfeito da. op. cit., p. 125. Aparentemente este é o motivo da proposição.

⁹³ WEINGARTNER, Nelso. op. cit., p. 19.

imigrantes, mas também espaço destinado ao exercício de uma fé fervorosa. Esta característica não foi um atributo exclusivo de Timbó, mas de muitas outras comunidades. A Igreja era parte das tradições e implicava componentes culturais, e que se refletiram basicamente na fundação da instituição. Não é possível tampouco incorrer na simplificação de pensar que ela constituía somente um elemento de defesa exacerbada da germanidade. Os timboenses não criaram sua comunidade sob a tutela de outras organizações, pelo contrário, o momento da institucionalização refletiu a situação de isolamento que havia marcado a comunidade até o momento. Não percebe-se quaisquer relações com entidades regionais ou estrangeiras que manifestassem preocupação exclusiva com o cultivo e manutenção da germanidade.

No aspecto da instituição das autoridades, estabeleceu-se um conselho de representantes da comunidade integrado por 14 pessoas, eleitas entre os presentes à assembléia de fundação. Assistiam ao conselho mais cinco presidentes regionais responsáveis pelos desígnios da igreja oficialmente constituída. Coube a distinção de ser o primeiro presidente eleito da comunidade ao Sr. Christian Decker.⁹⁴

2.4. A construção do primeiro templo e a fundação da Paróquia Unida com Indaial.

A criação de um espaço físico apropriado às manifestações religiosas era uma necessidade premente após a institucionalização da comunidade que devia dispor de um âmbito adequado para realizar suas atividades. O tempo da escola-igreja já havia passado. Em 1888 iniciou-se nessas circunstâncias a construção do templo. O Sr. Frederico Donner, um dos

⁹⁴ Ibidem p. 17-19. A relação dos presentes assim como dos que foram eleitos encontra-se nos anexos.

líderes comunitários e comerciante local, foi responsável pela apresentação de diversos projetos, sendo escolhido dentre eles um que previa uma igreja com torre. Este aspecto chama atenção porque, apesar da fé evangélica luterana ser tolerada e respeitada pelas autoridades brasileiras, a princípio, os locais de culto não deveriam possuir nenhuma forma exterior que prenunciasse a fé ali cultivada. O Brasil ainda era uma monarquia, na qual a Igreja Católica era a religião oficial, não havendo separação entre Estado e Igreja. Só a proclamação da República quebraria esta união. A construção do templo com torre não significava que os luteranos de Timbó pretendessem provocar as autoridades constituídas e não existe qualquer menção de conflito com os católicos das colônias italianas, nem com autoridades de Blumenau ou provinciais. Longe dos controles civis, no seu isolamento rústico, o mais provável é que Timbó obedecia aos modelos tradicionais germânicos luteranos em função da quase total indiferença do poder público no cumprimento de tal determinação.

A pedra fundamental foi lançada em 8 de maio de 1888, postergando em um mês a data de início da construção, devido a impossibilidade de comparecer antes o pastor Sandreczki. A festa foi iniciada no prédio da escola, de onde os fiéis se dirigiram para o lugar destinado a construção, o mesmo do atual templo. Para as festividades foram convidados representantes das comunidades evangélicas de Blumenau e Indaial. Além da cerimônia foi realizado um culto e a coleta realizada possibilitou o pagamento dos festejos e dos serviços do Pastor, que recebeu R\$ 10\$000 réis. O início festivo não garantiu, no entanto, a agilidade na execução do projeto. O material e a mão de obra foram contratados, mas o transporte de pedras e tijolos teve que ser feito pelos próprios membros. As dificuldades maiores ainda estavam por vir. Em função da inadimplência de muitos membros, para os quais a mensalidade de R\$ 2\$000 era por

demais onerosa, as obras foram paralizadas em maio de 1889⁹⁵. Depois de um período de suspensão, uma nova assembléia, no final de 1889, encontrou a solução para que a construção fosse concluída. Nela, os presentes obrigaram-se a assinar uma promissória em que todos se responsabilizavam pelo empréstimo a ser tomado para terminar os trabalhos cuja quantia poderia chegar até um conto de réis, valor bastante significativo para a época. Dessa forma, o dinheiro foi conseguido, e a igreja pôde ser finalmente inaugurada em 28 de setembro do ano seguinte em uma cerimônia festiva.

No entanto, antes da conclusão da construção do templo, a comunidade de Timbó já havia tomado outra decisão que em muito alteraria sua existência futura: a fusão com a Comunidade Evangélica de Indaial. A iniciativa, que implicava na criação de uma paróquia autônoma de Blumenau foi proposta apresentada pelo presidente da comunidade de Indaial, e foi aprovada em uma reunião geral no dia 13 de agosto de 1889 por unanimidade. Até aquele momento, os ofícios religiosos em Indaial e Timbó eram ministrados pelos pastores de Blumenau. A integração das duas comunidades permitiu que as atividades religiosas fossem expandidas e isso incluía a contratação de um pastor que se dedicasse apenas a nova paróquia. Porém, as localidades a serem atendidas eram muitas, envolvendo a maioria das linhas coloniais próximas a Timbó e Indaial. Os membros das duas comunidades não se restringiam apenas às duas povoações sedes, mas mesmo assim, a contratação de um ministro era um grande passo, quando se compara esta situação a anterior dependência do pastorado blumenauense. Integraram-se assim as comunidades mencionadas e as de Warnow e Ilse-Neise, próximas a

⁹⁵ WEINGÄRTNER, Nelso. op. cit., p. 21-23.

Indaial e os jornais da época ainda mencionam outras localidades até as quais se estendia a assistência do pastor tais como Rio Ada, e até deslocamentos para Brusque e Jaraguá do Sul.⁹⁶

O primeiro ministro de Indaial-Timbó foi o Pastor Heinrich Erich, que permaneceu a frente da paróquia até 1896. Nesta época a residência pastoral ficava em Indaial. Poucas informações há acerca da formação teológica e o estilo das prédicas do novo clérigo. As informações mais significativas deste período tratam da peculiar relação entre membros e não-membros. Não cabe esquecer o exposto quanto as dificuldades econômicas para a filiação e manutenção junto a comunidade que constituíam encargo bastante oneroso. O pagamento necessário para se filiar era de R\$ 40\$000, e este valor já havia sido inclusive maior.⁹⁷ As mensalidades estavam em torno de R\$ 2\$000, e era bastante comum que, ao se decidir a aquisição de algum novo bem, o preço do mesmo fosse repartido entre os membros. Alguns dos serviços, como por exemplo a Santa Ceia e o sepultamento, tinham taxas próprias. Todos estes encargos vieram a dificultar ou impossibilitar a filiação de grande número de pessoas que, a despeito de serem evangélicos luteranos, não podiam arcar com os custos da participação da comunidade. Porém, muitos moradores não filiados frequentavam a Igreja, e isso criou problemas. As atas da época registram diversas disposições aprovadas em reuniões da Igreja para que esta situação fosse devidamente regularizada. Em 1890 resolve-se que aqueles que inadvertidamente frequentassem os cultos sem serem membros deviam ser notificados por

⁹⁶ Naquela época aconteciam intervalos entre a saída de um pastor e a contratação de seu substituto. Provavelmente foi isso que fez o titular de Indaial-Timbó deslocar-se tão longe. *Blumenauer Zeitung*, Blumenau, 4 abr 1896.

⁹⁷ Livro de Atas da Comunidade de Timbó. Ata de 21/01/1896. Apud WEINGARTNER, Nelso. op. cit., p. 33.

escrito de que devem "...adquirir os direitos de membros ou então restringir a visita ao culto, para quando forem convidados a ser padrinho no batismo duma criança".⁹⁸

Aparentemente tal comunicação por escrito não surtiu os efeitos desejados, já que um ano após uma decisão mais drástica foi tomada, estabelecendo que "A participação de não-membros nos cultos deve ser restringida por meio da cobrança dum determinado imposto, que há de ser cobrado dos mesmos quando quiserem participar dos cultos. Para fazer cumprir essa ordem deverão ser eleitos dois membros da comunidade".⁹⁹

A mesma restrição em relação aos cultos foi aplicada empregada para os serviços religiosos mais específicos, estabelecendo-se que: "Para participar da Santa Ceia, membros terão que pagar uma taxa de 100 R\$, não-membros R\$ 1.000. Confirmandos estão isentos da taxa no dia da confirmação".¹⁰⁰ [...] "No uso dos sinos para enterros de membros da comunidade será cobrada uma taxa de R\$ 2\$000 para membros. Não membros pagarão R\$ 3\$000".¹⁰¹

Todas estas restrições reforçavam o caráter associativo que a instituição eclesiástica tinha, e mais que isto, demonstravam que a preocupação central, primordial era mais religiosa

⁹⁸ Livro de Atas da Comunidade de Timbó. Ata de 23/11/1890. Apud WEINGÄRTNER, Nelso. op. cit., p. 31.

⁹⁹ Livro de Atas da Comunidade de Timbó. Ata de 23/11/1891. Apud WEINGÄRTNER, Nelso. op. cit., p. 31.

¹⁰⁰ Livro de Atas da Comunidade de Timbó. Ata de 5/03/1893. Apud WEINGÄRTNER, Nelso. op. cit., p. 33.

¹⁰¹ Livro de Atas da Comunidade de Timbó. Ata de 27/12/1897. Apud WEINGÄRTNER, Nelso. op. cit., p. 35. Esta deliberação foi tomada após a saída do pastor Erich. Nesta época era o pastor Haegholz que dirigia a paróquia de Indaial-Timbó.

do que étnica, de integrar todos os “filhos da pátria alemã” numa instituição que, com espírito coletivo e harmonioso cultivasse predominantemente a etnia. O vínculo comum do sangue alemão aparentemente não constituía a prioridade da comunidade e a pregação germanista, de cunho exclusivista não havia se propagado por Timbó, como por vezes se tem pensado.

Nos anos que se seguiram, a comunidade concluiu o aparelhamento do templo, adquirindo os sinos, harmônio e construindo o coro da igreja. Os dois primeiros foram importados da Alemanha com isenção aduaneira dada pelo Governo estadual. Porém foi necessário cada membro desembolsar R\$ 10\$000 réis para efetivar a compra. Esses eram muito importantes para a cerimônia do culto, os sinos para marcar as horas canônicas e convocar os fiéis para as cerimônias ou eventos especiais. O harmônio e os cântigos permitiam integrar a participação coral mais amplamente. Os hinos, ademais constituíam um instrumento na conservação e transmissão dos traços culturais germânicos.

2.5. Separação de Indaial e fundação da Paróquia Evangélica de Timbó.

O Pastor Erich teve que deixar a paróquia de Benedito-Timbó, por motivos desconhecidos, no decorrer do ano de 1896, sendo substituído pelo Pastor Haegholz. O mesmo foi o protagonista de uma crise que levou a cisão das comunidades de Timbó e Indaial, que muito repercutiu na região e constituiu um conflito que se prolongou por décadas. Em setembro de 1898, consta que, em função de uma recusa do pastor em realizar uma confirmação, inciou-se a discórdia entre o mesmo e o presidente da Comunidade de Indaial¹⁰²

¹⁰² WEINGÄRTNER, Nelso. op. cit., p. 37.

Com o agravamento dessa crise, foi realizada em Timbó uma assembléia extraordinária no dia 3 de outubro de 1898 acerca da separação ou não das duas comunidades. Uma votação secreta sucedeu, que apresentou como resultado a vitória dos favoráveis à autonomia: 65 contra 58 votos. Com essa apertada margem deu-se início a paróquia timboense, assumindo o pastor Haegeholz as funções da mesma. Esta decisão em muito desagradou os evangélicos de Indaial, deixando profundas mágoas neles. As disputas e intrigas entre as duas comunidades foram bastante intensas durante a permanência do Pastor Haegeholz em Timbó. Este mudou-se para a cidade, onde construiu uma casa que posteriormente a seu afastamento foi adquirida pela comunidade para ser a casa pastoral dos próximos ministros luteranos na cidade, contribuindo cada membro com mais R\$ 20\$000 para saldar este compromisso. Esta cisão, de tão amargas consequências reforça a interpretação de que a despeito do caráter marcadamente étnico da instituição, este fator não prevalecia para criar uma unidade de interesses que permitisse a manutenção da união institucional das duas comunidades em face de divergências de tipo predominantemente religioso.

O Pastor Haegeholz permaneceu no cargo até 1901, quando voltou para a Alemanha. A paróquia foi oficialmente instituída em 2 de janeiro de 1899, abrangendo as seguintes comunidades: Timbó, Benedito Novo, Rio Ada, Cedro Alto e Rio da Luz. O número total de membros era de 300 pessoas, mas, aparentemente, este número referia-se apenas a comunidade de Timbó e não a todas as comunidades integradas na nova paróquia.

2.6. Evolução institucional da Paróquia Evangélica de Timbó até o final da década de 20.

Estando a paróquia instalada e o templo terminado e aparelhado para as funções religiosas, podia a comunidade seguir finalmente seu dia-a-dia. Durante as duas primeiras

décadas do século XX, foi dirigida por dois ministros: o Pastor Rudolph (1901-1908), e o Pastor Krause (1908-1921). Nesses vinte anos que se seguiram, Timbó saiu de sua condição de total autonomia para filiar-se às estruturas da Igreja Evangélica Luterana regionais e estrangeiras que, agora sim, tentavam integrar os evangélicos num sistema hierárquico.

Assim, em 1904, se decidiu a filiação à Igreja das Antigas Províncias Prussianas¹⁰³. O pedido foi feito formalmente no dia 28 de fevereiro, e, dois meses após, o representante da referida instituição, Pastor Braunschweig, esteve na comunidade afim de acertar os detalhes.¹⁰⁴ Norteava o processo a intenção da Igreja Prussiana de adotar uma política de maior contato com as comunidades alemãs no exterior, conforme o explica Dreher:

A partir de 1900 inicia-se um processo que pretende uma maior aproximação das diversas comunidades e seus pastores à Alemanha. Uma lei eclesiástica da Igreja Prussiana possibilitava, então, a filiação de comunidades evangélicas alemãs no exterior à Igreja Prussiana. Excetuando-se as comunidades do Sínodo Luterano, uma série de comunidades fez uso dessa possibilidade de filiação. Às comunidades era possibilitada, agora, ajuda financeira, enquanto que aos pastores eram garantidos ordenado condigno e uma pensão vitalícia.¹⁰⁵

Com que intenção os timboenses filiaram-se à Igreja prussiana? As possibilidades da imprescindível ajuda financeira para o desenvolvimento da comunidade e pagamento dos pastores foi importante. Até então, a autonomia de Timbó representava uma despesa elevada quase sempre saldada com esforço por demais pesado dos membros. Uma ajuda era bem vinda, mas implicava também, em uma maior influência dos centros eclesiásticos alemães. Mas, para

¹⁰³ Ibidem, p. 41.

¹⁰⁴ A presença de Braunschweig era necessária, pois era ele que intermediava as filiações à Igreja Prussiana. Sua função não era apenas pastoral, mas a de um verdadeiro representante local da instituição alemã, que por sua vez, estava submetida ao Estado prussiano e seu departamento de relações exteriores.

¹⁰⁵ DREHER, M. op. cit., p. 16.

Dreher, a influência da Igreja Prussiana em favor da preservação da germanidade só pode ser compreendida a partir da própria reformulação de atitudes do Império Alemão em relação aos teutos e seus descendentes no exterior, na virada do século XIX para o XX:

Não se pode falar, portanto, de uma intervenção decidida do Conselho em favor da preservação da germanidade no período pré-sinodal. Sendo um departamento da administração estatal prussiana, dependia da política exterior da Prússia. Uma mudança nessa situação parece ocorrer tão somente a partir de 1896, quando Guilherme II passou a dar atenção à 'Alemanha maior' e o Império Alemão principiou com sua política de germanidade.¹⁰⁶

Em 1908, o Pastor Rudolph deixou a paróquia, e apenas três meses após, assumiu a mesma o Pastor Krause. No ano de 1910 dois fatos merecem registro. Em janeiro, a Comunidade Evangélica da localidade de Carijós pediu e foi aceita como parte integrante da Paróquia de Timbó. No mês de maio, a Paróquia filiou-se à Liga Comunitária de Santa Catarina, formada pelas comunidades de Blumenau, Brusque, Florianópolis, Santa Isabel, Teresópolis, Itoupava, Badenfurt, Pomerode e São Bento¹⁰⁷. A entrada nesta liga abriu o caminho para a integração regional. Se a filiação à Alemanha já havia sido efetuada anos antes, faltava procurar uma melhor integração com os demais evangélicos de Santa Catarina. Todas as comunidades anteriormente citadas, assim como Timbó, incorporaram-se nesta associação principalmente em função da ligação com Berlim estabelecida anos antes. Esta associação, de caráter sinodal, manteve estreita ligação com o Conselho Superior Eclesiástico de Berlim e relações, por vezes tensas, com as demais comunidades filiadas ao chamado Sínodo Luterano. O caráter confessional deste último diferia da posição mais germanizante da instituição berlinense.

¹⁰⁶ Ibidem, p. 78.

¹⁰⁷ WEINGARTNER, N. op. cit., p. 41.

As conseqüências efetivas destas filiações foram aparecendo aos poucos. Em 1912, a Igreja alemã enviou 250 marcos para Timbó, para auxiliar na recuperação de parte dos danos causados por uma cheia ocorrida um ano antes, e que trouxe grandes prejuízos a toda a região de Blumenau. No mesmo ano, a Obra Gustavo Adolfo contribuiu também duas vezes com o mesmo valor. O montante de cada uma dessas doações, R\$ 35\$600, significou uma ajuda considerável.¹⁰⁸

Outro aspecto importante da devoção evangélica luterana diz respeito aos hinos cantados durante as diversas celebrações. Foi no ano de 1913, que decidiu-se pela utilização de um hinário. Inicialmente editado em alemão, e traduzido posteriormente para o português manteve sua vigência por várias décadas. Antes da sua instituição, a comunidade oficiava suas celebrações com um acervo similar de hinos, mas faltava a organização num cancioneiro.

Em 28 de setembro de 1915 a Comunidade de Timbó comemorou os 25 anos de inauguração da igreja. A cerimônia foi realizada no dia 3 de outubro, tendo os participantes saído do salão Donner e se dirigido a sede da comunidade onde, após o culto, realizou-se um banquete festivo (Figura 6, p. 75). A Paróquia possuía nesse momento sete locais em que se

¹⁰⁸ DREHER, M. op. cit., p. 78-79. O autor caracteriza assim a atuação da Sociedade Gustavo Adolfo: "Tanto mais significativo foi o auxílio concedido pela Sociedade Gustavo Adolfo às comunidades brasileiras. Esse auxílio chegava a elas por via direta ou indireta. Via direta, pois a Sociedade Gustavo Adolfo concedia auxílios ao Conselho Superior Eclesiástico ou à Sociedade Evangélica para os Alemães Protestantes no Sul do Brasil para que pudessem ser enviados pastores; via indireta, pois algumas comunidades e seus pastores recebiam auxílios para a suplementação de vencimentos ou para a compra de vasos sacros, etc. [...] A idéia da preservação da germanidade nas comunidades evangélicas de descendentes de alemães no Brasil também teve um papel secundário quando da concessão de auxílios da parte da Sociedade Gustavo Adolfo no período pré-sinodal. A questão da preservação da germanidade só viria a se tornar aguda em virtude dos acontecimentos ligados à Primeira Guerra Mundial; somente então é que ela veio a ter maior significado para o trabalho dessa Sociedade."

oficiavam as celebrações: Timbó, Rio Ada, Cedro Alto, Benedito Novo, Santa Maria, Liberdade e Carijós¹⁰⁹.

Figura 6. Foto do Jubileu da Igreja Evangélica de Timbó (1915).



Fonte: MAESTRELLI, S. R. *Fatos e Imagens do Meio Rural de Timbó*. Timbó: Tipotil, 1992. p. 135.

Fotos dos Acervo Particular do Sr. Curt Donner.

Dois anos após, em 1917, a comunidade comemorou com as demais comunidades de Santa Catarina, o quarto centenário da Reforma. Essas festas desempenharam importante função educativa e de manutenção dos traços culturais germânicos. Nelas, geralmente as famílias que residiam mais distante do centro compareciam para participar das celebrações. Nessa ocasião

¹⁰⁹ *Ibidem*, p. 43.

tomavam conhecimento das novidades da comunidade, realizavam diversos contatos e por vezes, contratos de compra e venda. Havia também a oportunidade de procurar companhia para futuros casamentos, já que era o momento de maior concentração dos colonos.

Porém, as festas deste ano foram ofuscadas pela incidência das circunstâncias preliminares da guerra que o Brasil declarou a Alemanha no mesmo ano, e, que também motivou uma série de restrições às atividades religiosas. Em primeiro lugar, proibiram-se os cultos com prédica, apenas a liturgia em língua alemã poderia permanecer. As escolas alemãs e o ensino confirmatório foram cancelados. Óbvio, tal restrição prejudicou seriamente a transmissão e manutenção de traços importantes da cultura alemã, renunciando apenas a grande ofensiva nacionalizadora que viria duas décadas mais tarde, após a subida de Vargas ao poder.¹¹⁰

O Pastor Krause deixou a paróquia em 1921, e quatro meses após assumiu a mesma o Pastor Hohlfeld, que permaneceu até 1926, sendo esse período muito conturbado, já que o ordenado dos pastores estava defasado e a ajuda financeira que vinha da Alemanha não estava mais disponível em função da grave crise econômica do pós-guerra. Esta constatação ilustra a idéia de que a associação feita com as instituições alemãs tinha por principal objetivo carrear recursos para a comunidade, que na falta destes recursos voltava a apresentar os mesmos problemas básicos de sustento sentidos anteriormente.

Nesta mesma época, a comunidade de Carijós passou a fazer parte da Paróquia de Indaial, desligando-se de Timbó, mas uma parcela desta, ao tornar-se autônoma de Carijós não

¹¹⁰ DREHER, M. op. cit., p.49.

se dissociou de Timbó. Nasceu a Comunidade de Mulda Alta. Nesta época o interior de Timbó era atendido há tempo por pastores e pouco a pouco, as linhas mais distantes procuravam construir seus templos ainda que modestos e frequentados em geral apenas algumas vezes, por ocasião da presença do pastor.

Nos anos de 1926 a 1928, Timbó foi dirigida pelo Pastor Dürre, que além de ministro da comunidade, assumiu a direção da escola teuto-evangélica fundada em 1926. Em 1928, Pastor Dürre deixou Timbó, tornando-se pastor em Blumenau. Para o seu lugar, veio o Pastor Bergold, que assumiu simultaneamente a comunidade e a escola. A partir de 1927, portanto ainda na época do Pastor Dürre, a igreja central em Berlim começou a enviar para assitir os pastores de Timbó, a figura do "Vikar", que era um pastor recém formado, que devia fazer um estágio numa comunidade oportunamente designada¹¹¹. A função desse auxiliar era colaborar com o pastor nas múltiplas obrigações de que era responsável, tanto em Timbó como nas comunidades de jurisdição da Paróquia. Daí que várias destas foram atribuídas a estes auxiliares. Em 1929, o Vikar Auringer era responsável pelas comunidades de Benedito Novo, Santa Maria e Liberdade e o Pastor Bergold atendia Timbó, Rio Ada, Cedro Alto e Mulda Alta. A presença do Vikar implicava na influência direta da Igreja alemã.

2.7. As comunidades luteranas do interior de Timbó (1890-1930).

Se até 1889, data da fundação da paróquia autônoma de Indaial-Timbó, a comunidade dependia do auxílio e presença dos pastores vindos de Blumenau, esta situação mudou nos anos

¹¹¹ Ibidem, p. 53.

seguintes, tornando-se Timbó o centro pastoral de atendimento a diversos pontos de pregação no interior. A colonização de Timbó prosseguia com o passar dos anos, atingindo, segundo o Pastor Dürre, o vale do ribeirão Santa Maria em 1888-1889 e o ribeirão Liberdade em 1905¹¹². Em alguns anos estas pequenas linhas tornaram-se pontos de pregação, onde esparsamente o ministro de Timbó fazia-se presente.

A escola, como já havia ocorrido em outros locais antes, serviu como espaço físico para as pregações iniciais. Assim, em 1890, na região de Cedro Alto, duas pequenas escolas iniciaram o atendimento pastoral e em 1895 foi a vez da pequena linha colonial de Rio Ada.

Segundo Weingärtner, a frequência do atendimento a algumas destas linhas coloniais era de 3 a 4 vezes por ano.¹¹³ Óbvio, este atendimento tão esparsa derivava também da baixa densidade populacional das áreas colonizadas, constituídas por apenas algumas dezenas de famílias. Estas não passavam, em Cedro Alto de 50, e em muitas destas linhas coloniais operou-se posteriormente êxodo, que levou ao despovoamento das localidades. Em Rio Ada, por exemplo, nenhum dos membros fundadores da comunidade permaneceu na região, observando-se no início do século XX uma migração interna em direção ao Rio Grande do Sul desconhecendo-se as causas desta mudança. Talvez, razão desta instabilidade populacional, essas comunidades tão distantes e isoladas tenham permanecido durante longo tempo dependentes da pregação esparsa. Não obstante, finalmente o auxílio vindo do estrangeiro também chegou a estas comunidades. Há pelo menos um registro de que, em 1914, o Conselho

¹¹² DÜRRE, H. *Der Urwaldsbote*. Blumenau: 10 out 1926.

¹¹³ WEINGÄRTNER, Nelso. op. cit., p. 85.

Superior Eclesiástico de Berlim concedeu uma ajuda de 500 marcos a Cedro Alto, que foi utilizado para a construção de uma casa de oração.¹¹⁴

2.8. Os Anos 30. Filiação à "Deutsche Reichskirche" e criação da "Lehrer Präparande"

Durante a década de 30 a Paróquia Evangélica de Timbó foi assistida por dois pastores: Pastor Bergold (1928-1932), e, posteriormente Pastor Bluemel (1932-1950). Já em 1929, durante o ministério do Pastor Bergold, era levantada a possibilidade de Timbó sediar uma escola de preparação de professores para as escolas teutas do interior, uma "Lehrer Präparande".¹¹⁵ Havia necessidade premente de suprir as escolas do interior com professores mais capacitados, e esse projeto muito contribuiria nesse sentido. O projeto foi concretizado em 1932 e permaneceu em atividade até 1938. Pastor Bluemel promoveu ativamente essa escola, que formou professores para todo o interior da região de Blumenau. Muitas reuniões de associações escolares da região relatam a importância que a escola teve na expansão da educação na região. Foi fechada por ocasião da campanha de nacionalização do ensino, que recusava-se a permitir uma escola de preparação que habilitasse ao exercício da profissão em uma língua estrangeira. O Pastor Bluemel também foi vítima do processo de nacionalização, sendo preso durante dois anos por atividades suspeitas. Esta detenção resultou ainda mais

¹¹⁴ Ibidem., p. 85.

¹¹⁵ A Lehrer Präparande era uma escola para preparação de professores. Após o curso, os mesmos estavam aptos a exercer a docência nas diversas escolas primárias privadas existentes no interior da região. O projeto da Lehrer Präparande foi inspirado em uma instituição semelhante criada no Rio Grande do Sul; o Lehrer Seminar. O Pastor Bergold, reconhecendo a importância e necessidade da escola, procurou ampliar a discussão, entre seus pares, acerca desta iniciativa.

arbitrária, pois foi este mesmo pastor que a frente da comunidade, opôs-se a filiação à entidades alemãs ligadas ao Nazismo.¹¹⁶

Em 24 de outubro de 1934 foi definida a filiação da Paróquia de Timbó à "Deutsche Reichskirche",¹¹⁷ organização evangélica luterana ligada ao Estado alemão, que já nessa época estava sob o domínio dos nazistas. Tradicionalmente, na Alemanha a igreja luterana era ligada ao Estado, e por essa época o Pastor Bluemel advertia os membros contra tal filiação e os problemas que poderiam demandar dela. Demonstrava assim uma clara previsão dos problemas que estavam por vir. Isso reforça a tese de que a convivência dos eclesiásticos com a influência nacional-socialista não esteve cercada da unanimidade invocada pelo fanatismo de diversos autores "nacionalistas" da época. Por outra parte, parece verificada a desconfiança da Igreja Alemã com os trabalhos de Bluemel, como pode-se verificar pelo próprio relatório que ela faz das atividades do pastor. Em documento de 12 de janeiro de 1938, um funcionário relata que a escola de preparação de professores, - a "Lehrer Präparande" - não justificava os auxílios que a ela haviam sido concedidos nos últimos anos pela instituição alemã.¹¹⁸ Ao que parece, na base desta crítica estava a oposição de Bluemel, diretor do colégio, ao tom acentuadamente xenófobo que a Igreja tinha adquirido com sua obrigatória filiação ao Governo alemão. Cumpre destacar que tempos após, esta escola germânica oposta ao nacional

¹¹⁶ WEINGÄRTNER, Nelso. op. cit., p. 59. A prisão de Bluemel deveu-se a um mal entendido das autoridades acerca do real sentido dos escritos do pastor. Segundo Weingärtner, ele foi denunciado por escrever documentos em língua alemã. A acusação baseou-se em anotações do pastor que nada mais eram do que exercícios em língua grega, que foram confundidos com o idioma alemão.

¹¹⁷ Ibidem, p. 57.

¹¹⁸ Lehrer Präparande in Timbó-Blumenau. Berlin, 12 jan 1938. *Evangelisches Zentralarchiv in Berlin*. Doc. 5/ 2508.

socialismo foi fechada devido ao processo nacionalizador brasileiro, mas sem fazer o jogo da instituição alemã.

Os anos seguintes seriam repletos de medo e desconfiança. A Segunda Guerra trouxe consigo o fantasma, sempre presente, de prisões, confiscos e violência. A Comunidade de Timbó, no entanto, havia marcado já até então sua atuação por uma integração aos organismos associativos regionais e supranacionais. Pode-se afirmar que sua atuação limitou-se a defesa e conservação dos elementos culturais da velha pátria, a despeito de não se verificar aparentemente qualquer iniciativa radical que significasse uma tentativa soberba e exagerada de implantar uma cultura alemã de tendência xenófoba. Timbó sobreviveu como uma comunidade pequena e isolada, procurando ater-se a sua realidade apesar de não descuidar do relacionamento com as demais comunidades da região de Blumenau. Esta atitude parece fundamental para entender o processo histórico de seu desenvolvimento.

Capítulo 3

O Ensino Básico e a Transmissão da Germanidade Luterana.

3.1. A escola germânica luterana como núcleo étnico-cultural

A escola alemã foi uma das principais instituições que possibilitou a transmissão e a manutenção dos traços culturais germânicos. Paralelamente a Igreja e aos diversos tipos de sociedades recreativas e culturais, na escola, a língua alemã, a aritmética básica e aspectos da história e geografia da terra pátria eram ensinados e transmitidos, mesmo que de forma superficial e simplificada.¹¹⁹ A atitude dos imigrantes, em especial dos alemães, em relação a educação sempre contrastou com o suposto desinteresse dos luso-brasileiros em proporcionar uma boa educação básica a seus filhos. Esta atitude de afirmação institucional da educação tem relação em grande medida com a realidade vivida ou velhas aspirações dos imigrantes em suas regiões de origem, onde a escola era bastante comum e quase que obrigatória. Para os colonos, a criação de uma escola constituía uma exigência e não um luxo. Na Alemanha, as escolas comunitárias já há muito tempo estavam integradas em um sistema escolar bem mais complexo que o brasileiro.¹²⁰

¹¹⁹ Willems op. cit., p. 285, assinala a diferença entre a realidade das escolas primárias alemãs e suas congêneres teuto-brasileiras. "A distância cultural entre a escola campesina alemã e a escola rural teuto-brasileira chocava sobremaneira os professores de carreira vindos da Alemanha [...]".

¹²⁰ Duas obras que tratam da realidade escolar da Alemanha antes e durante o período de imigração para o Brasil são KREUTZ, Lúcio. *O Professor Paroquial. Magistério e Imigração Alemã*. Porto Alegre: UFRS, 1991 e RAMBO, Arthur Blásio. *A Escola Comunitária Teuto-Brasileira Católica*. São Leopoldo: Unisinos, 1994. Apesar das duas obras restringirem-se ao Rio Grande do Sul e à atuação do professor paroquial católico, seus enfoques em relação à questão educacional na Alemanha e mesmo no Brasil são uma imprescindível fonte de informações.

A reforma do ensino básico na Alemanha acompanhou sua própria História. Para alguns autores, a primeira alteração substancial que merece menção diz respeito a Reforma Protestante no início do século XVI.¹²¹ O aprendizado da leitura era condição primordial para que os cristãos tomassem conhecimento do Evangelho. Lutero foi responsável pela tradução e divulgação das Escrituras para a língua alemã; a Bíblia deixava lentamente de ser uma obra de leitura tão inacessível para as camadas mais simples da população. Claro é, também, que esta popularização e vulgarização das Escrituras não teria sido possível sem os avanços tecnológicos, que levaram a invenção da imprensa nesta mesma época. Portanto, para os protestantes, o aprendizado das primeiras letras confluía em primeiro lugar com a necessidade de conhecimento do Texto Sagrado. Os séculos se passaram, a Reforma aprofundou-se no continente europeu, e, ao transferirem-se para a América, os colonos de origem protestante trouxeram consigo esta tradição de união indissolúvel da educação e religiosidade.

No final do século XVIII e início do XIX, novas reformas educacionais, agora sob o espírito da Ilustração e Romantismo, reorientaram a atitude dos governos dos diversos Estados alemães existentes. Exemplo dessa política foi a mudança de orientações pedagógicas na Prússia protestante de Frederico o Grande e na Áustria católica de Maria Tereza. Tal mudança decorreu da concepção de que o progresso do país dependia, em grande parte, da melhoria da qualidade da educação. Já em 1794, Frederico Guilherme II, promovia claramente a melhoria da educação do camponês, obrigando a frequência, melhorando a competência e os salários dos professores. No início do século XIX, a

¹²¹ KREUTZ, Lúcio. op. cit., p. 7. O autor enfatiza que a Reforma "tornou o saber ler uma questão básica para uma melhor prática religiosa".

reforma prussiana de Guilherme de Humboldt (1806-1813), contribuiu muito para a generalização das escolas, reformas nos métodos de ensino e relativa tolerância religiosa no ambiente escolar.¹²² Tudo isso, pouco a pouco, incorporou-se ao cotidiano das gerações de alemães, que tinham na escola comunitária, uma instituição muito importante desde tenra idade. Aos poucos a educação foi atingindo os camponeses tentando fazer do ensino publicamente institucionalizado uma realidade, uma necessidade social. Todo esse sistema bastante organizado, procurando em detalhes estabelecer um currículo e uma pedagogia, tornou-se uma tradição real ou ideal para aqueles que deixaram a Europa em busca de melhor existência no Novo Mundo. Nada mais natural do que, ao chegar à nova terra, procurar com empenho e zelo manter a tradição real ou sonhada que tinham herdado. Esta atitude impulsionou a maioria dos imigrantes ao longo das décadas, ainda que não faltassem casos de retrocesso pelo peso do isolamento e a ruralização.

Em relação à natureza das escolas comunitárias criadas no Brasil, constata-se que elas preenchiam duas importantes funções nas recém fundadas colônias alemãs. Em primeiro lugar, a de serem a instituição que, ao tentar educar o imigrante, procurava capacitá-lo para o exercício de suas atividades, e no caso dos evangélicos, da sua motivação religiosa. Em segundo lugar, deve-se enfatizar o caráter formativo da escola, que trazia aos alunos valores e idéias, que, devidamente cultivados, poderiam permitir a transmissão e perpetuação da cultura alemã, mesmo para aqueles filhos de imigrantes que já tivessem nascido no Brasil. Este último aspecto é vital para compreender porque as escolas alemãs tanto contribuíram cultural e socialmente para a homogeneização etno-histórica das

¹²² KREUTZ, Lúcio. op. cit., p 35-43. Para uma visão mais completa do processo de reformas educacionais compreendidas na Alemanha nos séculos XVIII e XIX.

áreas de maciça imigração alemã. Isolados parcial ou as vezes totalmente das populações de origem lusa, criava-se neste *habitat* o ambiente propício para a sobrevivência das tradições. Contribuía neste processo, a maior disciplina e senso de organização recém trazidos da Europa moderna.

As escolas fundadas pelos imigrantes alemães evidentemente diferenciavam-se bastante. As escolas urbanas dos principais núcleos estavam em condições de contratar melhores professores e sempre tinham melhores chances de receberem alguma ajuda, que agregava a possibilidade de apoio público do Governo brasileiro ou de ajuda crescente do exterior através de instituições privadas alemãs ou governamentais.¹²³ As escolas do interior sofriam com a pouca qualidade do ensino, que era um reflexo da capacidade da comunidade em remunerar o professor. Quanto mais pobre e isolada a comunidade de imigrantes, menor a chance de conseguir contratar algum professor com uma boa formação. Em muitas circunstâncias, a escolha do professor recaía sobre elementos que não demonstravam aptidões para o ensino, mas que eram os únicos disponíveis.¹²⁴ Além disso, deve-se frisar que na maioria das pequenas escolas comunitárias o conteúdo das aulas não ia além dos rudimentos das primeiras letras, das operações matemáticas básicas e do ensino religioso, enfim, uma educação muito básica, diferente da ministrada em escolas mais estruturadas.

¹²³ O auxílio do Governo alemão às escolas no exterior chegou a ser substancial na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do seguinte com dinheiro, livros didáticos, material escolar, etc. Além disso, as instituições religiosas alemãs estavam bastante preocupadas com a educação, já que muitas das escolas coloniais estavam sob a tutela direta das igrejas.

¹²⁴ WILLEMS, Emilio. op. cit., p. 280-281.

A diferenciação confessional também era marcante. Escolas católicas foram criadas por ordens religiosas capazes de assumir tal empreendimento. Já nas zonas de predomínio luterano, a iniciativa da comunidade e do pastor estavam quase sempre conjugadas. A criação de escolas católicas, estava ligada ao amplo movimento na Igreja Católica que reagia ao fenômeno generalizado de secularização e laicização da educação básica.¹²⁵ Na região de Blumenau, os católicos foram minoria, e constituíram suas principais unidades educacionais no final do século XIX e início do XX.¹²⁶

Outra questão que deve ser abordada é a da integração do espaço físico de escola e igreja. Em muitas das linhas coloniais, as duas instituições compartilharam o mesmo recinto.¹²⁷ Deve-se frisar no entanto, que a escola antecedeu a igreja na grande maioria das linhas coloniais; o prédio escolar era usado apenas ocasionalmente para as atividades religiosas.¹²⁸ O pastor era apenas um visitante ocasional, já que era impossível a manutenção de um ministro em comunidades que mal podiam remunerar um professor de primeiras letras.

¹²⁵ KREUTZ, Lúcio. op. cit., p. 8, 25-32. O tema central da obra de Kreutz e também o de Rambo é a atuação do professor paroquial católico no Rio Grande do Sul. Para o primeiro, não há como separar a ofensiva católica na educação no referido Estado, sem levar em conta um "Projeto de Restauração Católica Regional", dirigido por jesuítas e executado de acordo com uma planificação em escala mundial de reação da Igreja Católica à sua perda de espaço no contexto educacional mundial. Já Rambo procura explicar a ação dos religiosos católicos como um ato de extrema operosidade que deu consideráveis frutos no Rio Grande do Sul.

¹²⁶ SILVA, José Ferreira da. op. cit., p. 248-250. Os franciscanos instalaram-se em Blumenau em 1892 e assumiram a direção não só da comunidade católica, mas também da Escola São Paulo, que havia sido fundada e dirigida por diversos anos pelo primeiro pároco de Blumenau, o Padre José Maria Jacobs em 1877. Em 1899, a escola receberia a denominação de Colégio Santo Antônio, mantido até a atualidade, bem como a direção franciscana. Além dos franciscanos, instalou-se em Blumenau uma ordem feminina: a das Irmãs da Divina Providência, que, chegando a Blumenau em 1895, criou sua instituição de ensino no ano seguinte. Atualmente esta instituição é o Colégio Sagrada Família.

¹²⁷ Tal situação já foi colocada anteriormente no capítulo sobre a Igreja.

¹²⁸ Este foi o caso de Timbó e também o de Blumenau. Em ambos os casos a escola alemã precedeu a instituição religiosa.

3.2. O vazio do poder público e a falta de escolas.

A falta de escolas públicas suficientes para atender o crescente número de crianças já era uma reclamação antiga, mesmo antes da chegada dos imigrantes. Desde o período colonial, até o Segundo Reinado, multiplicaram-se reclamações que esbarravam quase sempre em graves problemas como a falta de recursos do poder público, a pobreza de uma grande maioria da população, ou o desinteresse pela educação por parte de muitas famílias. Aliás, este último aspecto foi alvo de diversas críticas dos que procuravam modificar a situação. Até diversos Presidentes de Província declararam sua perplexidade frente a indiferença de muitas pessoas ante o estado de ignorância de seus filhos.¹²⁹ Evidentemente, as principais famílias tinham a opção de educar seus filhos em escolas dirigidas por ordens religiosas católicas que desde o início da colonização concentravam os melhores esforços neste sentido. A formação superior em Portugal, como em todos os países da Europa, significava o auge da educação da elite, chamada a assumir sua posição na sociedade da Colônia.

A região de Blumenau não foi exceção a esta situação de falta de escolas. Essa realidade causou estranheza aos imigrantes, já que a maioria, vinha de áreas da Alemanha, onde o poder público exigia e cobrava frequência, e, evidentemente proporcionava as condições mínimas para que o ensino básico fosse qualitativamente satisfatório. A atuação

¹²⁹ FIORI, Neide Almeida. op. cit. 175 p. Muitas destas observações figuram nos diversos Relatórios e Falas elaborados pelos Presidentes de Província por ocasião da passagem do governo ao sucessor, bem como da abertura das sessões da Assembléia Legislativa Provincial. Ao que parece, as medidas tomadas para modificar tal situação sempre esbarraram na ineficiência de tentativas de reformas, que ficavam mais no papel do que efetivamente alteravam a realidade.

do poder público durante todo o período em que Blumenau foi uma colônia, até 1883, limitou-se à criação e subvenção de duas escolas públicas na sede da colônia, e a concessão de recursos que auxiliassem na construção dos prédios destinados às escolas privadas alemãs dirigidas por sociedades escolares.¹³⁰ Ocasionalmente, e após muita insistência, o Dr. Blumenau conseguiu mais alguns recursos para subvencionar algumas escolas interioranas, mas a despeito de todos os seus pedidos, não conseguiu que o Governo provincial criasse mais estabelecimentos públicos no interior da colônia.¹³¹ Fora estes auxílios, nada que configure um planejamento adequado e sistemático do ensino básico por parte do poder público foi registrado.

Se na sede da colônia Blumenau, havia um “vazio” em relação à educação pública, obviamente no interior da colônia, a situação era pior. Timbó só foi alvo de uma decisiva ação educativa do poder público em 1935, com a fundação do Grupo Escolar Polidoro Santiago. Antes disso, é bem verdade, já existiam algumas escolas que recebiam subvenções do Estado e tinha lugar realmente a fiscalização das escolas particulares por parte dos inspetores, no entanto, não parece ser possível afirmar que o poder público fizesse valer sua força antes da instalação do referido Grupo Escolar. O contexto desta ação, já sob as influências do movimento de nacionalização, que tomou grande impulso a partir da Revolução de 30, foi bastante distinto do que havia predominado no século anterior e durante uma parte da República Velha.

¹³⁰ SILVA, José Ferreira da op. cit., p. 249.

¹³¹ Para os habitantes das linhas coloniais mais distantes, a única opção era a criação e sustento de uma escola privada, já que era impossível deslocar-se para a sede da colônia diariamente para frequentar as aulas.

3.3. O meio rural e as dificuldades educacionais.

A rotina de trabalho intenso e do isolamento trazia ainda maiores complicações para as comunidades interioranas que quizessem educar seus filhos. Os lotes coloniais, eram geralmente distribuídos de acordo com a existência de cursos de água que adentrassem a região, ou em alguns casos, por picadas que atravessavam áreas ainda não ocupadas, multiplicando-se conforme avançava a colonização. Após a chegada dos imigrantes aos lotes, quase sempre feita de canoa, devia começar a construção de um abrigo que lhes proporcionasse proteção contra as intempéries do tempo. Em seguida, iniciava-se a plantação que substituíria a mata nativa, trabalho extremamente pesado. Mesmo após a superação das dificuldades iniciais, as difíceis atividades comuns do dia-a-dia sobrecarregavam toda a família do colono. A sementeira e a colheita, o cuidado com os animais, a preparação dos alimentos empenhavam o esforço de todos e retiam inclusive as crianças que, apesar de matriculadas, não podiam frequentar a escola. Ademais, quando chovia, as picadas penosa e precariamente abertas, tornavam-se um lodaçal, que se fazia difícil de percorrer aos filhos dos colonos por diversos quilômetros até chegar a escola mais próxima. Em suma, o cotidiano das atividades necessárias à sobrevivência, somadas a um meio ambiente novo, rústico e hostil dificultavam a efetiva continuidade da vida escolar e até mesmo a subsistência das escolas.

Ainda assim, os rudimentos das primeiras letras eram assimilados, e, mesmo não tendo escolaridade que pudesse ser comparada à ministrada nos liceus das cidades mais importantes, o fato é que grande parte dos colonos adquiria os conhecimentos básicos para habilitar-se para algumas leituras e contabilizar seus recursos. Convém ilustrar que o debate sobre o que deveria ser ensinado encontrava ressonância nos órgãos de imprensa da região

de Blumenau no final do século XIX. Um certo professor Knoll, cuja origem e local de atuação são desconhecidos, criticou o currículo das escolas do sistema escolar estadual, que não comportava nem as disciplinas mais adequadas, nem uma coerente distribuição dos conteúdos nas diversas séries.¹³² Indigna-se com um currículo que exige dos alunos em seu primeiro ano o ensino de francês, algo que talvez estivesse de acordo com a tradição educacional das principais cidades de origem lusa, mas certamente não do interior, e sugere a introdução da opção entre o francês, o alemão e o italiano, conforme as necessidades dos colonos. Também procura sugerir a introdução de matérias para ensinar princípios de agricultura, mais próprias às necessidades dos colonos que as noções de Álgebra, de duvidosa utilidade para os filhos dos imigrantes. Esta crítica, manifestada através do jornal *Blumenauer Zeitung*, parece destinada a sensibilizar as autoridades estaduais à reflexão acerca das prioridades mais necessárias aos teuto-brasileiros. Não está claro o alcance que o currículo oficial tinha nestas escolas coloniais. Parece óbvio que, na imensa maioria, a tábua de matérias não só não era seguida, mas era totalmente impraticável, já que é muito difícil imaginar que alguém pudesse ensinar o francês a crianças de primeiro ano, numa pequena comunidade escolar rural no interior do Vale do Itajaí.

3.4. As escolas coloniais em Timbó.

De forma semelhante a muitas das outras regiões do interior de Blumenau, Timbó também procurou atender às necessidades de educação básica dos primeiros imigrantes. As fontes a disposição permitem afirmar que a primeira escola foi fundada em 1873, com a denominação de Comunidade Escolar Alemã e Evangélica de Timbó, e que seu primeiro

¹³² KNOLL, *Blumenauer Zeitung* Blumenau, 29 out 1892.

professor foi o Sr. Julius Scheidemantel,¹³³ sobre o qual poucas referências restam acerca do que ensinava, nem do desenvolvimento da escola. Sabe-se apenas que foram 43 os colonos que fundaram a sociedade escolar; que a primeira diretoria foi formada pelos colonos Ferdinand Zumach, Wilhelm Butzke e Karl Janke e que Scheidemantel foi admitido pela referida diretoria, com um salário mensal de 25\$000 réis. Segundo o mesmo documento, as aulas iniciaram em primeiro de dezembro de 1873 e 50 crianças frequentaram a escola. Essas informações, ainda que superficiais, permitem formular algumas considerações. O sistema de organização escolar coincidia com o de outras tantas localidades da região de Blumenau. Os imigrantes instalados nas linhas coloniais mais próximas, após tomarem posse de seus respectivos lotes, procuraram garantir a seus filhos a educação básica. Os membros fundadores elegeram uma diretoria que representava as três linhas coloniais mais próximas,¹³⁴ construíram uma casa que, ao mesmo tempo, serviria como sala de aula, residência do professor e, eventualmente, para reuniões. O lote destinado à referida escola foi doado pelo Governo, mas não há referência a qualquer subvenção do Governo provincial para a construção da casa. Percebe-se, portanto, que a situação de isolamento, típica de um núcleo colonial interiorano, ficou plenamente caracterizada.¹³⁵ O Governo provincial pouco pôde ou desejou realizar e ainda por cima,

¹³³ Escola Alemã Desdobrada da Cidade de Timbó. *Timbó em Cadernos*. Timbó: Prefeitura Municipal de Timbó, 1984. p. 14. O artigo que está publicado em *Timbó em Cadernos* não está assinado, e, em sua maioria, é a tradução de uma ata de fundação de uma escola em 1913. Nesta mesma constam diversas informações sobre outras escolas anteriormente fundadas na região de Timbó. A tradução foi efetuada pelo Sr. Richard Paul Neto.

¹³⁴ Cada um dos três membros eleitos da Diretoria representava uma das linhas coloniais: Ferdinand Zumach (Bendito margem esquerda), Wilhelm Butzke (Cedro, margem esquerda) e Karl Janke (Benedito, margem direita).

¹³⁵ Escola Alemã Desdobrada da Cidade de Timbó. *Timbó em Cadernos*. Timbó: Prefeitura Municipal de Timbó, 1984. p. 14. Segundo a documentação, em 1901, o Governo resolveu vender parte do lote anteriormente doado, pelo fato da comunidade não ter qualquer título de propriedade que assegurasse a integridade do mesmo.

chegou mesmo ulteriormente a rever esta doação, vendendo parte desocupada do lote para outros colonos.

A comunidade escolar manteve-se durante muitos anos sem significativas alterações, a despeito do crescente número de novos alunos que, ano a ano, ingressavam na escola. A casa escolar acomodou com dificuldade os novos estudantes até 1893, e apenas 20 anos após o início das atividades, foi construída uma segunda sala, para que o atendimento fosse ampliado. Coincidentemente, no ano seguinte, foi registrada a maior frequência de alunos na escola timboense: 120 crianças.

Neste meio tempo, a colonização rio acima havia se alastrado consideravelmente, e os lotes mais distantes já estavam tão longe da escola que a frequência à aula significava uma caminhada diária de 10 a 15 quilômetros. Era necessária, portanto, a fundação de nova unidade escolar, que acabou sendo efetuada no ano de 1894. Alguns dos participantes da primeira escola e os colonos que habitavam mais longe, reuniram-se e criaram a Sociedade Escolar Cedro, que erigiu sua escola a uma distância de 9 quilômetros rio acima, atendendo a demanda dos imigrantes recém chegados. De forma semelhante, nos anos seguintes, mais duas sociedades escolares foram criadas para atender novas áreas próximas, que estavam sendo colonizadas. Assim, em 1896, fundou-se uma escola em Dona Clara e dois anos após, a Sociedade denominada Benedito-Timbó. Portanto, antes do final do século, pelo menos 4 unidades educacionais de primeiras letras atendiam a população de Timbó e imediações.

Scheidemantel permaneceu a frente da instituição desde a fundação do estabelecimento até 1908, sendo substituído pelo professor Haehnert, que permaneceu por apenas um ano e meio sucedendo-o o professor K. Marold. Não há informações acerca da

origem, formação ou procedência dos referidos docentes, mas sabe-se que a frequência mantinha-se por volta de 70 a 80 alunos.

Figura 7. Foto da Residência e Escola de Julius Scheidemantel (1912).



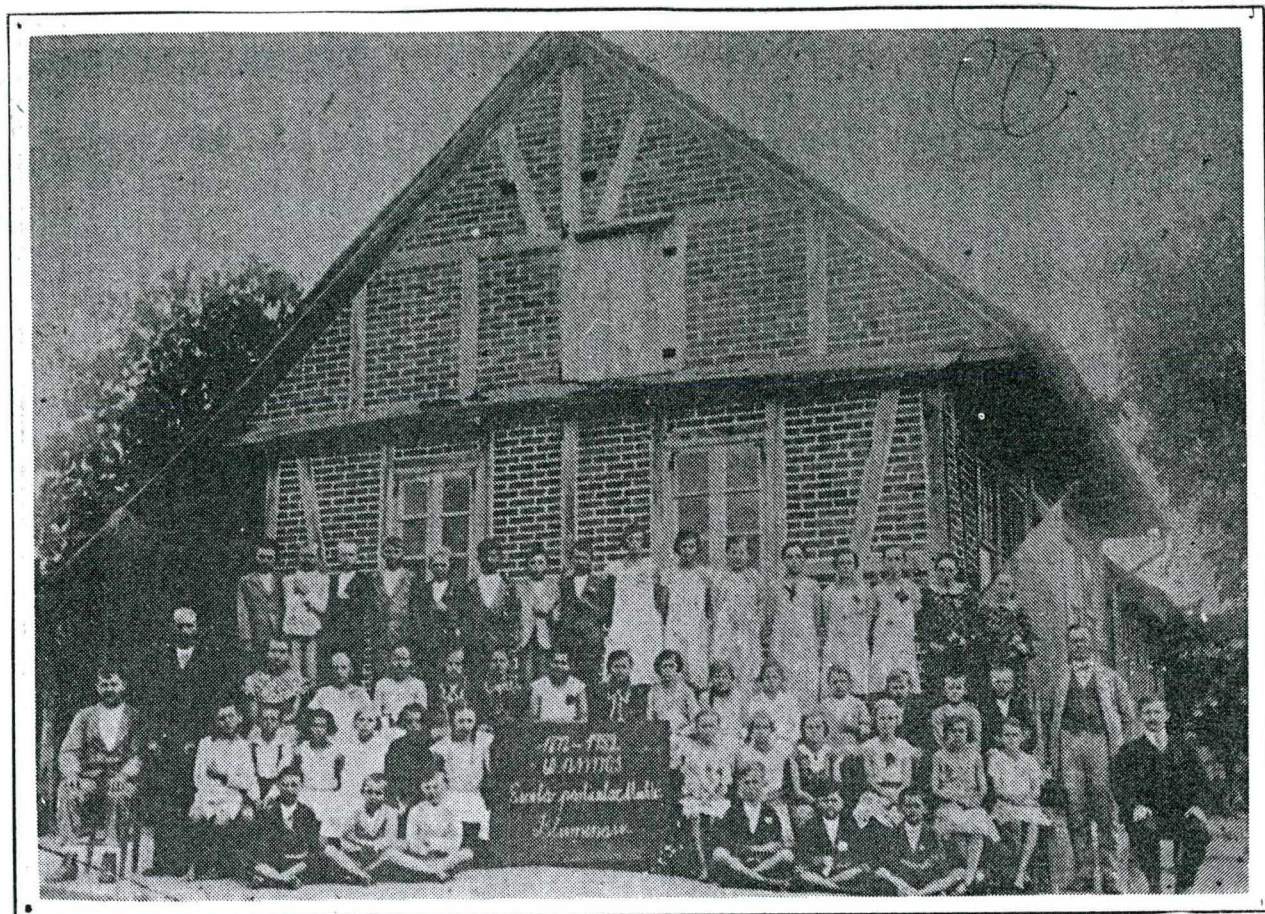
Fonte: MAESTRELLI, S. R. *Fatos e Imagens do Meio Rural de Timbó*. Timbó: Tipotil, 1992. p. 140. Fotos do Acervo Particular do Sr. Curt Donner.

Os jornais de Blumenau, que circulavam por todo o interior do vale, constituem uma outra fonte acerca dos inícios da educação timboense, e apontam uma série de pequenas informações sobre as escolas da região de Timbó na última década do século XIX e dos primeiros anos do século seguinte. No ano de 1891 fica registrada a presença da Sociedade

Escolar de Timbó em uma reunião realizada em Blumenau. O jornal não informa o teor da mesma, apenas refere que muitas comunidades ali presentes discordavam das decisões tomadas em outra reunião anterior.

A partir da última década do século XIX, as escolas na região de Timbó anunciam nos jornais de Blumenau, manifestando sua intenção de contratar professores. A maioria dos anúncios solicita resposta imediata, por ser a necessidade premente. Mas quais eram os requisitos que abonavam a escolha do referido professor ? Os anúncios de jornal são curtos, mas proporcionavam algumas indicações do que se exigia. Em alguns, do início do século XX, procurava-se por um professor que, além do alemão, soubesse também ensinar o português. Ao que parece, esse tipo de interesse não era restrito a uma ou outra escola. Ele era comum às comunidades escolares da região. Mas, a satisfação desta condição era difícil, sendo o motivo maior da ignorância da maioria em relação à língua da nova pátria. Aponta assim para uma constatação básica: a preocupação dos colonos com a língua do país em que viviam. Isso contradiz a suposta idéia de que os colonos estivessem fechados ao contato com elementos de origem luso-brasileira. Esta posição, ganhou maior prestígio já nas décadas subsequentes, e não no início do século. A ignorância do português não estava ligada a uma resistência obstinada a tudo que fosse brasileiro, mas sim, à uma realidade em que as dificuldades educacionais eram maiores que as condições para supri-las convenientemente.

Figura 8. Foto da Escola da Comunidade da Mulde Baixa.



Fonte: MAESTRELLI, S. R. *Fatos e Imagens do Meio Rural de Timbó*. Timbó: Tipotil, 1992. p. 152. Fotos do Acervo Particular do Sr. Curt Donner.

Em uma ocasião, sugere o anúncio que o melhor professor para a escola da Comunidade Escolar da Mulde deveria ser casado. Não há maiores esclarecimentos sobre o motivo, mas provavelmente a sugestão espelha os hábitos da época, em que a constituição de uma família era condição básica de estabilidade, respeitabilidade e transparência, que devia servir de exemplo às crianças e aos fiéis em geral. A vida eventualmente suspeita ou desregrada de um solteiro não podia competir com a estabilidade e responsabilidade de uma família constituída em ambiente cristão.

O primeiro censo disponível acerca da educação em Timbó consta no relatório deixado pelo superintendente de Blumenau em 1904.¹³⁶ Podem ser identificadas 14 comunidades escolares, que estavam mais ou menos dentro da área que pertenceria a região de Timbó. A divisão por linhas coloniais demonstra a iniciativa cultural dos habitantes que, em cada área da região, procuraram criar uma unidade escolar que atendesse os moradores mais próximos. Ao todo, 497 alunos foram registrados; o que é bastante significativo, tendo em vista, a título de comparação, que neste mesmo relatório, todo município de Blumenau, habitado por aproximadamente 35.000 pessoas possuía pouco mais de 3600 alunos matriculados em 95 escolas.

A despeito de já existir a quase 4 décadas, foi apenas em 1911, que a assembléia da Sociedade Escolar da Comunidade Escolar Alemã Evangélica de Timbó decidiu registrar os estatutos oficialmente. Não há nenhuma referência explícita ao motivo que levou à esta preocupação tão tardia, mas provavelmente a comunidade escolar de Timbó procurava adequar-se aos novos ventos que sopravam na educação catarinense com a recente reforma educacional, que estava sendo lentamente iniciada pelo Governo de Santa Catarina em todo o Estado. Segundo Fiori,¹³⁷ foi a partir de 1911, com a contratação do professor Orestes Guimarães, oriundo de São Paulo, que a política educacional sofreu, talvez, a maior transformação até então registrada. Guimarães, destacou-se por sua presença nas comunidades interioranas, fixando residência em Blumenau e inspecionando muito de perto

¹³⁶ Arquivo José Ferreira da Silva. Relatório do Superintendente de Blumenau do ano de 1904. Blumenau: Typographia do "Der Urwalsbote" 1905. p. 24-25.

¹³⁷ FIORI, Neide Almeida. op. cit., p. 77-119. Neste capítulo, a autora, apresenta com bastante clareza a reforma liderada por Guimarães e iniciada durante o governo Vidal Ramos (1910-1914), estudando a formação pedagógica do referido professor, sua atuação em Santa Catarina, e diversos aspectos de sua personalidade. A autora destaca sua intenção explícita de procurar progressivamente, através da reforma educacional, implementar um plano de assimilação das populações de origem estrangeira no Estado.

as unidades educacionais, mesmo as mais distantes. Era comum que juntamente com seus auxiliares, visitasse escolas, inquirisse acerca do conteúdo e métodos de ensino, examinasse a capacidade dos professores, informando ao Governo estadual sobre a situação. Guimarães preocupou-se com a assimilação dos elementos de origem estrangeira e, lentamente, foi insistindo na necessidade da língua vernácula e da educação sobre temas brasileiros sobrepor-se a educação em língua alemã. Apesar de severo, não pautou sua atuação por atitudes precipitadas e radicais na condução do espinhoso processo de assimilação. A partir deste momento, as diversas escolas interioranas foram obrigadas a permitir melhor fiscalização e prestação de contas aos inspetores escolares. As unidades educacionais estaduais multiplicaram-se pelo Estado, e as subvenções dadas às escolas particulares implicaram em um controle mais rígido por parte dos inspetores. É cabível pensar portanto, que Timbó tinha tido que se adequar às novas exigências regulamentares, vindo-se em consequência obrigada à registrar seus estatutos. Ainda assim, as escolas particulares continuavam sendo esmagadora maioria, funcionando agora sob os olhos atentos do inspetor.

Em 1913, a comunidade escolar de Timbó decidiu ampliar sua estrutura educacional criando uma escola de duas classes. Isto obrigaria a contratação de mais um professor e a construção de um novo prédio que permitisse a acomodação simultânea das referidas turmas. Mas estas despesas não podiam ser assumidas integralmente pelos membros da comunidade.¹³⁸ Para viabilizar a obra e o ensino foram conseguidas duas subvenções: uma da Sociedade Escolar de Santa Catarina, com uma contribuição mensal de 10\$000 réis, e

¹³⁸ A mensalidade a ser paga foi fixada em 1\$500 réis por aluno, mas mesmo assim a receita nem chegava a cobrir os gastos com os ordenados dos professores.

outra da Alemanha, da Sociedade em Prol dos Alemães no Exterior, que manifestou-se através da palavra do cônsul Klohm de Blumenau. Todas estas deliberações foram tomadas numa assembléia especialmente destinada a este fim, devendo-se terminar o novo prédio no ano seguinte, em 1914.¹³⁹ O que mais chama a atenção é o fato de Timbó estar já perfeitamente vinculada à Associação Escolar de Santa Catarina e beneficiada com o auxílio externo proporcionado pela Sociedade de Auxílio dos Alemães no Exterior. A diferença da situação que predominava desde as origens até o início do século XX, em que a sociedade escolar de Timbó permanecia isolada e limitada às suas próprias forças, estas novas vinculações permitiriam que Timbó pudesse se abrir, especialmente na sua região e com seus compatriotas de Blumenau.

Por ocasião da entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial contra a Alemanha, foram criadas diversas leis que restringiram as atividades desenvolvidas pelas escolas, sociedades e igrejas das áreas de colonização alemã. Um relatório de 1917 dá uma idéia do crescimento das escolas na região e informa que 13 escolas foram fechadas e 677 alunos ficaram sem aulas.¹⁴⁰ A retomada das atividades só foi possível após o fim do conflito e prévio exame de capacitação que os professores foram obrigados a prestar perante a inspetoria. Mas em muitos casos, foram necessários vários anos para que tudo voltasse a normalidade do período anterior ao fechamento.

¹³⁹ Escola Alemã Desdobrada da Cidade de Timbó. *Timbó em Cadernos*. Timbó: Prefeitura Municipal de Timbó, 1984. p. 15.

¹⁴⁰ Arquivo José Ferreira da Silva. *Relatório do Superintendente de Blumenau do ano de 1917*. Blumenau: Typographia do "Der Urwalsbote" 1917. p. 32-33.

É interessante, por outra parte, aproximar-se à vida escolar, cujos aspectos pitorescos surgem do relato de Sr. Victor Germer.¹⁴¹ Consta assim que o professor designado para ensinar em sua localidade (ele não refere onde), era Heinrich Geffert, um prussiano bastante cioso e rígido nos costumes. Os 91 estudantes sob sua direção tinham aulas na mesma sala apesar de estarem divididos em quatro séries. O currículo previa o ensino da língua alemã e, duas vezes por semana, aulas de religião. Aos estudantes que não realizassem as tarefas ou que não se comportassem corretamente, o professor reservava boas palmadas, como um “incentivo” para melhorar seu rendimento. Os alunos mais espertos atenuavam sofrimentos maiores colocando uma calça sobre a outra, amortecendo o peso da pesada mão do professor. Este relato dá uma idéia aproximada de um dia de aula numa escola interiorana de Timbó, permitindo situar o cotidiano escolar no contexto rural já difícil, não muito estimulado pela severidade de um professor pouco indulgente, e a coexistência com colegas de faixas etárias distintas.

Estas poucas referências levantadas até agora permitem conhecer a situação timboense, num quadro que não diferia muito daquele das outras colônias da região de Blumenau. Algo novo, no entanto, estava por acontecer, que tiraria Timbó do lugar comum e transformaria a cidade em foco da formação de professores para toda a região, estabelecendo nela a sede da “Lehrer Präparande”.

¹⁴¹ Arquivo José Ferreira da Silva. Coleção Municípios. Caixa 44.

3.5. O caso da "Deutsche Lehrer Präparande"

Na terceira década do século XX, a região de Blumenau possuía um grande número de escolas particulares alemãs e já existiam desde há muitos anos associações que as congregavam.¹⁴² Faltava, no entanto, um curso de preparação para professores que suprisse a região de docentes melhor qualificados. Muitos dos primeiros professores careciam de qualquer formação, e esta antiga situação já estava sendo sensivelmente alterada como também em outras áreas de colonização alemã, em que iniciativas semelhantes já haviam sido tomadas.¹⁴³

Esta escola de preparação de professores foi criada sob a direção da Comunidade Evangélica de Timbó, e funcionou paralelamente a escola já existente, dirigida pela comunidade. Durante o período em que funcionou (1932-1938) a "Deutsche Lehrer Präparande" formou grande número de profissionais, que foram incumbidos de lecionar nas diversas escolas do interior da região de Blumenau. Fundada sob o patrocínio do Pastor Bergold (1932), que tinha sido reiteradamente seu defensor, a escola acabou sendo dirigida e administrada pelo Pastor Bluemel, durante sua gestão a frente da comunidade de Timbó (1932-1950). Como pode-se perceber claramente, a escola de preparação de professores

¹⁴² SILVA, José Ferreira da. op. cit., p. 251-252. A primeira associação criada foi a "Lehrer und Schulverein der Kolonie Blumenau", ou Associação dos Professores e Escolas de Blumenau em 1900. A associação possuía fins diversos, como a melhoria das atividades educacionais, orientação dos novos professores, compra e distribuição de material escolar, etc. Sua liderança coube ao Pastor Hermann Faulhaber que além de ministro luterano em Blumenau, era diretor e professor da "Neue Schule" (Escola Nova) da mesma cidade. A associação acabou sendo ampliada em 1904 como Deutscher Schulverein für Santa Catarina, (Sociedade das Escolas Alemãs para Santa Catarina), e desta maneira procurou ampliar sua atuação para outras regiões do Estado, onde a presença de unidades educacionais teutas se fizesse presente.

¹⁴³ No Rio Grande do Sul na cidade de São Leopoldo, já existia uma escola preparatória denominada "Leherseminar".

possuía uma clara conotação confessional; e atendia principalmente ao grande número de escolas das comunidades ligadas à denominação luterana. O fechamento da “Lehrer Präparande” esteve ligada à onda de nacionalização que varreu a região de Blumenau no final da década e especialmente durante o transcurso da Segunda Guerra Mundial de consequências tão críticas para o processo de desenvolvimento das comunidades rurais e urbanas de origem germânica.

3.6. As escolas públicas em Timbó e a ofensiva nacionalizadora.

A história da educação pública em Timbó passou basicamente por três fases. Desde o início da colonização até depois da Primeira Guerra Mundial, ela foi praticamente irrelevante. Não existia uma atuação destacada do poder público no que concerne a educação, com exceção da bastante discutível fiscalização dos inspetores estaduais. Do final da Primeira Guerra até 1935, verificou-se que sua situação pouco melhorou, pois o número de escolas subvencionadas era muito pequeno se comparado ao ensino particular timboense. Por último, a partir do período 1935-1940, registrou-se uma forte intervenção que se enquadra entre a fundação do primeiro e por muito tempo único grupo escolar estadual da cidade e o segundo ano de guerra, no qual as escolas particulares timboenses são fechadas e o Estado e o Município assumem todas as atividades educacionais.

Desde a reforma educacional iniciada no governo Vidal Ramos (1910-14), o ensino público, tanto no Estado em geral como na região do Vale do Itajaí, foi progressivamente

melhorando.¹⁴⁴ Expandiu sua área de atuação e iniciaram-se estratégias para, pouco a pouco, substituir a maioria dos estabelecimentos de ensino privado. No entanto, em Timbó, esta melhoria do ensino público demorou para se fazer sentir. Isso pode ser comprovado consultando os dados disponíveis acerca das escolas subvencionadas pelo Governo no ano de 1934, um ano antes da fundação do grupo escolar.¹⁴⁵ Segundo outro relatório de 1935, apenas 9 escolas timboenses recebiam dinheiro do Estado, mas pelo menos 33 escolas particulares funcionavam no Município.¹⁴⁶ Esta simples comparação torna clara a situação, ainda bastante precária da atuação estatal. Além disso, observando cuidadosamente a lista das escolas subvencionadas, percebem-se alguns aspectos característicos da educação pública na cidade. Em primeiro lugar, nota-se que a maioria está situada em áreas de colonização italiana integradas a partir de 1936 ao Município de Rodeio,¹⁴⁷ sendo os professores, em sua maioria, descendentes de italianos e luso-brasileiros, que dificilmente teriam conhecimentos suficientes de alemão para ministrar aulas neste idioma aos descendentes de teutos em Timbó. As datas de nomeações dos referidos professores também dão conta de que o mais antigo havia sido empossado no ano de 1919, mas a grande

¹⁴⁴ FIORI, Neide Almeida. op. cit., p. 118. "Durante a época da abrangência da reforma Orestes Guimarães - 1911 a 1935 - ocorreu um grande crescimento da rede de ensino público estadual, e o Governo do Estado passou então a assumir a liderança em ministrar a educação fundamental à população escolar de Santa Catarina. No ano de 1915, havia 25.777 alunos nas escolas catarinenses. Os estabelecimentos de ensino particular e o públicos municipais tinham um corpo discente de 16.903 alunos (66 %); a responsabilidade do governo do Estado era de dar ensino a apenas 8.874 alunos (34 %). No ano de 1935, já se alterara essa situação. As escolas particulares e públicas municipais apresentavam uma matrícula de 48.364 alunos (44 %) e as escolas mantidas pelo poder público estadual (Escolas Isoladas, Grupos Escolares e Escolas Normais Primárias) registravam o elevado número de 60.447 alunos matriculados (56 %).

¹⁴⁵ AREÃO, João dos Santos. *Relatório do Inspetor das Escolas Subvencionadas ao Ministro da Educação e Saúde*. Florianópolis, out 1934. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Relatórios Avulsos. 20-12. Caixa 70.

¹⁴⁶ RAMOS, Nereu. *Mensagem Apresentada à Assembléia Legislativa de Santa Catarina*. Florianópolis, 16 jul 1937. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

¹⁴⁷ A lista das escolas subvencionadas e de seus professores encontra-se nos anexos.

maioria apenas no início da década de 30. Portanto, pode-se afirmar com segurança que a presença do Estado foi modesta na região, e que as subvenções destinavam-se geralmente para escolas que estavam circunscritas em áreas de colonização não teuta.

Em 7 de setembro de 1935,¹⁴⁸ foi criado o Grupo Escolar “Polidoro Santiago”, iniciativa reveladora de enorme alteração verificada desde esta data na educação pública timboense. Antes de mais nada, é necessário destacar que o sistema de grupos escolares modificou substancialmente a concepção de educação das escolas estaduais catarinenses. O modelo havia sido aplicado em São Paulo com sucesso, e Orestes Guimarães, na qualidade de Inspetor oficial das escolas estaduais catarinenses a partir de 1911, procurou aplicar esse sistema em Santa Catarina. Foram fundados muitos grupos escolares por todo o Estado, e sua introdução não se restringiu apenas a áreas de colonização estrangeira. Os grupos escolares distinguiam-se das escolas restantes em diversos aspectos, e seu caráter inovador foi avaliado como extremamente positivo. Segundo Fiori:

O edifício do Grupo Escolar congregava diversas classes de alunos, cada uma delas com seu professor responsável, sob a supervisão de um diretor. Esse tipo de escola vinha substituir a tradicional escola primária, onde não havia seriação de ensino e um mesmo professor ensinava a todos os alunos. As vantagens inovadoras do Grupo Escolar eram intensamente analisadas pelos educadores da época: divisão do trabalho, seriação do ensino e economia de instalações pedagógicas.¹⁴⁹

Os alunos de diversas escolas locais, especialmente as mais próximas da sede do município, acabaram por se matricular no Polidoro Santiago. Um exemplo típico foi o dos

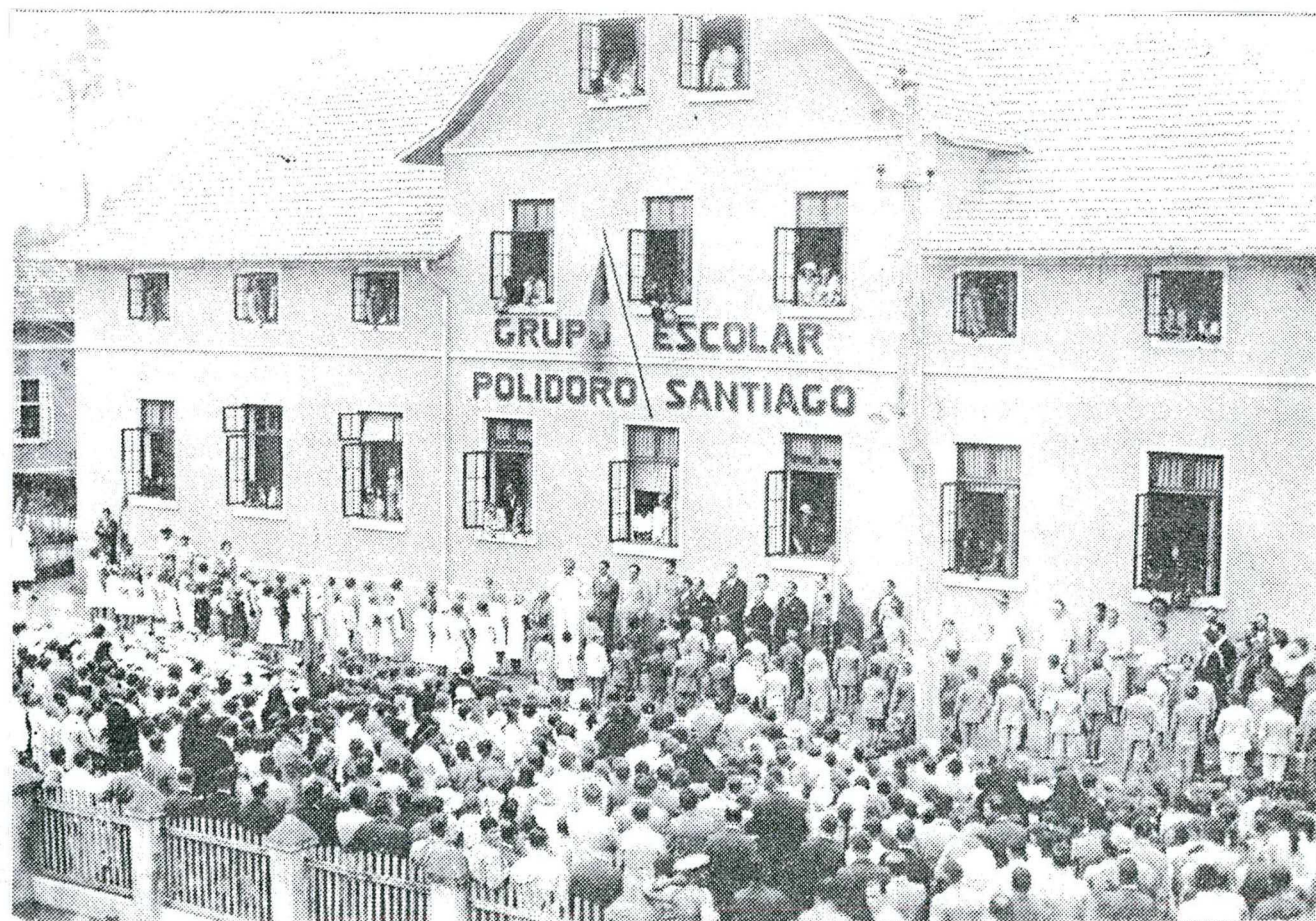
¹⁴⁸ A data escolhida para a inauguração, evidentemente, traz consigo uma conotação óbvia de referência aos valores nacionais que o Grupo Escolar, daí por diante deveria ajudar a cultivar em Timbó.

¹⁴⁹ FIORI, Neide A. op. cit., p. 86.

alunos da escola evangélica, ligada à comunidade luterana de Timbó, que após o fechamento da mesma em 1942, foram absorvidos pelo Grupo Escolar. As conquistas do movimento pedagógico inovador e o progressivo cerceamento das atividades das escolas particulares, permitem entender melhor a crescente importância deste novo Grupo Escolar.

Figura 9. Inauguração do Grupo Escolar “Polidoro Santiago”. Timbó

(07/09/1935).



Fonte: ROPELATO, Emir. Escola Básica “Polidoro Santiago”. Cinquentenário. Timbó em Cadernos. Timbó: Prefeitura Municipal, 1985. p.2.

A política nacionalizadora, agora bastante bem planejada, criava a cada ano que passava mais mecanismos para atingir seus objetivos. As atividades desenvolvidas nos grupos escolares em todo o Estado não limitavam-se exclusivamente às aulas. Uma série de pequenas associações eram criadas, com o intuito de integrar os alunos em atividades que viessem ao encontro dos objetivos nacionalizadores. Neste contexto foram criados clubes de leitura, agrícolas e desportivos, pequenos jornais, e principalmente, caixas escolares. As bibliotecas difundiam e mantinham controle do material consultado, procurando fazer com que os alunos tivessem acesso a autores brasileiros. As datas cívicas eram comemoradas com a presença das crianças que na ocasião desfilavam em festejos municipais. Toda esta carga de atividades envolvia os estudantes, e ao mesmo tempo contribuía para o fomento do sentimento de "brasilidade", alvo maior dos educadores públicos a serviço do Estado.

Em Timbó, os alunos congregaram-se em uma caixa escolar, da qual eram responsáveis diretos, sendo inclusive a associação registrada na Seção de Registro e Fiscalização das Sociedades Cooperativas da Diretoria de Economia Rural do Ministério da Agricultura.¹⁵⁰ e, a presença de um professor em quaisquer trabalhos era necessária para orientar as atividades.

No interior de Timbó a ação do poder público não teve a mesma intensidade que na sede do município. As escolas isoladas estaduais seguiram o modelo antigo, de congregar diversos alunos em uma só classe, independentemente do grau de adiantamento dos escolares, estando sob a responsabilidade de um só professor. Na prática, ocorria que as

¹⁵⁰ Relatório do Diretor do Grupo Escolar "Polidoro Santiago". (1944). Timbó. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Relatórios Avulsos. 20-11. Caixa 67

antigas escolas particulares tinham sido aos poucos fechadas, dando lugar às públicas estaduais ou municipais, fiscalizadas por inspetores locais. O grande número de escolas localizadas em áreas bastante afastadas, tornava o acompanhamento diário dos alunos impossível, recaindo portanto a fiscalização e punições sobre os professores que não preenchessem os quesitos necessários para o exercício da docência. Esta fiscalização ocorria através de exames realizados periodicamente pelos professores, que eram anunciados nos jornais da região de Blumenau, dirigindo-se, em alguns casos os professores aos locais previamente marcados, em outros, o inspetor às linhas coloniais. De acordo com as impressões do inspetor poderia ocorrer a interdição ou não do estabelecimento.

Nos exames, basicamente media-se a capacidade de expressão do docente na língua portuguesa. Em caso de insuficiência, o professor era impedido de exercer suas funções e a escola fechada, cabendo a possibilidade de sua reabertura com um novo titular sob inspeção oficial. Por outro lado, algumas visitas eram feitas de surpresa e ficavam registradas nos chamados “termos de visita”, lavrados nesta ocasião. O professor procurava esforçar-se ao máximo para não comprometer a viabilidade da escola, e sua própria posição. Porém, nem sempre os inspetores eram suficientemente compreensivos com as circunstâncias em que se desenvolviam as atividades escolares. Resulta ilustrativo transcrever trechos de um destes “termos”, por ocasião de uma visita em 1938 à escola de Dona Clara, fundada em 1896, afim de entender melhor o clima de tensão e prevenções recíprocas que acompanhavam aquelas inspeções.

No dia 28 de março de 1938 visitei a escola mista particular de Dona Clara, no Município de Timbó, regida pelo professor Rodolfo Ehlert e observei o seguinte: 1º que a matrícula total era de 41 alunos, sendo 28 do primeiro ano, 13 do segundo. [...] 4º que faltava o seguinte material didático: livro para ata de exames e termos de visita. [...] 6º que o aproveitamento dos alunos foi deficiente em português. 7º que tive, em geral má impressão. Recomendações

ao professor: que use constantemente da linguagem oral, sem descuidar-se das devidas correções nos defeitos de pronúncia. Essas aulas de linguagem, tanto quanto for possível, devem ser feitas em forma de conversação, quer em aula quer nos recreios, recomendo também não usar certos livros que apontei como impróprios para uma escola brasileira, e que seja instituída a saudação à bandeira pelo menos uma vez por semana.¹⁵¹

Além das observações formais acerca da escrituração da escola, nem o professor e nem mesmo o próprio meio colonial rústico e isolado, pareceram satisfazer o critério severo da inspeção. Não falta, ademais, a suspeita de reincidência e dissimulação voluntárias por parte do professor, agravando a situação:

Já inspecionada no ano passado, quando regida pelo professor alemão Werner Schlöpffer, a encontrei totalmente germanizada, com absoluto desprezo pela nossa nacionalização. Recomendei, como pode ser notado pelo termo que fiz, várias medidas que considere indispensáveis para atenuar esse mal verificado às portas da vila de Timbó. Entretanto, de tudo que recomendei, apesar das manhosas manifestações de simpatia feitas pelo sr. Schlöpffer ao nosso Brasil nada encontrei alterado de modo a melhorar as condições do ensino nacional na escola de Dona Clara, a não ser a boa vontade observada no seu atual professor, boa vontade essa que, como se tem dado em muitos outros casos, talvez não passe de simples formalidade.¹⁵²

O documento antecipa o desfecho para a escola de Ehlert: foi fechada, e a destituição do professor foi acompanhada de exposição ao achincalhamento público pela imprensa local que noticiou o acontecimento como obra meritória do poder público, que retirou “um traidor” de tão importante atividade docente.¹⁵³ Fica no ar, ante este tipo de documentação, a dúvida acerca do senso de realidade, bem como da imparcialidade dos órgãos dirigentes do ensino, exigindo uma transformação por demais rápida e plena, quando em contrapartida,

¹⁵¹ SILVEIRA, Adolfo da. Termo de Visita. *Relatório do Diretor do Departamento de Educação para o Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Justiça*. 28 mar 1938. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.p. 19-20.

¹⁵² *Ibidem*. p. 19-20.

¹⁵³ A Comarca. Indaial. 7 maio 1939. Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

mesmo após toda a intensificação das atividades de fiscalização e nacionalização, os relatórios ainda referem a existência de crianças mais favorecidas por estarem num meio urbano que, frequentando o Grupo Escolar "Polidoro Santiago", não sabiam expressar-se convenientemente na língua portuguesa. De um número aproximado de 133 alunos, 39 matricularam-se desconhecendo completamente o português. Outro agravante, dentro do próprio corpo docente era o a suspeita que recaía sobre uma professora, filha do diretor, de não ser totalmente favorável ao processo nacionalizador.¹⁵⁴ Realidades e suspeitas, tradições germânicas e ânimo aceleradamente nacionalizador brasileiro, concorreram para criar um clima de confrontação que expressava uma situação sócio-cultural de difícil solução.

Enfim, parece que a estruturação do ensino público timboense levou à aniquilação das escolas particulares germânicas, ante uma problemática por demais complexa, e sobre a qual o Estado viu-se na contingência de nacionalizar o mais rapidamente possível no final da década de 30. Antes disso porém, no quadro colonial e predominantemente rural, as escolas particulares haviam representado um valioso esforço sócio-cultural, além de terem preenchido suas próprias expectativas, educando, e ao mesmo tempo, mantendo vivas as tradições herdadas do país de origem.

¹⁵⁴ ROCHA, Sebastião de Oliveira. Relatório do Departamento de Educação apresentado ao Excelentíssimo Sr. Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Justiça, Dr. Ivo d' Aquino pelo Professor Sebastião de Oliveira Rocha. Superintendente Geral de Ensino. Florianópolis, 28 fev 1940. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

Capítulo 4.

Sociabilidade Germânica e Instituições Culturais.

Uma das características marcantes nas áreas de colonização germânica foi, e ainda é até a atualidade, a existência de um grande número de associações de caráter recreativo, desportivo e cultural fundadas pelos alemães e por seus descendentes.¹⁵⁵ Evidentemente, não se pode deixar de falar da colonização alemã em Timbó sem se referir a essas instituições e sua contribuição à vida cultural da cidade.

4.1. Tradição e vínculos culturais

Em geral, as instituições culturais mais comuns eram as que desenvolviam atividades como o tiro-ao-alvo,¹⁵⁶ o bolão,¹⁵⁷ o canto, o teatro e a ginástica. Além destas, tem-se

¹⁵⁵ WILLEMS, E. op. cit., p. 403-414. Quanto a existência dessas sociedades ainda na atualidade deve-se fazer alguns reparos. As atividades desenvolvidas, em muitos casos, alteram sensivelmente às realizadas no início da colonização. Influíram nesta mudança, entre outros fatores, a aculturação da qual essas sociedades foram alvo no contato com outros grupos étnicos, os órgãos de comunicação de massa, que constituem outro importante fator de transformação de costumes e também outros tipos de recreações, festas e esportes que foram incorporados às recreações originais, fazendo com que algumas das atividades originais fossem abandonadas.

¹⁵⁶ Os clubes de Caça e Tiro ou "Schützenvereine" representavam uma tradição bastante antiga na Alemanha. Suas festas e competições eram uma oportunidade para que as comunidades mantivessem vivo este aspecto cultural.

¹⁵⁷ WILLEMS, E. op. cit., p. 411. O bolão ou boliche era outro tipo de recreação dos teutos, e não deve ser confundido com a bocha, jogo introduzido pelos italianos, mas que, com o tempo, acabou sendo praticado por elementos de todas as etnias.

notícia de associações de leitura, e de estudos sobre produtos agrícolas.¹⁵⁸ Todas estas sociedades possuíam um espaço específico para o desenvolvimento das respectivas atividades, mas nada impedia que o mesmo prédio fosse utilizado por diversas associações, e que, as pessoas que fizessem parte de uma das associações participassem também de outras.

A correlação entre a manutenção da cultura trazida da Alemanha e a fundação dessas instituições é bastante clara. Cultivar e retransmitir as festas, competições, canções, etc, é uma amostra da intenção de procurar manter uma identidade cultural própria. Nada melhor para a preservação dos vínculos culturais do que a institucionalização, no país onde se vive, das tradições herdadas do país de origem. Muitas destas tradições foram modificadas pelos imigrantes a fim de adaptá-las à nova realidade observada no Novo Mundo, afim de que não passassem por um choque cultural mais intenso do que o sofrido pela mudança de país. Isso não significa, no entanto, que a maioria dos participantes destas sociedades tivessem total consciência do significado de suas atividades. Para muitos, a participação nelas era algo espontâneo, parte do cotidiano dos alemães e de seus descendentes. Willems assinala: “À primeira vista parece ser na esfera recreativa da vida dos teuto-brasileiros que as influências da cultura originária persistem em maior número e com maior tenacidade”.¹⁵⁹

E ainda:

¹⁵⁸ PETRY, Sueli. op. cit., p. 47. Há o caso bem conhecido em Blumenau da "Kulturverein" ou Sociedade Cultural, que além de outras iniciativas, procurava assessorar os colonos com instruções sobre agricultura em geral.

¹⁵⁹ WILLEMS, Emílio. op. cit., p. 403.

No meio urbano, onde não faltavam ensejos para a diversão, um clube convencionalmente chamado Germânia satisfazia as necessidades residuais de recreação. Estas compreendiam precisamente aqueles elementos que nas cidades brasileiras não podiam ser encontrados. Daí o caráter acentuadamente germânico que a feição desses clubes invariavelmente apresentava. Diversa era a situação das colônias puramente rurais onde a diferenciação das atividades recreativas se refletia na multiplicidade de clubes, sociedades, estabelecimentos industriais e comerciais ligados à recreação. Em todas as áreas homogêneas de colonização alemã, difundiram-se amplamente, clubes de boliche, de ginástica, de montaria, de baralho, de canto orfeônico, de tiro ao alvo, círculos femininos e associações teatrais.¹⁶⁰

Vários aspectos da cultura teuta foram mantidos através das manifestações das associações recreativas. A língua, as vestimentas típicas, os pratos da culinária, os jogos herdados dos antepassados, o calendário religioso e seus feriados, as obras literárias, musicais e representações teatrais. Muitos desses aspectos se faziam evidentes por ocasião da reunião dos associados, especialmente quando eram realizadas festas. Era nessa oportunidade que os membros da sociedade e outras pessoas de comunidades próximas faziam um contato que era importante para a preservação da coesão social dos que habitavam a respectiva região e para a manutenção dos traços culturais do grupo. A “Schützenfest” ou festa do tiro, no caso dos clubes de atiradores, as apresentações teatrais e musicais para os grupos de teatro e canto, e os encontros dos ginastas eram bons exemplos dessas celebrações nas quais estreitava-se o contato cultural. Em muitas ocasiões, as festas não se restringiam apenas a uma sociedade. Era bastante comum que diversas sociedades de comunidades vizinhas ou mais distantes participassem, a convite da sociedade patrocinadora do evento. Em uma mesma festa podiam ser desenvolvidas diversas atividades recreativas diferentes, com a participação de várias sociedades.

¹⁶⁰ Ibidem., p. 403.

Se, por um lado, as sociedades permitiam a continuidade e a transmissão dos aspectos culturais, por outro lado, as rupturas também eram evidentes em função da aculturação da qual estas sociedades eram alvo. Willems sublinha nessas reuniões recreativas a presença de elementos novos, e destaca que elas, em parte: "...substituíram formas perdidas, mas inúmeras vezes justapuseram-se aos elementos tradicionais."¹⁶¹

Entre os principais elementos novos que foram introduzidos na vida associativa dos teuto-brasileiros estavam os jogos de azar, a corrida de cavalos, os banquetes de recepção, a bocha e, principalmente, o futebol.¹⁶²

As sociedades eram bem organizadas e possuíam estatutos onde ficavam claros direitos e deveres dos participantes, e prescreviam os requisitos de admissão para novos sócios, ou as faltas que poderiam levar a exclusão do associado. Muitas destas sociedades mandavam publicar seus estatutos nos jornais da região de Blumenau ou na capital Desterro, depois Florianópolis.

4.2. Algumas referências às primeiras associações e festas típicas germânicas.

Desde a fundação de Blumenau foram criados diversos clubes e sociedades nas mais variadas regiões da colônia. Alguns tornaram-se mais conhecidos por terem sido os

¹⁶¹ *Ibidem.*, p. 410-411.

¹⁶² WILLEMS, E. *op. cit.*, p. 411-412. "De todas as formas recreativas novas a mais importante do ponto de vista aculturativo, é o futebol. Verdade é que também no país de origem, como em qualquer parte da Europa, o futebol se difundiu extraordinariamente. Não se pode negar que ele tenha sido familiar às levas de imigrantes germânicos que nos procuraram nesses últimos 20 ou 30 anos. Contudo, o futebol é praticado pelos descendentes de alemães com todos os característicos de que se reveste nas outras partes do Brasil. A emotividade e a "torcida" apaixonada do público, a turbulência dos jogadores, as hostilidades tradicionais entre certos clubes, as tramas usadas para conseguir jogadores estranhos - todos esses fatos geralmente desconhecidos na Europa Central são corriqueiros em qualquer cidadezinha teuto-brasileira."

primeiros a serem fundados, ou por estarem localizados na sede da colônia, depois município de Blumenau, como por exemplo o "Schützenverein Blumenau", que foi o primeiro a aparecer em 1859. Outros permaneceram restritos às suas áreas de origem, desempenhando um papel relevante em suas respectivas linhas coloniais como as sociedades de Timbó.

Acerca dos clubes de caça e tiro ou "Schützenvereine", deve-se frizar que foram os que mais se destacaram no contexto das associações de caráter germânico. Talvez possa se creditar isso ao fato de não haver nenhum clube com características semelhantes entre os luso-brasileiros. As vestimentas, as armas e as festas de tiro, com seu cerimonial, chamavam a atenção e tornaram-se características dos núcleos alemães. A festa, que era previamente marcada e convenientemente anunciada nos jornais da região, foi bastante bem caracterizada no relato que dela faz Killian:

Sendo a festa dos atiradores uma verdadeira festa popular, não se limitava a mesma ao tiro ao alvo e ao 'pássaro', mas proporcionava aos seus sócios e membros de suas famílias, múltiplas diversões, havendo baraquinhas com doces, bebidas, café; sorteio de prendas, carrosel para crianças pequenas e grandes, museus humorísticos, jogo de bolão, etc.¹⁶³

O cerimonial não era fixo e permitia alterações, conforme a época e a região de origem da sociedade. Killian afirma que após o fechamento dos clubes durante a Primeira Guerra Mundial, algumas características originais do cerimonial foram sendo gradativamente abandonadas ou alteradas após a retomada das atividades.

¹⁶³ KILLIAM, Frederico. Sociedades e Associações em Blumenau. IN: *Centenário de Blumenau. 1850-1860*. Blumenau: [s. n.], 1950. p. 338-345.

Assim já não se realizavam mais as tradicionais retretas na véspera da festa e o toque de alvorada ao romper do dia da fundação, a entrega solene da bandeira nacional e estandarte social em frente à casa do presidente, com três salvas de tiros, o préstito à casa do Rei do Tiro, onde os atiradores eram servidos com sanduíches, doces e bebidas, após terem saudado o seu soberano e lhe prestado as honras do estilo, e o desfile à sede da sociedade, discurso do comandante dos atiradores, etc[...]. Todas estas originalidades foram desaparecendo com o tempo, também nas colônias, tornando-se as festas de atiradores mais um torneio esportivo de tiro ao alvo[...]¹⁶⁴

Para Petry,¹⁶⁵ o Clube de Caça e Tiro Blumenau, fundado em 1859, corresponde aos anseios da população da sede do município, e seu ulterior desenvolvimento foi norteador por essa motivação. Razoavelmente diferente foi a realidade dos outros clubes congêneres que, apesar de desenvolverem a mesma atividade, estavam localizados em zonas rurais mais isoladas e portanto, com um diferente grupo de associados. O Clube de Blumenau tinha caráter elitista, já que em suas fileiras estavam todos os principais dirigentes da colônia, depois município de Blumenau. “(...) Percebe-se um elitismo comprovado no livro de protocolo da Sociedade, onde os nomes das pessoas de expressão na vida social da Colônia, recebiam nome e sobrenome, enquanto que os colonos Dittmar, Petermann e outros, recebiam apenas o sobrenome. Outros Schützenvereine que surgiriam mais tarde, não teriam esse cunho elitista”.¹⁶⁶

A partir do Clube de Blumenau surgiram sociedades como a de cantores (Gesangverein), ginástica (Turnverein), e de estudos agrícolas (Kulturverein)¹⁶⁷. Acerca ainda do caráter elitista desse primeiro clube de caça e tiro, Petry observa, através das

¹⁶⁴ KILLIAM, F. op. cit., p. 341.

¹⁶⁵ PETRY, Sueli op. cit., p.48.

¹⁶⁶ Ibidem., p. 48.

¹⁶⁷ Ibidem., p. 47-48.

listas de sócios antigos, uma acentuada predominância de profissionais liberais, comerciantes e trabalhadores urbanos, o que o diferencia dos clubes no interior que, além de não possuírem em seus quadros os principais dirigentes da região, eram formados em sua maioria por agricultores. Em função dessa diferenciação caberia inquirir qual foi o processo de formação dos clubes de Tiro de Timbó e quem foram seus fundadores, assim como qual o seu papel e relevância na cidade. Não apenas os clubes de caça e tiro, mas todas as associações merecem este exame acerca da origem de suas lideranças e tipo de influência das mesmas na comunidade. Para responder essas questões é indispensável uma breve exposição da cronologia de fundação das principais associações do município.

As informações à disposição permitem estabelecer a existência de duas sociedades de canto, três de tiro, uma de ginástica e uma de futebol, além de alguns conjuntos musicais responsáveis pela animação dos salões de bailes da região.

A primeira sociedade da qual se tem notícia foi a "Gesangverein Teutônia Rio Benedito"¹⁶⁸ (Sociedade de Canto Teutônia Rio Benedito), fundada em 24 de abril de 1879 e da qual Julius Scheidemantel, que foi também o primeiro professor de Timbó, tornou-se o primeiro regente. Era um coro masculino e manteve-se por muito tempo na ativa, chegando a comemorar o cinquentenário em 1929 numa festa no pátio da prefeitura. Nesses mais de 50 anos de existência este coro participou de encontros com outros grupos congêneres da região de Blumenau.

¹⁶⁸ BUZZI, G. S. op. cit., p. 107.

De 1905 tem se notícia da fundação de uma sociedade de ginástica: "Turnverein Jahn Timbó".¹⁶⁹ Esse tipo de sociedade desportiva e recreativa mantinha contatos frequentes com outras congêneres, nas quais, além da atividade física, realizava-se o contato com outras comunidades e faziam-se apresentações teatrais e, às vezes, alguma partida de futebol. Percebe-se neste último aspecto a confirmação de uma tendência já apontada por Willems. Os clubes de ginástica de início ativeram-se a sua função primordial, mas acabaram envolvendo o futebol em suas atividades, e iniciando assim um processo de descaracterização das atividades das sociedades originais.

Em 1912 apareceu uma segunda sociedade de canto, o "Côro Orfeônico Misto Sangelslust". Essa sociedade era dirigida pelo Sr. Martin Richter. Diferenciava-se da primeira por seu caráter misto, não exclusivamente formada por homens e não há muitas informações sobre sua duração e atividades.¹⁷⁰

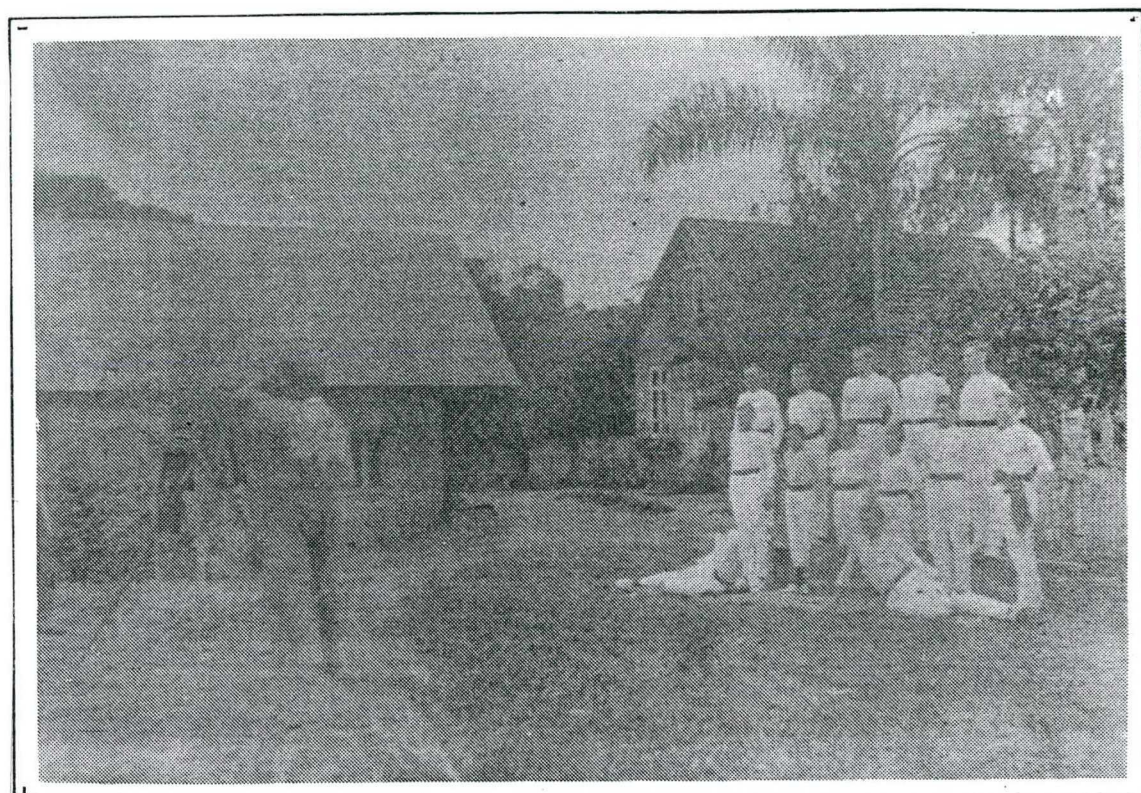
A primeira sociedade de atiradores da qual se tem notícia foi fundada em 1916, já durante a Primeira Guerra Mundial. Logo após, a entrada do Brasil no conflito prejudicou suas atividades, e acabou sendo prematuramente fechada. Em 1918, quase no final do conflito bélico, uma nova associação foi fundada, a "Frohsin", localizada na linha colonial Dona Clara, que permaneceu até 1950, quando trocou o seu nome alemão pelo equivalente português: Sociedade Alegria.¹⁷¹ Até o presente esta sociedade ainda existe, tendo seu nome trocado mais uma vez no ano de 1966 para "Sociedade Recreativa e Desportiva Alegria".

¹⁶⁹ Ibidem, p. 107.

¹⁷⁰ Ibidem, p. 107.

¹⁷¹ Ibidem, p. 108.

Figura 10. Foto de Sociedade de Ginástica em Timbó. (1916)



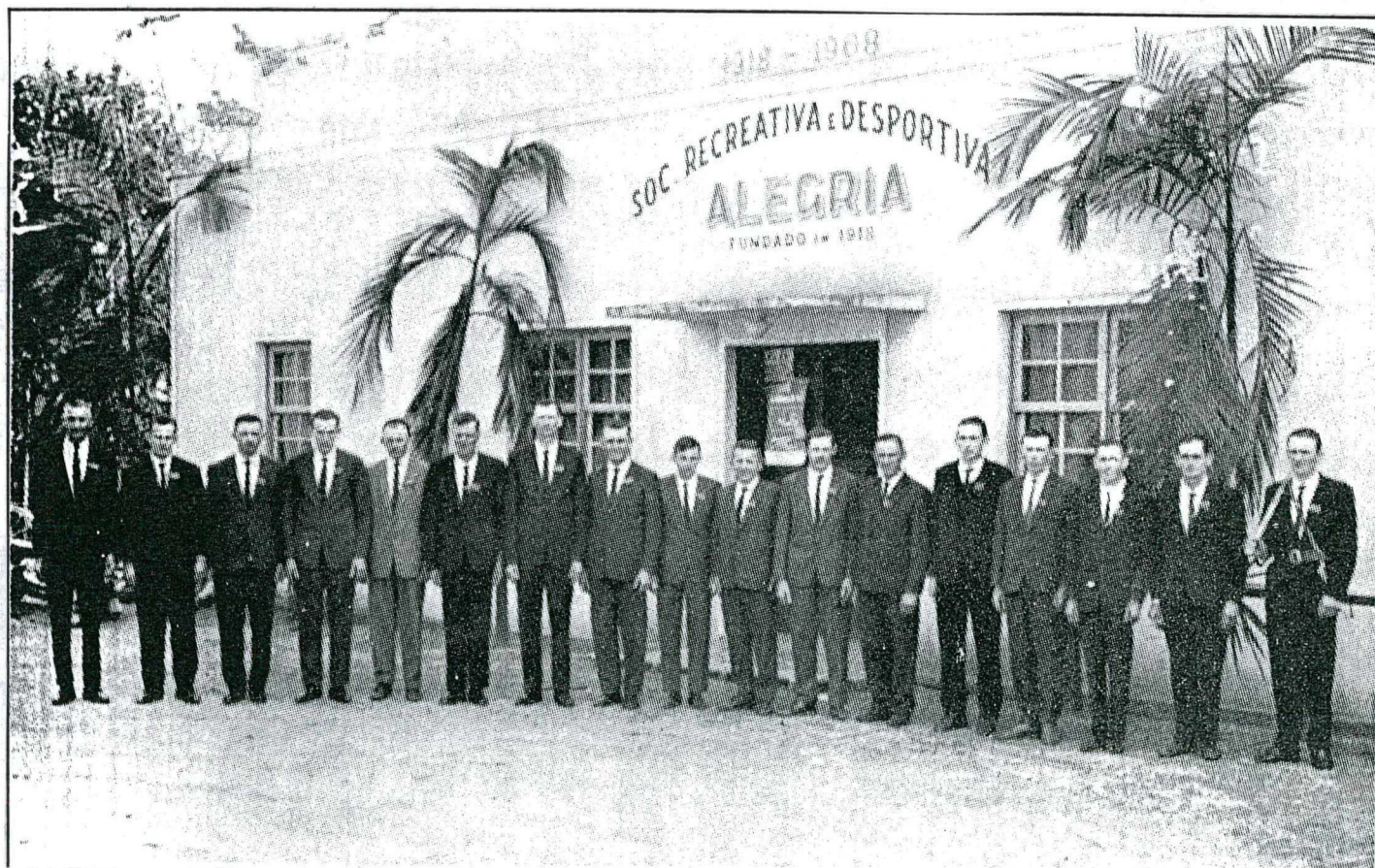
Fonte: MAESTRELLI, S. R. *Fatos e Imagens do Meio Rural de Timbó*. Timbó: Tipotil, 1992. p. 135. Fotos do Acervo Particular do Sr. Curt Donner.

A despeito do tiro ter sido atividade desenvolvida nesta sociedade, uma análise de seus estatutos, traz dúvidas a respeito de suas principais atividades, já que logo no início do documento, a descrição do “fim da sociedade” destaca: “§ 1. A sociedade ‘Frohsinn’ tem o fim de dar ocasião a seus sócios de fallar e discutirem sobre assumptos agronómicos e de reciprocarem-se (sic) conselhos.”¹⁷²

¹⁷² Estatutos da Sociedade Dansante Alegria. Artigo primeiro, parágrafo único. Timbó (manuscrito).

Provavelmente, tal definição estava de acordo com a impossibilidade de praticar-se o tiro livremente. O Brasil ainda continuava em guerra com a Alemanha, e ainda estava longe o momento em que as associações de caráter germânico receberiam autorização para voltarem a funcionar regularmente. Aparentemente, não teria sido possível declarar seus objetivos, e foi, através de uma atividade não proibida, o estudo de produtos agrícolas, que a sociedade foi criada. É também sintomático do momento da criação da sociedade o fato dos estatutos terem sido redigidos obrigatoriamente em português, ainda que sofrível.

Figura 11. Sociedade Alegria. Foto Recente.



Fonte: MAESTRELLI, S. R. et alli. A Extensão Rural na História de Timbó. Florianópolis: ACARESC, 1988. p. 29.

Esta sociedade foi um bom exemplo das rupturas culturais significativas verificadas na realidade institucional originária. Apesar desta transformação estar fora dos limites cronológicos deste trabalho, parece ser importante a ilustração acerca do acontecido. Com o passar dos anos, a sociedade trocou não apenas seu nome, mas também suas atividades principais. Em 1950 reorganizou-se e registrou novos estatutos, com o novo nome de "Sociedade Dansante Alegria", sendo a atividade principal os bailes. O próprio nome espelha a nova característica da sociedade, que previa uma assembléia trimestral incumbida unicamente de organizar e marcar o calendário dos bailes.¹⁷³

Os salões de baile e os conjuntos musicais responsáveis pela animação dos mesmos não apareceram nos primeiros momentos da colonização, mas na virada para o século XX, há fontes acerca dessa forma tão comum de diversão entre os teuto-brasileiros. Obviamente as músicas eram também expressão da cultura do país de origem e várias dessas "bandas" apareceram também em Timbó. A partir de 1900, tem-se notícia da criação de diversos conjuntos musicais, conhecidos como "capelas", nome provavelmente derivado da palavra alemã Kapelle que significa orquestra. Esses conjuntos animavam reuniões e festas, sendo notadamente destacados os "Capelas" Milchert, Mahlsett, Wollinger, Ritzke e Radloff. Lamentavelmente, poucas informações restaram acerca da formação de tais grupos e sua organização.¹⁷⁴ Sabe-se que nas comemorações festivas, estes conjuntos eram responsáveis pela parte musical e que, no transcorrer dos festejos, animavam os bailes nos salões para os quais convergia a festa. Muitos bailes eram frequentemente anunciados nos principais jornais da região de Blumenau, estendendo-se o convite a todos os que desejassem

¹⁷³ Estatutos da Sociedade Dansante Alegria. Idem.

¹⁷⁴ BUZZI, G. op. cit., p. 107.

participar e que pagassem para tanto. Até o presente, as sociedades remanescentes e outras de mais recente fundação tem como uma de suas principais atividades a promoção desses bailes, muitas vezes conjugados com festas de tiro ou de bolão. Nas últimas décadas, esta forma de diversão assumiu posição bem mais destacada e as mudanças implementadas ao rito do baile contribuíram para a transformação dos traços culturais originais germânicos. A música popular alemã já não é mais a única opção, e o caráter aberto de muitas destas festas contribuiu também para a incorporação de novos estilos musicais.

Em julho de 1935, após a criação do Município de Timbó, foi fundada a “Sociedade Esportiva e Recreativa Cedro”, que era essencialmente um clube de caça e tiro. Apesar da política de nacionalização já estar bem atuante, ainda era possível iniciar uma associação deste tipo. Apenas 14 pessoas compareceram a reunião em que foi fundado o clube, e a documentação existente permite traçar o perfil da mesma: todos eram descendentes de alemães.¹⁷⁵ Nesta mesma reunião foi eleita a diretoria, e determinados os limites geográficos da sociedade, dados pelos lugares de residência daqueles que tinham comparecido. O clube, como o próprio nome demonstra, manteve-se ligado às duas margens do rio dos Cedros, e iniciou suas atividades com a primeira festa de tiro, em setembro do referido ano. A vida associativa prosseguiu normalmente, com as festas e disputas de tiro, seguidas de bailes bastante concorridos. Esta sociedade, aparentemente, foi uma das que conservou-se ligada ao modelo associativo clássico, mantendo os ritos anteriormente detalhados. Mas, no início dos anos 40, o cerco a qualquer manifestação associativa deste gênero começou a fechar-se, e em 1942 foi a vez do Clube Cedro ser impedido de funcionar pelo Governo. O presidente foi intimado a depor, armas, livros e bandeiras foram

¹⁷⁵ Arquivo José Ferreira da Silva. *Histórico da Sociedade Cedro*. Coleção Municípios. Caixa 44.

confiscados, e as atividades suspensas. Este período parece ter surtido o efeito desejado, já que em 1948, por ocasião da reabertura da sociedade, a mesma já se auto denominou “Clube de Caça e Pesca Cedro” desvirtuando a função original. Seus estatutos foram reformados, ajustando as atividades ao novo período que se iniciava. O modelo de clube de tiro não mais se manteve.

Mas não foi apenas na sede da localidade, depois Município de Timbó, que as sociedades foram constituídas. Em regiões interioranas, como a Mulde, surgiu em 1927 a “Schützenverein Einigkeit Mulda”¹⁷⁶, que de maneira semelhante à Sociedade Alegria, anteriormente citada, também trocou seu nome original alemão em 1939 pelo equivalente em português: “Sociedade Concórdia”. Não há notícia de intervenção policial que motivasse tal mudança, já que, ao que parece, a pressão externa generalizada fez com que a diretoria se adiantasse na observância das determinações legais. Mesmo nas zonas mais interioranas e distantes de Timbó, as sociedades de caráter germânico foram alcançadas pela fiscalização do Governo, numa flagrante alteração da situação anterior, em que, por tanto tempo, estas linhas coloniais permaneceram isoladas e distantes de suas relações com o poder público. Até hoje elas mantêm suas atividades, sendo o bolão uma das atividades principais, conjuntamente com o tiro.

Em 1930 surgiu o “Timboense”, clube que, além das atividades desportivas como o atletismo e a ginástica, deu início a prática do futebol, passando a se chamar “União” no ano de 1948. Nessa associação percebe-se um bom exemplo das mudanças ocorridas nas sociedades em função de processos aculturativos. Apesar da sociedade ter seu grupo de

¹⁷⁶ BUZZI, G. op. cit., p. 108.

ginastas, será no futebol que a mesma alcançará maior prestígio. O futebol não fazia parte das competições trazidas pelos colonizadores, mas se converte na paixão desportiva de um crescente número de timboenses. Os embates com outros clubes próximos, como os de Indaial e Rodeio, eram comuns e receberam boa cobertura da imprensa regional, especialmente durante a década de 30. As apresentações das ginastas também faziam parte dos encontros, em que o futebol se destacava como atividade principal.

Mas não foram apenas os alemães que fundaram sociedades na região de Timbó. Como já foi colocado, a colonização de Timbó foi feita com elementos majoritariamente alemães luteranos, mas, em algumas regiões do interior, algumas linhas coloniais estavam inscritas dentro das áreas de ocupação italiana. A maioria destas linhas coloniais acabaram, com o passar do tempo e com a criação dos municípios da região na década de 30, fazendo parte dos Municípios de Indaial e Rodeio, e, mais recentemente, de Ascurra, Apiúna e Rio dos Cedros. No entanto, algumas outras são até hoje localidades em que predominam os descendentes desses italianos que iniciaram suas vidas na região por volta do ano de 1875.

As principais áreas de italianos do interior de Timbó foram: Rio Fortuna, Tiroleses, Travessão dos Tiroleses e Pomeranos São Roque. Numa dessas localidades, Tiroleses, foi fundada, em 9 de agosto de 1929 a “Sociedade Católica Caminho dos Tiroleses”, tendo sido feita a reunião inicial no prédio da escola pública da referida localidade e contando na inauguração com 69 associados, em sua maioria italianos.

Essa sociedade, ao contrário do caráter predominantemente recreativo-festivo das instituições teutas, cuidava de assuntos ligados diretamente a comunidade católica. Em seus estatutos essa intenção era claramente declarada.

1. A Sociedade com o nome de 'Sociedade Cathólica de Caminho dos Tyrolezes', município de Blumenau, Estado de Santa Catarina, tem por objetivo auxiliar e sustentar todas as obras de caridade, instituição, beneficência e culto de acordo com os princípios da religião Cathólica Apostólica Romana.¹⁷⁷

Entre as atividades desenvolvidas pela sociedade devem ser destacadas a construção do templo e a administração de interesses da comunidade. Para a administração foi eleita uma diretoria composta por 4 cargos: Presidente, Vice, tesoureiro e secretário. As diversas diretorias efetivaram um controle rígido quanto a admissão dos membros, conforme os requisitos estabelecidos nos estatutos, onde fica bem claro que: "Poderão formar parte dessa associação, só os que forem cathólicos, apresentados por pessoas idôneas, e com o consentimento da Directoria."¹⁷⁸

À figura do pároco era dado considerável poder sobre os assuntos da sociedade, sendo o mesmo membro fixo, e elegível para todos os cargos. "[...]. O Revmo. Vigário é sempre membro nato da Directoria. [...] assiste à todas as reuniões da Directoria e é consultor especial, podendo ocupar outros cargos da Directoria, si para eles for eleito".¹⁷⁹

A construção do templo, o terceiro da comunidade, deu-se na década de 30 por iniciativa da sociedade. Os primeiros dois templos tinham sido só pequenas casas construídas durante os primeiros anos de colonização. A igreja foi inaugurada em 1931.

¹⁷⁷ Estatutos da Sociedade Cathólica Caminho dos Tyrolezes. Apud MAESTRELLI, S. R. op. cit., p. 48.

¹⁷⁸ MAESTRELLI, S. R. op. cit., p. 48.

¹⁷⁹ Ibidem, p. 48-49.

Todas essas associações contribuíram, de uma forma ou de outra, para a manutenção de traços específicos da tradição cultural dos descendentes dos primeiros colonizadores. Basicamente, cabe fazer três conclusões a partir do que foi colocado. Em primeiro lugar, Timbó reproduziu localmente, quanto às sociedades, o que se verificou em Blumenau como um todo: a presença de todas as formas associativas habituais como as sociedades de tiro, canto, ginástica. Apesar do bolão não ter sido praticado por nenhuma associação específica, era comumente ligado às outras sociedades. Em segundo lugar não se verifica em Timbó a diferenciação social entre clubes que congregavam habitantes da sede do município e outros formados isoladamente nas linhas coloniais mais distantes. Aparentemente, não se deu a fundação de um único clube gerador de diversas outras sociedades e que fosse marcado pela presença dos principais líderes timboenses. O caráter elitista do clube sede de Blumenau, não se verifica em Timbó. Cada região fundava suas associações baseando-se muito mais no critério de proximidade das residências, o que certamente facilitava em muito a participação nas atividades. Em terceiro lugar, as sociedades timboenses parecem ter sofrido de forma semelhante às suas congêneres a influência de fortes elementos aculturativos, seja por opção própria, seja por pressão do Estado por ocasião do processo de nacionalização. Aparentemente, no entanto, as sociedades conseguiram manter e retransmitir diversos aspectos da cultura germânica. Até hoje Timbó acentua esta tradição em suas festas locais.¹⁸⁰

¹⁸⁰ Em diversas ocasiões recentes, o poder público timboense, assim como a população em geral, tem patrocinado atividades festivas onde transparece a preocupação de destacar o passado colonial. Isso pode ser percebido por exemplo, no perfil da última festa local, conhecida como "Festa do Imigrante", realizada todos os anos no mês de outubro.

4.3. Timbó e a imprensa do Vale do Itajaí.

Os aspectos fundamentais da vida cultural de Timbó sempre estiveram ligados a Blumenau por ser esta última a sede da colônia, e, portanto, o centro do qual vinham as principais tradições, instituições e notícias. De lá vieram os primeiros pastores, os professores, os engenheiros responsáveis pela medição das terras, e as levadas de colonos que subiram os rios da região.

A imprensa blumenauense iniciou suas atividades nas últimas duas décadas do século XIX¹⁸¹ e nos jornais de Blumenau foram anunciados os dias de cultos, as festas religiosas, as obras municipais, os serviços de profissionais liberais. Também publicaram os estatutos das associações, seus reclames publicitários e as novidades a disposição nas casas comerciais da sede da cidade; assim como as programações desportivas, artísticas e recreativas. A população de todas as localidades do interior de Blumenau fazia uso, portanto, desses veículos de informação. Nesse contexto corresponde fazer uma breve análise da importância dos jornais na vida timboense.

Nas primeiras décadas, no início do período colonial, Blumenau não possuiu nenhum jornal. Circulavam na colônia, apesar disso, alguns periódicos impressos na Alemanha, e, a partir de 1862, o "Kolonie Zeitung" de Joinville, que em seu título anunciava a disposição de também servir de órgão de divulgação das coisas de Blumenau. O correspondente em Blumenau era o pastor Osvaldo Hesse e o jornal teve muitas dificuldades para atingir toda a região, devido às dificuldades de acesso de Joinville à Blumenau, e também, porque a

¹⁸¹ O "Blumenauer Zeitung" surgiu em 1881 e o "Der Urwaldsbote" em 1893, citando apenas os dois periódicos que mais influência tiveram em Blumenau, sendo publicados quase sem interrupções durante mais de 4 décadas.

correspondência que levava os artigos à Joinville para a publicação era muito demorada, fazendo com que, as notícias perdessem seu aspecto mais importante: a novidade.

A partir da década de 80 do século passado, surgiram pelo menos cinco jornais em Blumenau, alguns efêmeros, outros, porém, mantiveram-se ativos até a proibição total da imprensa germânica durante a Segunda Guerra Mundial. Os dois mais importantes, rivais até seus últimos dias de existência, foram o "Blumenauer Zeitung" e o "Der Urwaldsbote". Os dois representavam grupos antagônicos na política municipal e estadual, fazendo apaixonadas e por vezes agressivas matérias acerca da região e é claro, de seus próprios interesses.¹⁸²

Uma das principais intuições timboenses a frequentar os jornais de Blumenau foi a paróquia evangélica luterana. Os inúmeros e constantes anúncios davam conta dos dias, locais e horários dos cultos, das assembléias da paróquia e de cada uma das comunidades, e, também, prestavam informações acerca do ensino confirmatório, festas, atendimento pastoral, literatura religiosa e necrológio. As escolas utilizavam os jornais para contratar professores e para convocar os membros de cada uma das sociedades escolares para as reuniões onde eram decididos os assuntos da mesma. As associações desportivas e recreativas publicavam seus estatutos, comunicavam reuniões e festas e registravam as viagens de seus membros a outras áreas da região.

¹⁸² O posicionamento político-social dos dois principais periódicos blumenauenses foi abordado em diversos trabalhos. Para Seyferth, o Blumenauer Zeitung não manteve sua coerência política, sendo vinculado ao partido conservador durante o Império, mas defendendo a causa republicana e opondo-se aos federalistas por ocasião da Revolução Federalista (1893-94). A despeito de estar ligado à política brasileira durante a República, manifestou posições de cunho germanista. Já o Urwaldsbote é caracterizado como "...o mais radical dos jornais em língua alemã do sul do Brasil...", professando o germanismo em sua posição mais extremada e fazendo a defesa "...do pangermanismo, da atividade dos bugreiros, da oficialização da língua estrangeira e contra as instituições republicanas e a política nacional em geral...". Foi alvo de grandes críticas pela imprensa em geral no Estado. SEYFERTH, G.op. cit., p. 51-52.

Mas talvez um dos momentos mais interessantes da influência da imprensa blumenauense em Timbó tenha sido a crítica e a defesa da atuação política de pessoas da cidade na administração pública blumenauense. Os dois jornais de Blumenau eram opostos politicamente. Quando um grupo detinha o poder municipal, era alvo de críticas pelo opositor e vice-versa. Um dos principais líderes de Timbó, o Sr. Frederico Donner foi eleito vereador do município de Blumenau (1899-1902). As sessões da Câmara Municipal eram o principal alvo dos descontentes opositores. Donner foi um dos alvos dessa crítica. Seu não comparecimento em algumas reuniões foi criticado como omissão, tendo sido acusado em outra ocasião de ter sido passivo demais aos interesses do superintendente, Sr. Bonifácio Cunha, adversário político de Eugen Fouquet, militante e diretor do "Der Urwaldsbote". Óbviamente os interesses do grupo perdedor das últimas eleições manifestavam-se contra os aliados da atual administração. "Os cinco vereadores que por ordem do Superintendente fazem greve, demonstram com isso ter pouco conhecimento de seus direitos e obrigações [...]"¹⁸³. E ainda:

No final da redação soubemos que o Superintendente hoje (sexta-feira) convidou seus fiéis os senhores Antari, Donner, Haendchen, Holetz e Jansen para uma reunião de Câmara. O protocolo ele elaborou em casa: foi ditado diretamente ao escrivão Kinder. Nele é declarado que a eleição do Sr. Feddersen para Presidente da Câmara, não tem valor. Em seguida se passou a nova eleição. Não houve votação secreta. O Sr. Jansen foi eleito presidente, o Sr. Holetz apesar da relutância para vice-presidente. Dr. Cunha disse a Holetz que não precisava ter medo, o único responsável era o Superintendente. Foi uma verdadeira comédia.¹⁸⁴

¹⁸³ Arquivo José Ferreira da Silva. *Der Urwaldsbote*. Blumenau, 06 abr 1901. p. 3.

¹⁸⁴ Arquivo José Ferreira da Silva. *Der Urwaldsbote*. Blumenau, 13 abr 1901. p. 3.

Esta conotação política dos jornais blumenauenses era comum, e consumia grande parte do espaço e disposição dos seus redatores. As semanas prévias a pleitos municipais ou mesmo o cotidiano das administrações eram alvos constantes de ríspidas e agressivas discussões que atingiam todos os que se envolvessem na política local, mesmo que fosse um representante de uma localidade relativamente distante da sede do município como era o sr. Donner. A imprensa blumenauense, de certa maneira, inspirou o posterior aparecimento de outros órgãos de imprensa que também tiveram como característica o comprometimento com questões de ordem política e partidária na região de Timbó. Apesar de nenhum ter sido especificamente editado na cidade, o conteúdo dos mesmos versava sobre seus arredores e seus assuntos. A apaixonada luta política perceptível nestes órgãos de imprensa marcou principalmente os anos 30.

Sob a pressão cada vez maior do processo de nacionalização das áreas de colonização estrangeira, muitos jornais foram utilizados para fazer a defesa dos interesses do Governo estadual. Neste interim, merece registro a disputa política estampada nos periódicos da região de Timbó, Indaial e Rodeio. Pelo menos 5 periódicos foram editados na região, e alguns atuaram neste polêmico período.¹⁸⁵ Um deles foi o jornal editado em Rodeio, intitulado “O Correio de Timbó”, que circulou durante o ano de 1936 e era editado em português, com alguns artigos em italiano. Seu posicionamento político estava claramente ligado ao Partido Liberal catarinense e seu apoio a Nereu Ramos se fazia sentir na cobertura dada a organização do seu partido na região. O ano de 1936 era de eleições municipais, e a folha procurou ao máximo destacar a atuação do partido que apoiava, além

¹⁸⁵ Aparentemente dois destes jornais, “O Escudo” de Rodeio e o “Correio do Norte” de Indaial, não tiveram participação neste processo ou então os números consultados não permitiram sustentar tais considerações.

de fazer cáusticas observações aos opositores: os integralistas.¹⁸⁶ No pleito realizado, os integralistas saíram vitoriosos em Timbó por uma margem apertada, e isto muito aborreceu as lideranças locais, que imediatamente retomaram a crítica aos adversários e iniciaram campanha aberta para que um processo de desmembramento do município de Timbó ocorresse. O “Correio de Timbó” desapareceu sem deixar claro o motivo, mas em seu lugar, e formado basicamente pelo mesmo grupo político, surgiu “O Semeador”, também editado em Rodeio, que trazia já em seu editorial a clara intenção de fazer valer sua oposição à Prefeitura de Timbó, em mãos integralistas. A campanha pelo desmembramento continuou e obteve sucesso tempos depois, pois Rodeio tornou-se um município autônomo. Repetiu-se, em escala regional, o que havia acontecido anteriormente em todo o Vale-do-Itajaí. As lideranças políticas do Partido Liberal, derrotadas no pleito de 1936, acabaram assumindo Rodeio e implementaram a ação governamental desejada pelo Estado. A análise e compreensão deste processo de ordem política contribui para entender melhor a nacionalização das escolas, fechamento de sociedades e fiscalização das atividades eclesiais, que constituíram a tônica da região a partir da implantação do Estado Novo no país (1937). Nos anos subsequentes, e especialmente no jornal “A Comarca”, editado em Indaial a partir de 1939, percebe-se claramente o calor e a paixão do qual este processo se revestiu. A destituição de um professor do interior do recém criado município de Rodeio, na antiga jurisdição de Timbó, ganhou os ares de justiça em face da presença de “um traidor” que merecia e deveria ser expurgado de suas atividades, para que não prejudicasse a obra nacionalizadora.¹⁸⁷ Este exemplo isolado apenas aponta a grande importância que teve a imprensa local na condução da política nos anos difíceis que se seguiram para as

¹⁸⁶ Este contexto está ligado ao processo de desmembramento do Município de Timbó, que foi abordado no capítulo primeiro.

¹⁸⁷ A Comarca. Indaial 07 mai 1939.

instituições de caráter germânico em Timbó e arredores. A ofensiva nacionalizadora estava em franco avanço.

Conclusão

O estudo do desenvolvimento das instituições sócio-culturais timboenses, apesar das lacunas das fontes, permitiu esclarecer melhor alguns aspectos da relação entre cultura germânica e preservação dos valores culturais através das atividades destas referidas associações.

A pesquisa da relação entre as instituições abordadas e sua tradição e práticas em Timbó, permitiu uma análise e avaliação do significado das mesmas dentro da História da cidade. Tendo cada localidade manifestações particulares, justifica-se este tipo de estudo, pois nem sempre o modelo institucional herdado dos antepassados foi revivido na nova terra da mesma forma que na Europa, nem em todas as localidades de modo homogêneo. Daí que se verifiquem peculiaridades e mudanças, que às vezes fogem das orientações teóricas gerais prévias.

Quanto a Igreja Evangélica de Timbó, pode-se afirmar que, seu comportamento, de forma geral, não corresponde ao de uma instituição preocupada excessivamente com sua identificação cultural e étnica, pois a mesma, aparentemente, não assumiu uma atitude xenófoba em relação a outras culturas e grupos, nem discriminou negativamente os não luteranos. Verificou-se que para o caso timboense o período pré-sinodal significou um certo independentismo eclesiástico, constatando-se que apenas no início deste século, com as filiações ao Conselho Superior Eclesiástico de Berlim, e depois, à Liga das Comunidades

Evangélicas de Santa Catarina, Timbó engaja-se em uma posição de cunho mais germanista. Cumpre destacar ainda, que apesar disto, são verificados conflitos e tensões com as instituições contatadas, como no final da década de 30, quando o Conselho Superior de Berlim manifesta seu desagrado com a posição do Pastor Bluemel na condução da comunidade e da escola evangélica de formação de professores.

A educação timboense, em seus inícios, correspondeu ao modelo associativo mais comum da escola particular colonial, onde apenas se assumiam os aspectos mais gerais e básicos da educação primária, acompanhando o labor pedagógico com a transmissão dos valores sócio-culturais das comunidades coloniais germânicas.

A presença do ensino público em Timbó, parece ser bem mais modesta e tardia do que o comumente verificado em outras regiões do Vale do Itajaí. A atuação do poder público, só ganha impulso em Timbó mais de duas décadas após o inspetor Guimarães ter iniciado seus trabalhos no início do Governo Vidal Ramos (1910-1914), por ocasião da fundação do Grupo Escolar na sede do município em 1935. Ainda assim, em plena ofensiva nacionalizadora, houve resistência aos objetivos governamentais, que só culminaram com o fechamento total e abrupto das unidades educacionais particulares, que até o final da década de 30 ainda eram numericamente expressivas. A intervenção deste processo na cultura timboense é facilmente avaliada como ruptura cultural, mas até onde pode-se conjecturar, este processo não foi tão acentuado na cidade como em toda a região do Vale do Itajaí.

As sociedades e entidades culturais timboenses evidenciaram o comportamento típico deste tipo de sociedades. Se por um lado foram instituições propagadoras da cultura, por seu tradicionalismo germânico, por outro foram atingidas pelas rupturas e pela pressão de uma sociedade nacional brasileira e do governo que reagiu a formas de sociabilidade estranhas ao contexto brasileiro. A adaptação à nova realidade foi forçada e espelhou o processo análogo que se verificou na grande maioria das outras instituições congêneres no Vale do Itajaí. Quanto à forma de implantação destas instituições tradicionais de origem germânica, o modelo corresponde ao que Petry qualifica como a forma associativa típica de instituições interioranas. Não houve em Timbó nenhuma sociedade que, em seus incios ou mais tardiamente, congregasse apenas as lideranças locais. O processo de fundação e desenvolvimento destas sociedades esteve ligado a própria forma como se operou a colonização, criando cada linha colonial suas instituições associativas, tendo em comum a proximidade de suas moradias.

Esta abordagem da história timboense, portanto, procurou verificar de que forma uma pequena comunidade manteve viva grande parte de sua herança institucional de origem germânica e sua cultura no contexto nacional brasileiro. Esta contribuição procurou lançar luzes e preencher lacunas no campo da história local e da micro-história, visando completar a visão histórica regional catarinense num terreno, onde atualmente, poucas iniciativas de caráter acadêmico tem sido realizadas.

ANEXOS

Anexos

Anexo 1. Quadros das Linhas Coloniais.

Habitantes da Linha Colonial "Rio Benedito" (margem direita), por Sexo, Estado Civil e Idade.

No	Dono	Sex.			Est Civ		Idade (Anos)			
		Pess	Mas	Fem	Casad.	Sol / Viúv	+ 20	10 a 20	1 a 10	até 1
1	Carlos Krambeck	4	2	2	2	2	2	2		
2	Detler Krabeck	1	1			1	1			
3	Luiz Hoestert	7	3	4	2	5	2		4	1
4	Christiano Schulze	4	1	3	2	2	4			
5	Christiano Voss	6	5	1	2	4	2	2	2	
6	Frederico Krambeck	3	1	2	2	1	2			1
7	João Peters	5	3	2	2	3	2		3	
8	Frederico Habeck	6	2	4	2	4	2		3	1
9	Guilherme Hafemann	5	2	3	2	3	2	2	1	
10	Theophilo Lange	6	5	1	2	4	2	2	2	
11	Cosntantino dos Santos	8	3	5	2	6	2	3	2	1
12	Fernando Radlof	4	2	2	2	2	2		2	
13	Frederico Köhl	4	1	3	2	2	2		2	
14	Augusto Boening	5	2	3	2	3	2		3	
15	Guilherme Brehmer	6	4	2	2	4	2		3	1
16	Frederico Hoeltgebaum	2	1	1	2		2			
17	Theophilo Schley	5	3	2	2	3	2	1	2	
18	Guilherme Borchut	2	1	1	2		2			
19	Guilherme Brandenburg	3	2	1	2	1	2		1	
20	Carlos Oldenburg	3	2	1	2	1	2		1	
21	Augusto Grubert	4	2	2	2	2	2		2	
22	Guilherme Wrich	3	1	2	2	1	2			1
23	Frederico Mantey	3	1	2	2	1	2		1	
24	João Reguse	5	3	2	2	3	2		2	1
25	Carlos Stuhert	3	2	1	2	1	2		1	
26	João Dumke II	3	1	2	2	1	2			1
27	Augusto Ewald	3	2	1	2	1	2			1
28	Frederico Michelsohn	5	4	1	2	3	2		3	
29	Augusto Schuster	3	1	2	2	1	2		1	
30	Augusto Eickenberg	5	3	2	2	3	2		3	
31	Theophilo Timm	4	2	2	2	2	2		2	
32	Fernando Zamzow	3	1	2	2	1	2		1	
33	Augusto Venske	5	2	3	2	3	2		2	1
34	Guilherme Oerth	3	1	2	2	1	2			1
35	Theophilo Roebke	3	2	1	2	1	2		1	
36	Fernando Kohls	4	2	2	2	2	3	1		
37	Augusto Jandt	4	2	2	2	2	2		1	1
38	Carlos Müller	5	2	3	2	3	2		3	
39	Miguel Krüger	5	2	3	2	3	2	3		
40	Guilherme Krüger	4	2	2	2	2	2		2	
41	Henrique Manske	3	1	2	2	1	2		1	
42	Frederico Priebe	3	1	2	2	1	2	1		

43	Henrique Zickuhr	4	2	2	2	2	2	1	2	
44	Carlos Zanke	4	3	1	2	2	2		2	
45	Henrique Janke	4	2	2	2	2	2		2	
46	Guilherme Itner	5	2	3	2	3	2		2	1
47	Henrique Bloedorn	7	3	4	2	5	2	2	3	

Distrito do Rio Benedito (Margem Esquerda).

No	Dono	No			Sex		Est Civ		Idade			
		Hab	Mas	Fem	Casad.	Sol / Viúv	+ 20	10 a 20	1 a 10	até 1		
1	Carlos Blaese	4	2	2	2	2	2		2			
2	Carlos Dumke	3	2	1	2	1	2			1		
3	Augusto Dumke	3	1	2	2	1	2			1		
4	Carlos Krause	3	1	2	2	1	2			1		
5	Julio Maas	4	1	3	2	2	2			2		
6	Augusto Maas	6	5	1	2	4	2	1		3		
7	Guilherme Marquardt	7	3	4	2	5	3			4		
8	Ernesto Panten	5	1	4	2	3	2			3		
9	Carlos Wegner	5	3	2	2	3	4			1		
10	Guilherme Wegner	3	3			3	2					
11	Henrique Lissan	4	3	1	2	2	2			2		
12	Carlos Stiebert	3	2	1	2	1	2			1		
13	Augusto Starx	8	3	5	2	6	3	1		3	1	
14	Carlos Koepsel	7	5	2	2	5	2	2		2	1	
15	Luiz Roebke	5	3	2	2	3	2			3		
16	Guilherme Moebes	4	2	2	2	2	2			2		
17	Augusto Schulz	4	2	2	2	2	3	1				
18	Frederico Leitzke	4	1	3	2	2	3			1		
19	Augusto Duwe	5	2	3	2	3	5					
20	Frederico Duwe	2	1	1	2		2					
21	Guilherme Doburg	1	1			1	1					
22	João Neitzel	6	3	3	2	4	2	4				
23	Frederico Strelow	4	2	2	2	2	3			1		
24	Carlos Pinzke	5	1	4	2	3	2			2	1	
25	Augusto Ziebell	3	2	1	2	1	2			1		
26	Augusto Viebranz	3	1	2	2	1	2			1		
27	Carlos Leitzke	3	2	1	2	1	3					
28	João Manske	2	1	1	2		2					
29	Christiano Decker	5	2	3	2	3	2	1		2		
30	João Hempe	2	1	1	2		2					
31	Guilherme Karnholz	2	2		2		2					
32	Hermano Berniz	3	2	1	2	1	2			1		
33	Frederico Samp	4	2	2	2	2	2	1		1		
34	Guilherme Samp	1	1			1	1					
35	Carlos Manske	5	2	3	2	3	2			2	1	
36	Fernando Zumach	4	2	2	2	2	2			1	1	
37	João Tribess	4	2	2	2	2	2			1	1	

Distrito da Povoação do Rio Benedito

No	Dono	No Sex			Est Civ			Idade			
		Hab	Mas	Fem	Casad.	Sol / Viúv	+ 20	10 a 20	1 a 10	até 1	
1	Guilherme Fustmann	5	2	3	2	3	2		2	1	
2	Christiano Gebhardt	4	3	1	2	2	2	2			
3	Henrique Siebert	2	1	1	2		2				
4	Maria Bahr (viúva)	2	1	1		2	2				
5	Augusto Schleicher	3	1	2	2	1	2		1		
6	Othão Kowalski	4	1	3	2	2	2		2		
7	Augusto Feussel	2	1	1	2		2				
8	Adolfo Bernack	3	1	2	2	2	2		2		
9	Emilio Wendt	3	2	1	2	1	3				

Distrito de Rio dos Cedros (Margem Direita)

No	Dono	No Sex			Est Civ			Idade			
		Hab	Mas	Fem	Casad.	Sol / Viúv	+ 20	10 a 20	1 a 10	até 1	
1	Carlos Klitzke	2	1	1	2		2				
2	Carlos Hammermeister	4	1	3	2	2	2		2		
3	Augusto Adam	4	2	2	2	2	2		2		
4	Augusto Seiner	3	2	1	2	1	2		1		
5	Alberto Strey	2	1	1	2		2				
6	Carlos Kochlin	3	1	2	2	1	2		1		
7	João Wallow	5	2	3	2	3	4		1		
8	Alberto Strey	2	2		2		2				
9	Carlos Bertram	4	3	1	2	2	2	1	1		
10	Alberto Koffke	4	2	2	2	2	2		1	1	
11	João Klitzke	6	4	2	2	4	2		4		

Distrito do Rio dos Cedros (Margem esquerda)

No	Dono	No Sex			Est Civ			Idade			
		Hab	Mas	Fem	Casad.	Sol / Viúv	+ 20	10 a 20	1 a 10	até 1	
1	Carlos Noeremberg	3	2	1	2	1	2		1		
2	João Milbratz	5	2	3	2	3	3		2		
3	Carlos Jahn	5	2	3	2	3	3		2		
4	Fernando Klug	1	1			1	1				
5	Frederico Klug	5	2	3	2	3	4	1			
6	João Klug	3	2	1	2	1	2	1			
7	Carlos Klug	7	4	3	2	5	2	3		2	
8	Frederico Donner	2	1	1	2		2				
9	Christovão Kissner	8	4	4	2	6	2	2	4		
10	Carlos Tesch	4	2	2	2	2	2	2			
11	Augusto Starke	5	3	2	2	3	3		2		
12	Augusto Itner	9	4	5	2	7	2	5	1	1	
13	Frederico Kannenberg	3	1	2	2	1	2	1			
14	Guilherme Butzke	3	2	1	2	1	2	1			

15	Frederico Kleinschmidt	5	4	1	2	3	2	2	1	
16	Guilherme Rausch	6	4	2	4	2	4	1	1	
17	Carlos Rausch	2	1	1	2		2			
18	Julio Janz	1	1			1	1			
19	Frederico Janz	1	1			1	1			
20	Frederico Klitzke	4	2	2	2	2	2		2	

Distrito do Ribeirão da Mulde

No	Dono	Sex			Est Civ		Idade			
		Hab	Mas	Fem	Casad.	Sol / Viúv	+ 20	10 a 20	1 a 10	até 1
1	Frederico Jansen	6	4	2	2	4	2		3	1
2	Carlos Beckelberg	5	2	3	2	3	2	1	2	
3	Jozé Maul	4	3	1	2	2	2		2	
4	Francisco Sohmecher	3	2	1	2	1	2		1	
5	Carlos Kohls	5	3	2	2	3	2	1	2	
6	Christiano Hennig	4	2	2	2	2	2		2	
7	Augusto Hafemann	7	2	5	4	3	4		3	
8	Frederico Krieser	6	4	2	2	4	2		3	1
9	Carlos Abel	7	2	5	2	5	2	2	2	1
10	Theophilo Gollert	6	2	4	2	4	2	1	2	1
11	Theophilo Hokus	4	3	1	2	2	2		2	
12	Deodado Weise	8	4	4	2	6	4	4		
13	Carlos Manger	5	3	2	2	3	3	2		
14	Henrique Gross	9	5	4	2	7	6	3		
15	Carlos Oestreich	6	3	3	2	4	2	4		
16	João Strassburger	7	3	4	2	5	2	4	1	
17	Frederico Grimm	6	2	4	2	4	2	4		
18	Guilherme Mühlsserdt	5	3	2	2	3	2	3		
19	Guilherme Hannig	1	1			1	1			
20	Frederico Baers	6	1	5	2	4	2	4		
21	Henrique Puff	5	2	3	2	3	2	2	1	
22	Carlos Nielsen	8	3	5	2	6	2	4	2	
23	João Wessphalen	2	1	1	2		2			
24	Francisco Koehler	4	2	2	2	2	2		2	
25	Carlos Hofemann	6	4	2	2	4	2	2	2	
26	Frederico Will	4	2	2	2	2	2		2	
27	Theophilo Berg	4	3	1	2	2	2		2	
28	Guilherme Winter	4	2	2	2	2	2		2	
29	Frederico Wendt	2	1	1	2		2			
30	Frederico Keilhack	2	1	1	2		2			
31	Carlos Gessner	6	5	1	2	4	4	2		
32	Frederico Zieser	3	2	1	2	1	2		1	
33	Henrique Offe	6	2	4	2	4	2		4	
34	Guilherme Schell	5	2	3	2	3	2	1	2	
35	Henrique Weiss	2	1	1	2		2			
36	Guilherme Steinbrink	4	3	1	2	2	2		2	
37	Claudio Weiss	2	1	1	2		2			
38	Carlos Wagenknecht	6	3	3	2	4	3	3		
39	Gustavo Zoelfel	1	1			1	1			
40	João Suhr	5	2	3	2	3	2	1	2	
41	Marcus Sievers	1	1			1	1			

42	Hartwig Reese	3	1	2	2	1	2		1	
43	Claus Stammnerjohann	7	3	4	2	5	2		4	1
44	Marcus Weiss	6	2	4	2	4	2		3	1
45	Henrique Lohse	4	3	1	2	2	2		2	
46	Jayne Urban	6	2	4	2	4	2		4	
47	Godofredo Siewers	2	1	1	2		2			
48	Pedro Schramm	3	2	1	2	1	2		1	
49	Henrique Jahn	2	1	1	2		2			
50	Carlos Krüger	4	1	3		4	3	1		
51	João Barg	7	5	2	2	5	2	3	2	
52	Guilherme Nass	4	2	2	2	2	3		1	
53	João Severin	1	1			1	1			
54	João Westphalen	1	1			1	1			
55	Christiano Hafemann	2	1	1	2		2			
56	Rudolfo Kellermann									
57	Luiz Weise	1	1			1	1			
58	Bernardo Gessner	1	1			1	1			
59	Roberto Kreissig	4	2	2	2	2	2	1	1	
60	Ernesto Pieritz	2	1	1	2		2			
61	Carlos Gross	1	1			1	1			
62	Hermano Gross	2	2		2		2			
63	Henrique Becker	1	1			1		1		
64	Henrique Zernke	3	2	1	2	1	2		1	
65	Carlos Zöls	4	1	3	2	2	2		2	
66	Hermano Gessner	1	1			1	1			

Fonte: BLUMENAU, Hermann Bruno Otto. Estatística nominal dos habitantes existentes no fim de 1869. Blumenau: 14 Dez. 1870. Arquivo José Ferreira da Silva. Coleção Colonização, Pasta 02.34, Doc. 341. (Tradução e Transcrição: Cristina Ferreira).

Anexo 2. Lista dos Primeiros Timboenses que contribuíram para a fundação de uma Comunidade Evangélica Luterana em Timbó. (1885).

**Wilhelm Butzke
Wilhelm Raasch
Friedrich Kloehn
Carl Komohl
August Kleinschmidt
Carl Klitzke
Wilhelm Gaulke
Albert Isberner
Carl Raasch
Friedrich Kleinschmidt
Frau Kannenberg
Carl Milbratz
Fried Klitzke
Johann Tesch
Johann Klitzke
Carl Klug
Wilhelm Klug
August Jahm**

Fonte: WEINGÄRTNER, Nelso. Crônica da Comunidade Evangélica de Timbó. Blumenau: Gráfica 43, 1969

Anexo 3. Lista dos Sócios fundadores da Comunidade Evangélica de Timbó. (24/09/1887).

**Friedrich Adam
Wilhelm Adam
Julius Anklam
Carl Arndt
Wilhelm Butzke
Christian Decker
Friedrich Donner
Wilhewlm Erdmann
August Ewald
Wilhelm Gaulke
Achil von Gilsa
Heirich Becker
Hermann Berndt
Hermann Brandt
Wilhelm Brehmer
Albert Koffke
Albert Kohls
Carl Komohl
Hermann Krueger
Carl Kuglin
August Maas
August Marquardt
August Hammermester
Carl Hordina
Albert Issberner
Johann Itner
August Jahn
Carl Kannenberg
August Kleinschmidt
Friedrich Kleinschmidt
Hermann Kleinschmidt
Albert Klitzke
August Klitzke
Johann Klitzke
Carl Klitzke I
Carl Klitzke II
Carl Klitzke III
Friedrich Kloehn
Carl Klug
Friedrich Klug
Heinrich Klug
Hermann Klug
Wilhelm Klug
Carl Marquardt
Hermann Marquardt
Carl Milbratz
Lothar Neumester**

Carl Oldenburg
Carl Raasch
Wilhelm Raasch
Friedrich Radlow
Johann Reguse
Ferdinand Roepcke
Hermann Rodsolk
Carl Rothemburg
Julius Rux
Julius Scheidemantel
Ferdinand Strelow
Albert Strey I
Albert Strey II
Johann Tesch
Wilhelm Ullrich
August Venske
Wilhelm Vierbrantz
Wilhelm Zumach
Wilhelm Maas

Fonte: WEINGÄRTNER, Nelso. *Crônica da Comunidade Evangélica de Timbó*. Blumenau: Gráfica 43, 1969

Anexo 4. Primeiro Conselho Eleito para a Comunidade Evangélica de Timbó (24/09/1887)

Christian Decker - Presidente.

Julius Scheidemantel

W. Ullrich

H. Becker

C. Hordina

H. Krueger

H. Rotsolk

A. Strey

F. Donner

A. Hammermeister

H. Berndt

C. Kuglin

W. Klug

W. Maas

“Presidentes” regionais eleitos em 24/09/1887.

Cedro Margem Esquerda: W. Butzke.

Cedro Margem Direita: W. Maas

Benedito “acima”: A. Venske

Benedito “abaixo”: W. Ullrich.

(?): C. Rothenburg.

Fonte: WEINGÄRTNER, Nélso. *Crônica da Comunidade Evangélica de Timbó*. Blumenau: Gráfica 43, 1969

Anexo 5. Escolas Subvencionadas pelo Governo. (1934)

Escola	Professores	Categoria	Data da Nomeação	Matrícula		Frequência	
				Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
Alto Benedito Timbó	Carlos Groni	Provisório	14/05/1919	23	19	18.1	14
Cedro Alto	Anacleto do Nasc.	Idem	17/05/1919	20	23	15.1	21.8
Cedro	Marcelino Bona	Idem	21/01/1931	49	-	36	-
Encruzilhada	Irmã A. Avesoni	Idem	16/02/1931	44	-	40	-
Estr. dos Pomeranos	José Brancher	Idem	27/07/1929	45	56	40	52
Rodeio Benedito	Ernesto Pizzini	Idem	29/03/1921	26	17	21	14
Santa Maria	Aquilino Buzzi	Idem	01/08/1932	19	21	15.5	16.7
Tirolezes	Vitório Moretti	Idem	5/09/1931	26	36	18	25
Sede	Nestor Margarida	Normalista	05/09/1929	31	25	22.1	18.2
				283	197	229.8	161.7

Fonte: AREÃO, João dos Santos. *Relatório do Inspetor das Escolas Subvencionadas ao Ministro da Educação e Saúde*. Florianópolis, out 1934. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Relatórios Avulsos. 20-12. Caixa 70.

Fontes e Referências Bibliográficas

A. Fontes.

1. Arquivo José Ferreira da Silva. Blumenau

Blumenauer Volkskalender. 1933. Blumenau.

Blumenauer Zeitung. (traduções feitas por Edith S. Eimer).

Coleção Colonização. Documentos (1869-1884).

Der Urwaldsbote. (traduções feitas por Edith S. Eimer).

Inventário Municípios. Caixa de Documentos 44

Mitteilungen des Deutschen Schulvereins für Santa Catharina. Blumenau

Pequeno Histórico do Clube de Caça e Tiro Cedro. Fundado em 1935.

Relatórios dos Prefeitos e Superintendentes do Município de Blumenau 1899, 1903-1911, 1915, 1917, 1919-30.

Mapas

2. Biblioteca Pública de Santa Catarina. Florianópolis

A Comarca. 1939. Indaial.

O Correio de Timbó. 1936. Rodeio.

O Semeador. 1936-38. Rodeio.

O Correio do Norte. Indaial.

O Escudo. 1923 Rodeio.

3. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Florianópolis.

Falas dos Presidentes de Província de Santa Catarina.

Mensagens e Relatórios dos Governadores de Estado. 1900, 1906, 1907, 1912, 1924, 1936-41, 1943.

Relatório do Departamento de Educação. 1936-38,1940.

Relatório do Diretor do Grupo Escolar Polidoro Santiago.1944

Relatórios de Associações Escolares.

Relatórios de Inspeção Escolar. 1934, 1936-39.

Relatórios de Instrução Pública. 1891, 1896-97, 1902, 1904, 1929-30, 1932,

Relatórios Sobre Educação Popular. 1935.

Relatórios Avulsos.

4. Outras Fontes.

Estatutos da Comunidade Evangélica de Timbó.1887. Cópia.

Estatutos da Sociedade "Frohsinn". Timbó: Cópia

Estatutos da "Sociedade Dansante Alegria". Cópia

Lehrer Präparande in Timbó-Blumenau. Berlin, 12 jan 1938. Evangelisches Zentralarchiv in Berlin. Doc. 5/ 2508

Referências Bibliográficas

1. Livros

- BUZZI, Gelindo S. (org). **Álbum do Centenário de Timbó**. Timbó: s/e, 1969.
- CENTENÁRIO DE BLUMENAU (1850-1950)**. Edição da comissão de festejos. Blumenau: s/ed., 1950.
- CRISTOFOLINI, Horácio. **História da Igreja Católica em Timbó**. s/ Local, s/ editora, 1988.
- CRISTOFOLINI, Horácio. **Timbó e sua História Política. Timbó em Cadernos**. Timbó: Prefeitura Municipal, V. 1, p. 6-16, 1984
- D'ÁVILLA, Edison. **Pequena História de Itajaí**. Itajaí: Dehon, 1982.
- DIRKSEN, Valberto. **Viver em São Martinho. A Colonização Alemã no Vale do Capivari**. Florianópolis: Edição do Autor, 1995.
- DREHER, Martin. **Igreja e Germanidade. Estudo crítico da História da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil**. São Leopoldo: Sinodal, 1984.
- FICHER, Carlos. **História de Joinville: Subsídios para a Crônica da Colônia Dona Francisca**. 2 ed., Joinville: Imp. Ipiranga, 1965.
- FIORI, Neide Almeida. **Aspectos da Evolução do Ensino Público. Ensino Público e Política de Assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos Imperial e Republicano**. 2 ed., Florianópolis: UFSC, 1991.
- GERTZ, René. **O Integralismo em Santa Catarina. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina**. Florianópolis. 3ª fase, V. 5, p. 16-28, 1984.
- _____. **O Perigo Alemão**. Porto Alegre: UFRS, 1991.
- HANDELMANN, Heinrich. **História do Brasil**. 4 ed., São Paulo: EDUSP, 1982.
- HERING, Maria Luiza Renaux. **Colonização e Indústria no Vale do Itajaí. O modelo catarinense de desenvolvimento**. Blumenau: FURB, 1987. 328 p.
- HOLANDA, Sergio B. de. (Org). **História Geral da Civilização Brasileira**. 6 ed., São Paulo: DIFEL, 1985.

- KIESER, Daércio. Um Discurso para Justificar a Ação Bugreira.** Florianópolis: 1994. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.
- KILLIAM, Frederico. Sociedades e Associações em Blumenau.** IN: **Centenário de Blumenau. 1850-1860.** Blumenau: s/ e. , 1950.
- KLUG, João. Imigração e Luteranismo em Santa Catarina. A Comunidade Alemã de Desterro-Florianópolis.** Florianópolis: Papa-Livro, 1994.
- KORMANN, Edith. Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985).** Florianópolis: Paralelo 27, 1994.
- KREUTZ, Lúcio. O Professor Paroquial. Magistério e Imigração Alemã.** Porto Alegre: UFRS, 1991.
- MAESTRELLI, Sérgio R., BECKER, Celina M e HOLDERBAUM, Virson. A Extensão Rural na História de Timbó.** Florianópolis: ACARESC, 1988.
- _____. **Fatos e Imagens do Meio Rural de Timbó.** Timbó: Tipotil, 1992.
- MATTOS, Jacintho Antonio de. Colonização do Estado de Santa Catharina. Dados Históricos e Estatísticos. (1640-1916).** Florianópolis: Typ. D' O Dia, 1917. 241 p.
- MAYR, Ana Angélica Dantas Alves. Condições Sócio-Culturais da Preservação da Arquitetura Teuto-Brasileira em Timbó (S.C.).** Florianópolis, 1993. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.
- MONTEIRO, Jaecyr. Nacionalização do Ensino. Uma Contribuição à História da Educação.** Florianópolis: UFSC, 1983.
- MÜLLER, Telmo Lauro(Org). Nacionalização e Inigração Alemã.** São Leopoldo: Unisinos, 1994.
- OBERACKER Jr., Carlos. A Contribuição Teuta à Formação da Nação Brasileira.** 4 ed., Rio de Janeiro: Presença, 1985. 2 V.
- PELUSO Jr., Victor Antônio. Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina.** Florianópolis: UFSC, 1991.
- PETRY, Sueli Maria Vanzuita. Os Clubes de Caça e Tiro na Região de Blumenau. 1859-1981.** Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1982.
- PIAZZA, Walter F. A Colonização de Santa Catarina.** 2 ed., Florianópolis: Lunardelli, 1988.

RAMBO, Arthur Blásio. A Escola Comunitária Teuto-Brasileira Católica. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

RICHTER, Klaus. A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a Colonização do Interior de Joinville e Blumenau. 2 ed., Blumenau: FURB, 1992

ROCHE, Jean. A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1969. 2 V.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. Índios e Brancos no Sul do Brasil: A Dramática Experiência dos Xokleng. Florianópolis: EDEME, 1973.

SEYFERTH, Giralda. Imigração e Cultura no Brasil. Brasília: UNB, 1990.

_____. **Nacionalismo e Identidade Étnica. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.**

SILVA, José Ferreira da. A Imprensa em Blumenau. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina. 1977.

_____. **História de Blumenau. 2 ed., Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988.**

SILVA, Zedar Perfeito da. O Vale do Itajaí. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola / Ministério da Agricultura, 1954.

TERNES, Apolinário. História de Joinville; uma abordagem crítica. Joinville: Meyer, 1984.

_____. **História Econômica de Joinville. Joinville: Meyer, 1986.**

VICENZI, Victor. História de Rio dos Cedros. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1975

VICENZI, Victor. História e Imigração Italiana de Rio dos Cedros. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1985.

WEINGÄRTNER, Nelso. Crônica da Comunidade Evangélica de Timbó. Blumenau: Gráfica 43, 1969.

WILLEMS, Emílio. A Aculturação dos Alemães no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1980.

2. Periódicos.

Timbó em Cadernos. Timbó: Prefeitura Municipal de Timbó, 1984.

Blumenau em Cadernos. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Florianópolis

Jornal do Médio Vale do Itajaí. Timbó.

Revista Presença. Blumenau.